

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

MESTRADO



Dissertação

**As Raízes das Flores: Uma Etnografia
Entre Mulheres Ciganas em Pelotas, RS**

Gláucia Casagrande Peripolli

Pelotas, 2013

Gláucia Casagrande Peripolli

As Raízes das Flores: Uma Etnografia Entre Mulheres Ciganas em Pelotas, RS

Dissertação de mestrado apresentada
ao Programa de Pós-Graduação em
Sociologia da Universidade Federal de
Pelotas como requisito parcial para
obtenção do grau de Mestre em
Ciências Sociais.

Orientador: Prof. Dr. Rogério Reus
Gonçalves da Rosa

Pelotas, 2013

Dados de Catalogação da Publicação:
Bibliotecária responsável: Luciane Michel CRB10/2120

P445r Peripolli, Gláucia Casagrande
Título: As raízes das flores: Uma etnografia entre mulheres ciganas em Pelotas, RS / Gláucia Casagrande Peripolli. – 2013.

165 f.; 30 cm

Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Instituto de Sociologia e Ciência Política. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais. Universidade Federal de Pelotas, 2013.

Orientador: Prof. Dr. Rogério Reus Gonçalves da Rosa

1. Etnografia cigana 2. Identidade cigana feminina. I. Rosa, Rogério Reus Gonçalves da, orient. II. Título.

CDU 39(=214.58)

Banca Examinadora:

Profª. Drª. Begonã Gacía Pastor

Prof. Drª. Maria Catarina Zanini

Profª. Drª. Flavia Maria Silva Rieth

Prof. Dr. Rogério Reus Gonçalves da Rosa (Orientador)

AGRADECIMENTOS

Vejo meus estudos sobre o povo cigano como uma trajetória que se iniciou na graduação em História Licenciatura na Universidade Federal do Rio Grande. Vi no professor José Carlos Vieira Ruivo muito além de um orientador, foi quem me ensinou a sonhar e a me permitir. É um de meus exemplos de vida como pessoa, como professor e pesquisador que sempre viverá em minha memória e em todas as minhas realizações, pois nunca me esquecerei de suas palavras. Muito obrigada por ter sido para mim, a melhor experiência da minha graduação e ter me proporcionado muito além da concretização de uma monografia, a possibilidade de conhecer-me, permitir-me e superar-me.

No começo de minha trajetória enfrentei muitas dificuldades em conseguir um grupo cigano que viabilizasse minha pesquisa. Fui por muitos meses apenas uma menina teimosa que insistia em um “objeto” de pesquisa dito pelos professores como “absurdo” de ser pesquisado pelo seu nomadismo e pouca abertura a pessoas de fora do grupo. Fui guiada pela mão da querida colega de curso Maritza Dode, em 2009, até as casas em Pelotas.

Agradeço também à Universidade Federal de Pelotas e à CAPES pelo apoio que permitiram a conclusão do mestrado. Nesta Universidade encontrei apoio na orientação do Professor Doutor Rogério Reus Gonçalves da Rosa, a quem agradeço muito. Agradeço também a Professora Doutora Flávia Rieth pela contribuição nas discussões sobre gênero e família.

Agradeço imensamente a querida Professora Doutora Begoña Garcia Pastor, a quem admiro pessoal e profissionalmente, pela sua constante atenção e carinho.

Sou muito grata a meu amado pai, Celestino Peripolli, pelo constante apoio em meus estudos e incentivo e exemplo em ter a persistência de alcançar as metas que me proponho.

Agradeço muito também a todos os meus amigos e familiares queridos que me ajudaram nos diversos momentos de dificuldades fizeram parte desse mestrado. Em especial, um agradecimento a amiga Renata Bittencourt, constante inspiração nas questões musicais ciganas, trazendo seu conhecimento de vida em suas maravilhosas viagens. Reconheço a enorme ajuda de minhas amigas Mariane

Jaeger, Sabrina Altenhofen, Marcela Mejias, Maria Clara Hallal, entre algumas outras que também me guiaram pela reflexão de questões pessoais que se refletiram em profundidade nesse trabalho. Sou grata também pela companhia de Rosilei Dallmannem que, em uma das idas a campo, desencadeou a primeira vez que a cigana Orquídea se disponibilizou a me tirar o tarô.

Sou muito grata a meu namorado João Henrique Casara Borges, companheiro de uma das vezes que fiz observação participante em campo, ele também me auxiliou nas reflexões teóricas e na comprovação da efetividade das “dicas” ciganas dadas a mim.

Reconheço imensamente ao campo que me foi proporcionado nas casas e barracas. Lá conheci ciganas diferentes de todas que já havia entrado em contato anteriormente. Essas foram mulheres doces que me acolheram e abriram seus corações a mim.

Dedico este trabalho a memória de minha mãe e a todas as mulheres que admiro pela sua força e sua coragem ser a estrutura de sua vitalidade.

RESUMO

PERIPOLLI, Gláucia Casagrande. **As Raízes das Flores: Uma Etnografia de Mulheres Ciganas em Pelotas, RS.** 2013. Dissertação (Mestrado) -Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais. Universidade Federal de Pelotas, Pelotas.

Partindo de conceitos como identidade, família e das construções de femininos possíveis, percebe-se o contexto e a riqueza cultural cigana por meio da história do povo cigano e do passado coletivo do grupo que foi feito etnografia. A mulher, em suas relações familiares e sociais, expressa os signos de seu grupo. Por meio da análise do indivíduo em si e do meio social que este se insere, estudaram-se diferentes formas de conceber a identidade cultural e, posteriormente, a conservação da memória (do coletivo e individual). A identidade reflete-se em sua sociabilidade e núcleo familiar, na voz das mulheres de cada geração. Por meio das trocas e da interação com o grupo pode-se entender essa dinâmica identitária da “*brasileira*” pesquisadora e das mulheres ciganas havendo uma troca de inter-subjetividades. Avó, mãe e filha permitem, por meio de observação participante, presenciar as tradições em sua nostalgia do que não se pratica mais e, em seu cotidiano, do que ainda é presente.

Palavras-chave: Mulher Cigana – Identidade – Etnicidade – Família – Trocas.

ABSTRACT

PERIPOLLI, Gláucia Casagrande. **As Raízes das Flores: Uma Etnografia de Mulheres Ciganas em Pelotas, RS.** 2013. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais. Universidade Federal de Pelotas, Pelotas.

Considering concepts such as identity, family and framing the female character we can understand the gypsy social context and their cultural treasure through the history of its people and, more specifically, the past, as a group, of the gypsy people we studied in order to conceive the following paper. The gypsy women, in her social and family contexts, shows her group signals. By analyzing the individual itself and its social environment, we study different forms of understand the cultural identity and, after that, preserve the social and individual memory. The identity reflects on their sociability and household according to the voice of each generation women. By exchanging presents and interacting with the group is possible to understand the identity dynamics between the Brazilian researcher and the gypsy women as a commutation of intersubjectivities. Grandmother, mother and daughter allow us, through participant observation, to experience their tradition, especially in the nostalgia of the past traditions, and also of the current manners.

Keywords: Gypsy woman, identity, ethnicity, family, exchanging.

LISTA DE ANEXOS

Anexo 1: Genealogia Parentela Narciso	155
Anexo 2: Mapa dispersão cigana pela Europa.....	157
Anexo 3: Mapa do Brasil: Estados e Capitais.....	158
Anexo 4: Mapa do Rio Grande do Sul: Municípios.....	159
Anexo 4: Legendas Mapa do Rio Grande do Sul: Municípios	160
Anexo 5:: Benção/Oração Santa Sara	161
Anexo 6: Lista de pedidos de Orquídea	162
Anexo 7: Anúncio de dona Jaqueline	163
Anexo 8: Lista de pedidos de Tulipa	164

LISTA DE IMAGENS

Im. 1:Chá de dona Margarida: Fotografias de Gláucia Peripolli. Outubro/2009.	28
Im. 2: Sementes Abençoadas. Fotografias de Gláucia Peripolli. Julho/2008.	64
Im. 3: Chá Seco. Fotografias de Gláucia Peripolli. Outubro/2008.	64
Im. 4: Tecido I. Fotografias de Gláucia Peripolli. Maio/2010.	86
Im. 5: Tecido II. Fotografias de Gláucia Peripolli. Agosto/2010.....	87
Im. 6: Tecido III. Fotografias de Gláucia Peripolli. Abril/2011.	88
Im. 7: Lenço com flores do casamento. Fotografias de Gláucia Peripolli.	112
Im. 8: Lembrança de Festa de Quinze Anos I. Fotografias de Gláucia Peripolli. Abril/2011.	114
Im. 9: Lembrança de Festa de Quinze Anos II. Fotografias de Gláucia Peripolli. Abril/2011.	115
Im. 10: Tecido IV. Fotografias de Gláucia Peripolli. Março/2012.....	130

CONVENÇÃO

Os trechos transcritos de entrevistas, cedidas pelos interlocutores da pesquisa, foram destacados em *itálico*.

SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....	13
CAPÍTULO I – ETNICIDADE, NOMADISMO E IDENTIDADE CIGANA.....	25
À MEMÓRIA DA BENÇÃO SAGRADA DA MÃE.....	27
1.1 A IDENTIDADE CIGANA.....	33
1.2 GRUPOS ÉTNICOS.....	36
1.3 OS CIGANOS NA ESTRADA.....	40
1.4 A ORIGEM E DISPERSÃO CIGANA.....	45
1.5 OS CIGANOS NO BRASIL.....	50
1.6 O PASSADO E O PRESENTE DOS CIGANOS EM PELOTAS.....	53
CAPÍTULO II– A IMAGEM DO FEMININO E OS CAMINHOS DA SOCIABILIDADE.....	57
A LONGA ESTRADA.....	59
2.1 O RETRATO DAS MULHERES EM SEU BAIRRO.....	64
2.2 O TRABALHO DE CAMPO E A HISTÓRIA DE VIDA.....	68
2.3 A IDENTIDADE FEMININA E A IMPORTÂNCIA DA FOTOGRAFIA.....	71
CAPÍTULO III – A TRADIÇÃO DA CULTURA NA FAMÍLIA E NA MULHER CIGANA.....	76
A MEDIAÇÃO DA SACERDOTISA.....	78
3.1 A FORMAS QUE SE SEPARAM.....	85
3.2 A FAMÍLIA CIGANA.....	92
3.3 O TRABALHO E A CURA.....	98
3.4 A CIGANA SACERDOTISA.....	102
CAPÍTULO IV – AS CONSTRUÇÕES DE FEMININOS E O SEU DINAMISMO.....	106
APRENDENDO A DANÇAR.....	108
4.1 O CASAMENTO E A ENTRADA NA VIDA ADULTA.....	113
4.2 A MATURIDADE CIGANA.....	123
4.3 ENCONTRANDO NOSSOS LAÇOS.....	129
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	140
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:.....	148
ANEXOS.....	155

CONSIDERAÇÕES INICIAIS



CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A partir da presente dissertação pretende-se estudar o cotidiano das famílias ciganas residentes na cidade de Pelotas, Rio Grande do Sul, Brasil. Estas pessoas estão em trânsito por esse espaço, bem como pelas cidades gaúchas de Bagé, Herval, Piratini e Rio Grande, além de outros estados, como Santa Catarina, Paraná e São Paulo.

Tendo em vista a crescente tendência à fixação dessas famílias, serão abordados os motivos que levam à escolha dessas localidades e o bem-estar buscado pelos membros, em especial, pelo universo das mulheres ciganas maduras¹¹ e jovens que me receberam com tanto carinho, permitindo-me no convívio e na observação “trocas” de grande riqueza.

Ou seja, nesse estudo tem-se como foco uma perspectiva de gênero: a mulher cigana dentro de seu universo familiar. A partir delas serão acessadas as diferentes visões de mundo do grupo, os rituais de manutenção (e atualização) das memórias, a nostalgia das tradições que se transformaram na sucessão histórica dessas pessoas. Sendo assim, serão apresentados os modos de vida dessas mulheres conforme a sua faixa etária: as ciganas de idade madura e as ciganas adolescentes.

Assim, espera-se reconhecer o espaço conquistado pelos ciganos e seus descendentes, como portadores de uma identidade e como operacionalizadores dessa dinâmica e a formação da mesma. As perspectivas sobre a *ciganidade* e a família passarão a ser particularizadas ao longo desse texto.

A intenção será coletar, a partir dos relatos das mulheres ciganas, a trajetória de seus antepassados — as famílias acompanhadas consistiam em até três gerações, cujo foco principal está na avó — as descrições sobre seus deslocamentos, assim como, as motivações que orientaram as escolhas dos lugares e as vivências cotidianas associadas.

Na atualidade, situa-se o estudo entre 2009 e 2012. Através de contatos intermitentes, interagi com ciganos que percorreram as cidades da metade do sul do

¹¹ Ciganas casadas já com filhos em idade adulta, muitas vezes já avós.

estado do Rio Grande do Sul e que se encontrava em Pelotas, vendo o nomadismo dessas famílias e sua crescente fixação na cidade, geralmente residindo na periferia — bairro Fragata.

Com o passar do tempo, ao invés de cavalos, os automóveis passaram a conduzir as suas caravanas. Embora tenham mudado alguns aspectos, a cultura cigana conserva características próprias bastante fortes. Historicamente, o povo cigano participa de nossa sociedade, agregando os seus valores simbólicos ainda pouco conhecidos. Tais valores se põem como meio para vislumbrar suas particularidades, percebidas como referência e orgulho desse povo.

A cultura cigana é ligada ao campo da oralidade, que se faz uso por meio da produção e da valorização dos registros de suas memórias de sua trajetória de vida e de seu cotidiano em suas moradias. Por meio dessa cultura oral tão importante na cultura cigana, quando quiser entender uma mulher cigana, se deve perguntar como foi sua mãe e ouvir com atenção², pois quanto mais uma filha sabe sobre a vida de sua mãe mais forte é essa relação, como se revela nas histórias das comidas, das receitas de preparação dos pratos típicos. A partir dos temperos diferenciados da culinária “*brasileira*”, a cozinha cigana envolve, sobretudo nas grandes comemorações, ligações muito fortes, assim como a silenciosa nostalgia que revela assuntos inacabados.

As percepções da memória trazem também a formação da identidade. A filha busca na mãe não apenas o seu passado, mas o seu reflexo, o exemplo que vai seguir, ou o desejo pelo seu inverso. A continuidade mãe-filha para a completude da identidade do feminino é a importância pessoal para a realização desse trabalho.

Uma cigana é indivíduo e é o grupo cigano: o “eixo” tanto no ambiente familiar quanto na sociedade, na casa e na barraca. Ela representa além de sua individualidade, um contexto, um conjunto de valores que representam seu grupo. O mistério e o sagrado são atribuídos a ela, a sua tribo e a sua origem. Para além do indivíduo em si, a cigana é também ligada à sociabilidade da família em seu contexto interno e externo.

Em nosso convívio as ciganas me revelaram segredos que fui aconselhada, durante o período de orientação acadêmica, a não divulgar para não expô-las. Para

² DIAMANT, Anita. *A tenda vermelha*. Rio de Janeiro: Sextante, 2001.

a preservação da identidade dessas mulheres, que se abriram em seus mistérios, intimidades e sonhos, escolhi não apresentar as fotos tiradas em campo e também optei pela troca de seus nomes reais por nomes simbólicos de flores. Percebi grande valorização por parte das ciganas da beleza e do colorido desse elemento, sempre muito ligado a imagem de feminilidade, também presente em suas lembrancinhas e decorações de festas e domésticas. As flores eram muito requisitadas a mim enquanto presentes. A utilização na indumentária era muito frequente, elas adoravam vestidos e saias floridas, joias eram moldadas em flores, havia ampla utilização para enfeites de cabelo, presilhas, grampos e lenços.

Apresento a seguir uma caracterização do conjunto dessas mulheres que tive contato, para ficarem mais viva ao longo do texto as diferenças e semelhanças entre elas, a qual geração fazem parte e as relações mais diretas de familiares e formações de grupos domésticos, lembrando que todas pertencem à mesma parentela, Narciso, conforme a genealogia exposta no Anexo 1.

A principal cigana, a que tive o primeiro contato e quem mais me acolheu no campo durante o tempo de pesquisa, é dona Margarida. Por meio dela vislumbrei suas histórias e memórias e, posteriormente, foram-me apresentados os demais contatos familiares e com outras ciganas. Dona Margarida é uma cigana muito alegre e carinhosa, com fortíssimo sotaque da língua cigana, ela me acolheu com um papel de mãe em nossa relação. Ela é matriarca e pilar de sua família, na casa dos sessenta anos de idade. Dona Margarida, com seus dentes de ouro, muitas joias e andar lento, adora mostrar os trajes e as danças ciganas. O único homem que após muito tempo se aproximou de mim foi o seu esposo, seu Lírio, em um tratamento de figura paterna me perguntava como estava e tinha comigo conversas em clima de jocosidade ocasionalmente. Seu comportamento comigo era sempre de zelo e respeito, seu Lírio era normalmente bem humorado e carinhoso com todos, porém havia algumas situações, que a princípio me assustavam, em que presenciei seu Lírio exaltado, gritando furioso em discussões familiares e de fechamento de negócios de suas vendas e trocas de carros, com o passar do tempo aprendi que este era um comportamento comum cigano: gritar quando se quer ser ouvido, não indicando propriamente fúria ou raiva, mas só forma de se expressar, o que me fez ter mais carinho por esse senhor, pois vi que em suas falas exaltadas ele, além de tudo, expressava alegria e amor à família.

Com uma vida bem estruturada de trabalho árduo e zelo do marido, dona Margarida tem uma família estável e feliz com seu esposo e seus filhos: Semânia, Cravo e Papoula. Dos seus três filhos, o que mais convive em sua casa é Cravo, apesar de residir em Piratini passa bastante tempo com os pais em Pelotas. Com um casamento feliz e estável economicamente graças à herança dos negócios do pai de revenda de carros e peças, Cravo é casado com Orquídea, uma nora amável para dona Margarida e seu Lírio. Orquídea tem cerca de trinta e cinco anos, loira, corpo *“forte de cigana trabalhadeira”*, como diz dona Margarida orgulhosa da nora que é mãe de três de seus netos, Crisântemo, Hibisco e Camélia, três crianças adoráveis sempre muito carinhosas comigo, sobretudo a menina. Orquídea e eu tínhamos uma relação de amigas na qual ela me aconselhava espiritualmente devido a suas atividades de trabalho como consultora e guia.

Outra filha de dona Margarida, Papoula, uma moça simpática de aproximadamente trinta anos, casada e mãe de duas meninas pequenas. Papoula residia próxima a Santa Maria o que a afastava de dona Margarida: a moça a visitava poucas vezes ao ano e não tive muita convivência com ela. O afastamento gera imensa saudade em dona Margarida. Nossa relação era de comparação de aparências físicas e personalidade: ambas éramos vistas como tímidas e meigas, tínhamos uma estrutura física de mulheres pequenas e magras, nossos olhos e cabelos eram próximos (embora Papoula aderisse às “luzes” e mechas loiras, depois de alguns anos). Tal aproximação física com Papoula me proporcionou maior laço de aproximação com dona Margarida. Irmã de Papoula, Semânia também residia longe da mãe dona Margarida, em Bariri, São Paulo. Era uma bela cigana de aproximadamente quarenta e cinco anos, muito parecida fisicamente com dona Margarida no cabelo loiro, traços faciais e jeito de vestir-se. Era feliz no casamento e ostentava proteção do marido financeiramente por suas joias e dentes de ouro. Eu tinha uma relação superficial com Semânia, pois normalmente ela se ocupava com muitas atividades na rua, fazendo compras e passeando com o marido, sobrando pouco tempo em casa para que convivêssemos. Semânia tem duas filhas, a mais nova com cerca de sete anos, Cravina, uma criança muito ativa e desinibida, esperta e falante, e a filha mais velha com cerca de vinte anos, Violeta, uma jovem com muitos sofrimentos e divorciada, “abandonada pelo marido”, com duas filhas pequenas de cinco e três anos cada. Violeta era morena, rosto com olhos bem

expressivos e característicos ciganos, corpo esguio e alto. Adorava usar vestidos coloridos e me dar dicas de como ser mais bela e feminina. Nossa relação era de amigas bastante próximas, trocávamos segredos e conselhos sobre comportamento, vestimenta, maquiagem, sexualidade e objetivos de vida.

Outra mulher de grande relevância que residia na casa de dona Margarida era Petúnia, que pedia para ser chamada de Cerejeira, ela tinha cabelo grisalho e uma barriga que gostava de mostrar levantando a blusa, rindo e dizendo que era *“magrinha e pequeninha”* que nem eu quando nova. Com cerca de cinquenta e cinco anos, sempre demonstrava bom humor e alegria. Cerejeira foi a única cigana que presenciei estar solteira em sua faixa etária. Ela relatava ter sido opção não ter casado e se dizia bastante feliz por não ter tido marido a quem obedecer. Irmã de dona Margarida se assemelhava com ela no carinho por mim e na simpatia: Cerejeira sentava-se e conversava por horas comigo, adorava contar histórias de lugares que já tinha viajado e como foi a sua infância, eu a via como uma professora. Ela adorava me ensinar sobre a cultura cigana e relatar suas memórias.

No grupo doméstico de dona Acácia, cunhada de dona Margarida, também convivi com algumas mulheres. Dona Acácia era uma cigana de aproximadamente setenta anos, já com saúde debilitada por problemas renais, porém se mostrando sempre alegre e rindo das histórias que me contava. Ela se distraía com minha presença embora no início de nosso contato se mostrasse receosa com a possibilidade da pesquisa comprometer sua família com a polícia ou Secretaria da Educação, o que ela associava ao fato de eu me apresentar como estudante de uma universidade federal. A filha de dona Acácia não gostava da minha presença pelo mesmo motivo, se negando a me receber todas as vezes que me via. Eu aproveitava suas ausências para ter contato com as outras mulheres. A nora de Dona Acácia, Tulipa, era uma cigana loira de quase trinta anos, com estrutura corporal acima do peso para os padrões “brasileiros”, mas considerado belíssimo aos padrões ciganos, alegre e risonha. Tinha um casal de filhos de três e cinco anos sempre a sua volta lhe puxando a barra da saia. Seu casamento não parecia feliz, o marido aparentemente a traía e não lhe providenciava devidos cuidados, o que pude observar pela simplicidade com que se arrumava, com poucas joias ao contrário das outras ciganas (significando poucos presentes por parte do esposo), e pelas moças mais novas da família, Dália e Íris, citarem ela e sua mãe como exemplo de

mulheres que sofriam com a infidelidade do casamento. Tínhamos uma relação de amizade fria, coleguismo, ela não sentia muita confiança em mim. Ao contrário da filha de dona Acácia que praticamente me expulsava de sua residência, as sobrinhas de Tulipa adoravam minhas visitas. Íris e Dália, de doze e quatorze anos, respectivamente, eram duas moças bonitas e espertas: ambas queriam continuar os estudos apesar da falta de apoio da família. Ainda eram solteiras, mas a família motivava-as a largar a escola e se dedicar aos cuidados da casa e das crianças pequenas. Eu servia de inspiração a ambas as moças e nossa relação era cercada de perguntas de como era minha vida. Elas gostariam de ter tido oportunidades como morar sozinha e sustentar-se tendo a escolha da possibilidade de estudo no futuro. Elas não desejavam o casamento juvenil da tradição cigana e viam em mim a possibilidade de seus sonhos serem renovados. A estrutura familiar dessa casa era notavelmente mais humilde que a de dona Margarida: as filhas e netas de dona Acácia se viam obrigadas a sair à rua para leitura de mão e venda de edredons, o que verá no Capítulo III ser obrigação da mulher cigana quando o marido não consegue prover seu sustento completo.

As casas ciganas geralmente eram sobrados com peças amplas lembrando barracas. Já a casa de dona Magnólia³ era uma casa com jardim, térrea. Próximo à sala onde sentava-se para realizar a entrevista, tendo uma ligação direta com ela, havia um pequeno corredorzinho que abrigava camas, tapetes e colchões no chão e sobre as mesas. Havia carros na frente e no terreno ao lado, onde também se encontrava uma grande barraca de familiares de Magnólia, onde morava Azaleia. Azaleia era uma cigana jovem, na faixa dos vinte anos, pele e cabelo moreno, casada a cerca de quatro anos e já com um casal de filhos pequenos de três e dois anos. Ela demonstrava muita alegria no casamento e com os filhos. Tinha ainda uma

³ Não cheguei a conhecer a cigana Magnólia. Quando fui a campo pela primeira vez ela estava doente e não me foi permitido o contato. A comunidade cigana manteve sua memória viva após seu falecimento, lembrando-se de sua enorme energia e alegria em vida. A lembrança de Magnólia ainda vive e registro o contato que a amiga que me apresentou a família cigana e me levou a “Rua dos Beduínos” pela primeira vez teve com ela: “Naquele momento da tarde, havia na casa uma mulher e umas dez crianças entre meninos e meninas e como descobrimos depois, entre netos e bisnetos. Magnólia foi a entrevistada que mais felicidade nos trouxe. Era uma senhora de 96 anos que tinha alegria de viver e bom humor, apesar de ouvir mal. Uma neta de suas netas uns 13 anos talvez, a qual não tivemos oportunidade de perguntar o nome, mas aqui passaremos a chamá-la de Suzana, ajudou-nos na tradução. Todos os netos falavam um português sem alteração alguma e igualmente a língua falada pelos ciganos. Magnólia falava com seu sotaque, mas não tão carregado como o de dona Margarida.” DODE, Martiza & LIMA DA SILVA, Vanessa. *Ciganos: “mal feitores” invisíveis*. UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS, FACULDADE DE ADMINISTRAÇÃO E TURISMO - CURSO DE TURISMO. Trabalho referente a avaliação da disciplina Antropologia II. Pelotas: 2007.

vida nômade, morando em barracas, viajando por estados como São Paulo, Paraná, Santa Catarina e voltando periodicamente ao Rio Grande do Sul, local que agora se fixaria, também em Pelotas, próximo a mãe, Hortência, que residia na casa ao lado com a avó Prímula e a bisavó de Azaleia, Magnólia. Azaleia mantinha comigo uma relação de amiga, gostava de contar histórias e de me ensinar sobre o idioma cigano. Azaleia tinha uma cunhada “*brasileira*”⁴, Lavanda, que conversei poucas vezes, e percebi que eu era vista como ameaça a ela, a moça não se sentia confortável em ser simpática comigo, encerrando as conversas abruptamente e, por vezes, ignorando a minha presença ao seu lado como fazia os homens ciganos. Ouvia Lavanda sempre reclamando da falta de liberdade ou revelando grande nostalgia de sua época de solteira, para mim e para outras ciganas e deduzi com o tempo que seu casamento poderia ser curto: ela se via frustrada e presa ao lar, se sentia muito julgada pela sua família, devido ao seu comportamento e amizade com “*brasileiros*” e “*brasileiras*”. A mãe de Azaleia, dona Hortência, era uma cigana de meia idade, aproximadamente quarenta anos, morena, sorridente como a filha e discreta em suas roupas preferindo trajes lisos coloridos, ao invés da maioria das ciganas que tinham preferência por estampas. Dona Hortência foi muito amigável, apesar de ter desconfiado das intenções no início do trabalho de campo e questionando várias vezes se as perguntas às quais respondia não fariam mal a ela. Dona Prímula, com quase sessenta anos, personificava a caricatura de uma cigana alegre e com imensa vivacidade. Loira, acima do peso, com roupas muito coloridas e estampadas, inquieta não parava sentada muito tempo comigo. Sempre sorrindo e fazendo gracejos me convidava para entrar e levava até Hortência, dizendo-se ocupada se retirava de repente voltava rindo alto e me fazendo inúmeros questionamentos, infinitamente maiores do que os que eu conseguia fazer a ela.

Entre todas as ciganas que convivi a única que se apresentava com curso superior completo era Orquídea. A moça “*brasileira*” casada com o irmão de Azaleia

⁴ Observa-se no grupo cigano a designação de “*brasileiros*” e “*brasileiras*” aos não ciganos, não tendo seu grupo uma designação propriamente dita de nacionalidade, mesmo os que têm consciência de seu nascimento em território do Brasil ou Uruguai, como observado em todas as famílias estudadas, conforme observado em campo. “Para se referenciar aos não-ciganos, eles utilizam denominações como gorgios, na Inglaterra; gadjé, nos Estados Unidos e países da Europa; gajões ou gadjos, gadji, no Brasil; chibans, na Argentina; e payos ou busnés, na Espanha.” PEREIRA, Cristina da Costa. *Os ciganos ainda estão na Estrada*. Rio de Janeiro: Rocco, 2009. P. 26. Ou ainda “payos”, na Espanha, de acordo com PASTOR, Begoña Garcia. “*Ser Gitano*” *Fuera y dentro de La escuela: una etnografía sobre La educación de La infanciagitana em La ciudad de Valencia*. Consejo Superior de Investigaciones Científicas, s/d.

estava no meio do curso, percebendo que após o casamento não dispunha de mesmo tempo de estudo e dedicação à universidade que tinha quando solteira, também não tinha previsão de formar-se logo.

As ciganas de mais idade como dona Margarida, Cerejeira, dona Acácia, dona Prímula e dona Hortência são analfabetas sem qualquer escolaridade. Em suas infâncias as famílias praticavam o nomadismo sem a obrigatoriedade da manutenção das crianças na escola, prática que diminuiu com o tempo e nos dias de hoje não mais existe: as crianças vão à escola, embora não seja estimulada a conclusão do ensino Médio. Azaleia e Tulipa concluíram apenas o ensino fundamental. Íris e Dália apresentavam vontade de seguir nos estudos, mas em minhas últimas idas a campo Dália havia sido retirada da escola por reprovar nas séries repetidamente e estar com idade avançada (quatorze anos na quinta série).

A partir do método etnográfico, tendo observado o cotidiano dessas mulheres em suas casas e pelas ruas, além de escutar suas narrativas que demarcam a sociabilidade cigana, a que presenciei ou a que conheci através da oralidade — como o *Abiéu*⁵, a Festa de Quinze Anos das Moças, o Dia de Finados, o Dia de Nossa Senhora Aparecida, a Sexta-Feira Santa, o Domingo de Páscoa, o Natal e o Ano Novo — abordarei os conceitos de identidade, família e feminino cigano, bem como, território.

Isto é, por meio da observação participante e por descrições etnográficas, darei espaço para as falas dessas mulheres sobre seu cotidiano, suas vivências e suas memórias. Da mesma forma, serão compreendidas suas noções de território e nomadismo, noções que são apresentadas pelas próprias mulheres como fundamentais para a sobrevivência dessas pessoas enquanto um povo.

Também nas falas das diferentes gerações — as ciganas maduras e as ciganas jovens — coletadas por mim nas situações de diálogo com elas pude refletir sobre as relações sociais estabelecidas por essas mulheres, às diferentes perspectivas geracionais e a construção da identidade feminina nesse grupo para mim tão especial.

⁵ Grande festa de casamento cigano que normalmente tem a duração de três dias. PEREIRA, Cristina da Costa. *O povo cigano*. Rio de Janeiro: Gráfica MEC Editora, 1986. P.59

Vê-se, a partir de Roberto Cardoso de Oliveira⁶, o constante processo de transformação do pesquisador a partir da escrita. Examinando o “olhar”, o “ouvir” e o “escrever”, esse antropólogo brasileiro entende a interação constante entre essas faculdades, percebendo as transformações que são propiciadas ao pensamento na contribuição do ato de escrever. Sendo que, em sua opinião, o ato de escrever e o de pensar são de tal forma solidários entre si que, juntos, formam praticamente um mesmo ato cognitivo.

Nesse caso, isso significa que o texto não espera que seu autor tenha primeiro todas as respostas para, somente então, poder ser iniciado. Entende-se que na elaboração de uma boa narrativa, o pesquisador, de posse de suas observações devidamente organizadas, inicia o processo de textualização — uma vez que essa não é apenas uma forma escrita de simples exposição, pois há também a forma oral —, concomitantemente ao processo de produção do conhecimento. Não obstante, sendo o ato de escrever igualmente cognitivo, esse ato tende a ser repetido quantas vezes for necessário; portanto, ele é escrito e reescrito repetidamente, não apenas para aperfeiçoar o texto do ponto de vista da forma, como também para melhorar a veracidade das descrições e da narrativa, para aprofundar a análise e para consolidar os argumentos⁷.

Além disso, nessa dissertação de mestrado procurarei mostrar a minha inserção junto às famílias ciganas, a influência que senti e que exerci no cotidiano dessas pessoas e no aprendizado da cultura cigana, devido o contraponto que a minha realidade, enquanto estudante e pesquisadora propiciava a essas mulheres.

Para entender as influências nas formações de identidades complementares buscarei em Marcel Mauss⁸, em particular, nas práticas do “dar”, “receber” e “retribuir”, a reflexão para as alianças que se formaram nesse convívio, afinal se mostrará que as óticas de mundo de cigana e de eu, enquanto “*brasileira*”, se complementam.

⁶ CARDOSO de OLIVEIRA, Roberto. *O trabalho do antropólogo*. Brasília: Paralelo 15; São Paulo: Editora Unesco, 2006.

⁷ CARDOSO de OLIVEIRA, Roberto. *O trabalho do antropólogo*. Brasília: Paralelo 15; São Paulo: Editora Unesco, 2006.

⁸ MAUSS, Marcel. *Sociologia e Antropologia*. SP: Cosac & Naif, 2003.
MAUSS, Marcel. *Sociologia e Antropologia*. SP: EPU, 1974.

Nesse sentido, o antropólogo Roy Wagner⁹ demonstra a necessidade de o antropólogo incluir a si mesmo e seu próprio modo de vida em seu objeto, valendo-se dessa maneira de sua experiência pessoal, pondo-se assim em pé de igualdade com seu objeto de estudo, o pesquisador está ao mesmo tempo, inventando a cultura do outro e a sua própria, vinculando-se assim o singular e o particular o tempo todo, entendendo, dessa forma, assim como especifica Sérgio Adolfo e Fredrik Barth¹⁰, as diferenças e as aproximações da cultura tradicional cigana com a cultura dita pelos próprios ciganos como “*brasileira*”.

O que realmente diferencia os ciganos da sociedade nacional é, sobretudo sua língua e seu modo de ser. Os ciganos possuem uma clara noção de serem ciganos, mesmo sem conceito de origem étnica ou passado histórico, como se cada indivíduo nascesse possuidor de uma memória étnica já acoplada. Na verdade, é o processo de socialização que faz dele um cigano com tanta garra e orgulho. Sua educação é feita por contrastes e comparações. Primeiro contrasta-se o cigano com o gadjê (não cigano), no intuito de mostrar ao ciganinho o mundo gadjê como um mundo desorganizado e caótico, com pessoas sem noção de tradição ou passado histórico e também sem uma moral muito definida.¹¹

Grupos étnicos são categorias atributivas e identificadoras empregadas pelos próprios atores. Os grupos étnicos passam a ser vistos como formas de organização social. Quando as unidades étnicas são definidas como um grupo atributivo e exclusivo, a sua continuidade é clara. Ela depende da manutenção de uma fronteira. As características culturais que assinalam a fronteira podem mudar, assim como podem ser transformadas as características culturais dos membros e até mesmo alterada a forma de organização desse grupo. Apenas os fatores socialmente relevantes tornam-se importantes para diagnosticar o pertencimento, e não as diferenças explícitas e objetivas que são geradas a partir de outros fatores.

Por fim, esse estudo toma a etnografia como sua metodologia central na coleta de dados da pesquisa, pois por meio dela dar-se-á continuidade a essa “troca” de saberes e perspectivas de mundo.

⁹ A perspectiva do antropólogo é especialmente grandiosa e de longo alcance, pois o fenômeno do homem implica uma comparação com os outros fenômenos do universo: com sociedades animais e espécies vivas com os fatos que dizem respeito à vida, à matéria, ao espaço e assim por diante. WAGNER, Roy. *A invenção da cultura*. SP: Cosac & Naify, 2006. P. 27, 28

¹⁰ BARTH, Fredrik. *O Guru, o iniciador e outras variações antropológicas*. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2000. P. 33.

¹¹ ADOLFO, Sérgio Paulo. *ROM: uma odisséia cigana*. Londrina: Ed. UEL, 1999. P. 19.

Com relação à estruturação da dissertação de mestrado, no Capítulo I intitulado “Etnicidade, Nomadismo e Identidade Cigana”, privilegiarei a discussão de etnicidade, bem como, discussões sobre a origem e a história dos ciganos até chegar ao passado coletivo do grupo estudado em Pelotas, Rio Grande do Sul.

Esta discussão se prolongará no Capítulo II, esse denominado “A Imagem do Feminino e os Caminhos da Sociabilidade”, com um aprofundamento dos dados de campo e a importância do registro fotográfico.

No Capítulo III, chamado “A Tradição da Cultura na Família e na Mulher”, será visto, na compreensão dos conceitos, a identidade da família cigana dentro da estrutura familiar e de parentesco com suas possíveis construções de feminino, a sociabilidade em seus rituais de preservação de memória e de trocas.

Os relatos das mulheres ciganas e suas viagens, a transição da barraca para a casa fixa, o cotidiano doméstico e o peso das tradições através das gerações, compreenderão o Capítulo IV, denominado “As Construções de Femininos e seu Dinamismo”.

Por fim, antes da apresentação de cada Capítulo eu oferecerei estratos de meu diário de campo, bem como, reflexões de caráter antropológico e pessoal, buscando aproximar as mulheres ciganas, o saber científico e os meus sentimentos e sensações. As páginas iniciais de cada capítulo serão ilustradas por cartas de tarô, devido à grande importância que tiveram nas etnografias. Serão feitas breves legendas em nota de rodapé na última página de cada capítulo dos significados das cartas pelo que aprendi com o contato, sobretudo com Orquídea e pelo livro de Spacassassi¹² que auxilia no resumo do sentido das ilustrações do baralho de *Mademoiselle* Marie-Anne-Adelaïde Le Normand, utilizado pelas ciganas em suas consultas.

Cartas da capa: Carta, Raposa, Casa¹³.

¹² SPACASSASSI, Geraldo. *Baralho Petit Lenormand - Teoria & Prática*. São Paulo: Totalidade, 2007.

¹³ Cartas da capa:

27 - Carta (7 de Espadas): acontecimentos inesperados, revelações, convites. Ter cuidado e diplomacia.

14 - Raposa (9 de Paus): importância da flexibilidade e da sagacidade como qualidades essenciais à sua sobrevivência. Obrigação de enfrentamento de novos desafios.

4 - Casa (Rei de Copas): atenção à família e à relação afetiva tão necessária para que possa atuar no mundo. Desenvolver a sua autoconfiança e auto-estima.

CAPÍTULO I



“Ela usa milhares de nomes, milhares de tons de pele, milhares de trajes, sendo a padroeira de desertos, montanhas, estrelas rios e oceanos. Se existe na terra mais de seis bilhões de pessoas, ela, portanto chega a nós em literalmente bilhões de imagens. Contudo, no seu centro há apenas um único Coração Imaculado. Desde que saímos cambaleantes do Nevoeiro, eras atrás, temos o direito irrevogável a essa Grande Mãe. Desde tempos imemoriais que não existe em nenhum lugar uma força feminina de maior compaixão e compreensão para com as estranhezas e amorabilidade das variações fantásticas e indomáveis encontradas nos seres humanos. [...] Aos olhos da Mãe Abençoada, todos são dignos de amor, todas as almas são aceitas, todas têm uma doçura de coração, são belas aos olhos, dignas da consciência, de ser inspiradas, ajudadas, consoladas e protegidas - mesmo que outros meros humanos acreditem tola e cegamente no contrário.” (Clarissa Pinkola Estés)

“[...] Pensamos retrospectivamente através de nossas mães quando somos mulheres.” (Virgínia Wolff)

A Memória da Benção Sagrada da Mãe

O primeiro contato com os ciganos ocorreu em um sábado à tarde do mês outubro de 2009. Fui com uma colega do curso de História da Universidade Federal do Rio Grande, chegamos receosas às casas a referida colega sabia ser moradas de famílias ciganas. Fazia muito calor naquela tarde ensolarada. Vimos dona Margarida de longe na calçada de sua casa, com vestido longo e colorido em tons de azul.

Apenas dona Margarida falava conosco, as demais pessoas não se aproximaram em um primeiro momento. Logo a seguir surgiu nosso primeiro diálogo:

–A senhora é cigana?

–[Margarida] Ahhh sou sim, a “cigana loíra”, como me chamam por aqui, vem entra gurias, sentem aqui.

Assim falou dona Margarida convidando a entrar em sua casa e revelando o seu apelido, quando perguntei se era uma cigana, me recebeu com muito carinho, gostando da minha presença.

Conversamos sentadas, as três, em um dos sofás da parte de baixo da sua casa, um grande sobrado de cor alaranjada. O que vi na primeira impressão da casa causava estranhamento devido ao contraste com o modo com o qual estávamos acostumadas a viver: tudo era muito grande, sem paredes entre os cômodos, assemelhando-se a uma gigantesca barraca. Muitos sofás, tapetes,

e cadeiras no que seria a sala de estar; na cozinha, muitos eletrodomésticos, panelas e louças.

A partir de minha formação em História Licenciatura, referenciada pelo meu Trabalho de Conclusão de Curso, intitulado “A Identidade da Família Cigana: Nostalgia da Sociabilidade Utópica”, em 2010, eu fui incentivada à elaboração de um roteiro de questões a serem discutidas/respondidas.

Dona Margarida se dispôs a participar de meu trabalho e nos serve um chá para tomarmos no decorrer da conversa. As questões são respondidas seguindo a ordem estabelecida e essa senhora sempre nos presenteia com relatos de vida para exemplificar as questões, enriquecendo o depoimento com suas memórias de viagens, descrição dos partos de seus filhos e de como vivem hoje.

No momento em que pergunto sobre como é sua culinária e como são as refeições, ela prontamente levanta-se do sofá, disposto próximo a porta de entrada da garagem onde estávamos (na sala de estar), e vai até o freezer e me oferece um pão com múltiplos recheios: queijo, presunto, uvas passas, nozes, entre outros ingredientes que não identifiquei.

Ela me apresenta a fartura de sua família na cozinha: após o pão, oferece-me vários outros lanches, bolachas, bolos, pães com formato de trança, salame, geleias, frutas frescas, cremes de baunilha e chocolate e, novamente, o delicioso chá que tomávamos momentos antes. Dona Margarida compara o seu chá ao oferecido em “Caminho das Índias”, telenovela apresentada

nessa época no horário nobre da teledramaturgia da Rede Globo. Dona Margarida colocava as frutas na xicara, banana, maçã, uva, limão e algumas outras que ela tinha e fervia a água com uma mistura de cravo, canela e outras ervas que eu desconhecia. Serve-me já adoçado. Mostro na foto a seguir seu fascinante chá.



Im. 1

A nora de dona Margarida, Orquídea, é muito simpática, senta-se próximo a mim e conversa bastante comigo. Pergunto a ela sobre a tradição cigana, como é feita a comida, como é a vida da cigana mais jovem, como era antigamente.

Dona Margarida relata suas viagens quando mais jovem, as cidades que percorreu como Porto Alegre, Herval, Santa Rosa, Santa Maria, São Luiz Gonzaga, Passo Fundo, Caxias do Sul, e fora do Rio Grande do Sul, nos estados de Santa Catarina, Paraná, São Paulo, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Goiânia, e também fora do país na Argentina, Uruguai e Paraguai, e para onde ainda viaja: Piratini, Rio Grande, Bagé, São Borja, Quaraí, na fronteira com o Uruguai. (Ver anexos 3 e 4).

Também pergunto se dona Margarida tem lembranças das gerações anteriores por meio de relatos de seus familiares, de outras mulheres mais antigas de sua família. Dona Margarida diz que seus ancestrais vieram da Europa, de Montenegro. Já Orquídea afirma serem italianos (ver Anexo 2). Orquídea e dona Margarida afirmam que os costumes mudaram e hoje os ciganos estão mais próximos dos “brasileiros”. Agora, nas palavras delas, suas “danças e cantos raramente ocorrem, apenas em comemorações festivas, não mais com tanta frequência como no passado”.

Tirei fotos de dona Margarida, dançando, como é de sua vontade. Ela pede que eu a filme, contudo prometo fazer isso outro dia quando tiver com uma câmera melhor. O neto de dona Margarida, Híbisco, filho de Orquídea, fica em minha volta, pedindo que também tire fotos dele. Ele tenta chamar a atenção com truques de mágica com o desaparecimento de guardanapos.

Dona Margarida encerra o questionário prometendo-me que quando voltar ela lerá minha mão e tirará o tarô. Nossas “trocas” se iniciam. Ela me pediu que trouxesse presentes quando voltasse: pede-me um prendedor de cabelo e um hidratante. Em troca dos presentes, dona Margarida estava disposta a me engordar: ela oferece para levar para casa uma generosa porção de praticamente tudo que comemos ali.

Despeço-me de dona Margarida sendo afetuosa desde o princípio. Ela ri enquanto me dá a sacola com a comida embalada: “Oh, guria, tu é muito magrinha, tem que comer pra

ficar forte. Pequeninha prova esse daqui pra tí ver que é bom! Faz de conta que tá em casa, menina, come tudo”.

Então, com vinte anos de idade na época do nosso primeiro contato, era solteira. Impossível não perceber que as ciganas fazem uma espécie de etnografia de mim, assim como faço delas. Com o passar do tempo elas me observam atentamente: tenho em mim certa imagem de aparente fragilidade, moça franzina, baixa, magra, sorriso tímido, visível insegurança em meus óculos atrapalhados e, sobretudo, um imenso deslocamento de idade adulta-infantilizada. Isto é, sou vista como bastante jovem, como se fosse ainda uma criança pelas ciganas mais velhas, e muito velha para ser uma mulher solteira pelas ciganas de minha idade ou mais novas.

Demorei certo tempo a perceber que em mim coloca-se um paradoxo para o universo feminino cigano: uma mulher independente, solteira em minha faixa etária, estudante, pesquisadora, que não tem filhos para ensinar ou marido para me sustentar.

Dona Margarida nutre por mim cuidados que caberiam ao papel de mãe, preocupa-se comigo e me dá carinho, sente minha falta quando me ausento. Fico imensamente feliz e grata por tais gestos. Ela sabe que minha mãe faleceu quando eu era uma criança e que desde nova me vi sozinha.

Sem exemplo de papel feminino, cresci sozinha, mas agora me sinto agasalhada pelo papel de dona Margarida como mãe, a me cuidar, como uma grande Deusa que nunca deixa de olhar pelos que são seus filhos, como uma protetora eterna, laço de

amor que nutre a ambas, pois ela vê em mim também uma figura amada como uma filha. Quando atentei para isso tive a sensação de estar vendo um parente perdido havia muito tempo, naquele momento dona Margarida passou a ter uma importância imensamente maior, pois se tornou muito mais do que uma nativa disposta a me mostrar a cultura cigana e se tornou a figura de uma “Mãe Abençoada”. Essa figura supria, de certo modo, a falta de outra “Margarida”, que amarei por uma eternidade e que com os anos sinto tanta falta como se um abismo tivesse nos separado.

Percebi com o passar dos anos que as ciganas veem em mim a si mesmas quando mais jovens: o longo cabelo preto, o olhar inexperiente cheio de perguntas curiosas, o corpo magro de quem ainda não gerou filhos. Eu sou a criança que elas foram antes de casar. A criança que ainda não descobriu que é mulher. Elas me ajudariam, então, a descobrir como é ser mulher, a ser cigana, e eu teria, no papel de uma mãe, dona Margarida, a quem admirar e ter carinho.

1 ETNICIDADE, NOMADISMO E IDENTIDADE CIGANA

Cigano não tem pátria, uma coisa que é diferente. É uma coisa triste também porque parece que cigano nunca tem vez. É sempre apontado na rua. Isso é muito ruim. Mas eu gosto de ser cigana, adoro poder viajar. (Azaleia)

A seguir será trabalhada uma abordagem da identidade pelo foco étnico, estando nele presente os aspectos de identidade e construção de feminino. Também estará presente um estudo sobre a história da origem dos povos ciganos e suas principais migrações até a chegada ao Brasil e o encontro com o passado coletivo do grupo de Pelotas, Rio Grande do Sul.

1.1 A IDENTIDADE CIGANA

Como é percebido na voz de Azaleia, na epígrafe que abre esse capítulo, há uma estigmatização do povo cigano e também uma falta de “vez” que se pode entender como falta de cuidado ou chance de oportunidades para seu povo, seja por questões de seu nomadismo ou desapego de conceitos como “pátria”, da parte da sociedade envolvente.

O conjunto dessa fala representa um sentimento de grupo familiar para além da possibilidade de uma unidade enquanto nação, visto que não se considera “*brasileiro*” (ou “uruguaio”), “gaúcho” ou “paulistano”. Há apenas a denominação de “ciganos” como uma marca de sua origem e identidade.

A historiadora Nicole Martinez¹⁴ aponta que qualquer que seja seu país de origem, os “nômades” abrem diante de todos esse “temível abismo do inconsciente”. Relatando sobre um povo, cuja origem potencialmente não possui nem uma fixação e nem um passado de onde surgiu, o aspecto itinerante, sendo por vezes sinônimo de liberdade, ausência de cultura e mistério, segundo Martinez, torna-se impossível

¹⁴ MARTINEZ, Nicole. *Os Ciganos*. Campinas, SP: Papirus, 1989.

situá-los no tempo ou no espaço. Também para a etnóloga Claire Auzias¹⁵, os ciganos são reveladores de desigualdades e exclusões:

Os ciganos não são mais europeus do que americanos ou índios. Os Ciganos estão na Sibéria como na China. Estão sempre no avesso do cenário. Eles são a escória das sociedades dominantes, seja qual for a dominação. Onde estiver o Cigano há dominação. Os Ciganos são um revelador das desigualdades, das exclusões¹⁶.

Ainda para Auzias, “os ciganos não são identificáveis, não são idênticos. Guardam e conservam a sua invencível alteridade¹⁷”. A autora refere-se à diferenciação existente entre os múltiplos grupos ciganos e suas poucas interações com o meio exterior, sobretudo como forma de manterem-se coesos em torno de suas tradições.

Os Roms (já que é assim que se autodesignam desde a emancipação do Leste, onde se constituíram como movimento político) foram buscar este nome ao grupo cigano mais numeroso no Leste, depois de a palavra cigano ter reunido tudo o que o Leste europeu conta de desprezo cego e de subdesenvolvimento intelectual¹⁸.

Dessa maneira, percebe-se a palavra “cigano” como designando insulto. Os Roms são um dos quatro mais importantes e numerosos grupos ciganos do mundo, conforme destaca Cristina Pereira.

Cigano é uma denominação genérica que, indubitavelmente, pressupõe uma unidade, mas é preciso que se destaque que há grupos — rom, caló, sintó e manouche — e subgrupos — kalderash, macwaia (matchuaia), lovara, xoraxanó (horaranó) etc. — e que tal diversidade caracteriza-se, principalmente, pelo tipo de atividade exercida — caldeiraria, circense, negócios, musical etc. — e pelo convívio com os mais diversos povos do

¹⁵AUZIAS, Claire. *Os ciganos ou o destino selvagem dos Roms do leste*. Lisboa: Edições Antígona, 2001.

¹⁶Idem. P. 39.

¹⁷Idem. P. 45.

¹⁸Idem. P. 45.

munho. E, sobretudo, vale ressaltar que as diferenças dizem respeito mais a aspectos formais do que essenciais.¹⁹

Os Roms são o grupo cigano a qual pertencem os ciganos de Pelotas, falantes da língua *romani*. É importante também destacar que essa denominação não lhes é muito precisa, pelo menos para as famílias que tive contato. Porém, apesar da sua origem de pertencimento ao grupo Rom não ser explícita, seu conceito de identidade é bem nítida. Mas, pensando essa relação com a origem, Pereira indaga-se o seguinte:

O Rom nasce ou faz-se? Os naturalistas respondem que a “romanidade” é nativa; uma estratégia de proteção nas mudanças do século, em que a incerteza atual redistribui as cartas de uma convivialidade que tem dificuldade em alargar o seu horizonte, no milênio que se aproxima.²⁰

Isso quer dizer que a proteção da manutenção das tradições ciganas é feita pela alta taxa de natalidade, sendo estimulada pelas famílias, garantindo assim novas gerações para as quais serão repassadas a cultura. Assim, sempre existirão grandes números de indivíduos interagindo no grupo, ajudando-se mutuamente e garantindo sua sociabilidade.

Dessa forma, a identidade cigana tem origem no nascimento, havendo algumas exceções na inserção no grupo pelos casamentos mistos²¹, que podem acontecer, mas com ressalvas. Apesar da mudança cultural em alguns aspectos, a cultura cigana ainda conserva características próprias bastante fortes.

Historicamente, o povo cigano participa de nossa sociedade, agregando os seus valores simbólicos ainda pouco conhecidos. Tais valores se põem como meio para vislumbrar suas particularidades, percebidas como referência e orgulho desse povo. Percebe-se, diante da pluralidade cultural brasileira, a impossibilidade de

¹⁹ Também chamados de Gypsies: ciganos, do inglês. PEREIRA, Cristina da Costa. *Os ciganos ainda estão na Estrada*. Rio de Janeiro: Rocco, 2009. P. 11-12.

¹⁹ PEREIRA, Cristina da Costa. *Os ciganos ainda estão na Estrada*. Rio de Janeiro: Rocco, 2009. P. 48.

²⁰ Idem.

²¹ O aprofundamento da discussão sobre casamento cigano ocorrerá no Capítulo 4.

construir sociedades democráticas sem promover a participação de toda a cidadania²².

Os mecanismos de interação social, que são variados — por meio do trabalho, lazer, ritos, no modo de se mostrarem para o entorno social, com seus trajes, danças, música²³, trovas²⁴, contos e mistérios — descrevem como os ciganos passam a ser percebidos desde uma perspectiva externa da cultura do grupo e uma formação de sua identidade nas suas relações de sociabilidade. Sendo essa exterior e, por vezes, bastante diferenciada da que acontece dentro do grupo específico cigano, “encapsulando” e mesmo deformando, externando uma identidade fugidia à sociedade envolvente.

1.2 GRUPOS ÉTNICOS

No livro intitulado “Grupos Étnicos e suas fronteiras”, Barth²⁵ traz uma abordagem sobre a etnicidade e a persistência das fronteiras criadas por partes das unidades étnicas. O conceito de grupo étnico é a “unidade portadora de cultura” para concebê-lo como um “*organizational type*”. Conforme esse autor:

As distinções étnicas não dependem de uma ausência de interação social e aceitação, mas são, muito ao contrário, frequentemente as próprias fundações sobre as quais são levantados os sistemas sociais englobantes.²⁶

A etnicidade, de acordo com ele, é relacionada com essa organização dos grupos sendo atribuída pelos próprios agentes. As fronteiras são mantidas apesar da

²² PASTOR, Begoña Garcia. *¿Qué entienden las y los gitanos por educación?* In Cadernos de Educação. Ano 17, Nº 31. Faculdade de Educação PPGE, UFPel, 2008.

²³ O Cancioneiro (Calo) divide-se em Kambulin — As líricas, as amorosas; Cachardin — As elegíacas, as tristes e as Merendin — As fúnebres. Kamburlin: Venho trazer-te o meu pranto/Já que nada mais possuo,/Por sentir a tua falta,/No Meu chorar Contínuo. MACÊDO, Oswaldo. *Ciganos: Natureza e Cultura*. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1992. P. 61.

²⁴ Até nas flores se encontra/A diferença da sorte.../Umas, enfeitam a vida;/Outras, enfeitam a morte. Idem. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1992. P. 65.

²⁵ BARTH, Frederick. *Ethnic Groups and boundaries: The Social Organization of Culture Difference*. (org) Boston: Little Brown & Co. 1969.

²⁶ Idem. p. 186.

movimentação e intercâmbio entre eles, além do que delimitariam a posição do grupo ou indivíduos nas diversas relações.

Barth utiliza as fronteiras para compreender as dinâmicas do grupo. Ele dinamiza a identidade étnica afirmando que ela não é estática, pelo contrário, ela se transforma a partir das relações e como qualquer outra identidade, coletiva ou individual, dependendo do interesse ou contexto.

Pensando a genealogia da noção de identidade, ela deriva da raiz latina *idem*, implicando igualdade e continuidade. Encaixando a permanência em meio à mudança e a unidade em meio à diversidade, a identidade encontra-se ligada ao “individualismo”. A interação entre sujeitos e grupos, de acordo com Barth, permite “transformações contínuas que modelam a identidade, em processo de exclusão ou inclusão, determinando quem está inserido no grupo e quem não está²⁷”. Principalmente esses grupos se organizam a fim de definir o “eu” e o “outro”, manifestam-se de maneira a categorizar e a interagir com os outros. O autor recomenda que para entender as dinâmicas desses grupos seja necessário considerar as características que são significantes para os próprios atores.

De acordo com Barth²⁸, a etnografia permite compreender um momento do processo da construção de um tecido sociocultural em que a interdependência dos elementos presentes se torna visível. É visto como necessária a perspectiva diacrônica dos dados sociais: todos os dados culturais têm um passado e precisam ser compreendidos como resultado de um processo, onde estão em jogo vários elementos — e a força “heurística” dos significados que os nativos dão às suas interações é fundamental. De acordo ainda com essa perspectiva, é elementar resolver a legitimidade entre o tempo histórico e a tradição da história oral em uma análise diacrônica antropológica.

Em convergência com as idéias acima, para a pesquisadora antropóloga sobre educação e infância cigana em Valencia, da Universidad Jaume I, Begoña García Pastor, elementos de identidade, como adjetivos, também surgem e são observados em confronto com “o outro”, por meio da alteridade, na construção cultural da fronteira étnica. Nas palavras dela:

²⁷ BARTH, Frederick. *Ethnic Groups and boundaries: The Social Organization of Culture Difference*. (org) Boston: Little Brown & Co. 1969. p. 186.

²⁸ BARTH, Fredrik. *O Guru, o iniciador e outras variações antropológicas*. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2000.

A identidade cultural é construída com base nas diferenças entre os dois grupos e a forma de oposição tornou-se o "outro" no suporte negativo. A partir desta perspectiva, significativamente, a produção simbólica foi equivalente em ambos os grupos culturais. Foi muito revelador e divertido para eu comprovar como, ciganos e não-ciganos, utilizamos e construímos igualmente, mas opostos, personagens simbólicos para expressar o que consideramos ruim, fazendo por sua vez, alguém que sucita nossa rejeição.²⁹

Para Pastor, que teve nas crianças os “seus melhores mestres”, aproximando-se por meio delas das famílias e mantendo essa relação com vínculos de afeto, sendo o foco do trabalho em campo dessa autora o estudo sobre a infância cigana, há uma grande distinção entre “*gitanos*” e “*payos*” (da mesma maneira observada em campo a relação entre “ciganos” e “não-ciganos”, esses chamados de “brasileiros”).

Nas suas palavras, “desde muito pequenas, as crianças descobriam que há dois mundos: as coisas dos “*payos*” e as coisas dos ciganos³⁰”. Portanto, essas crianças assumiam uma postura de identidade cigana desde a infância. O orgulho dessa identidade se revelava à medida que Pastor percebia ser um insulto chamar o outro de “*payo*”.

Em Pastor³¹, percebe-se que são múltiplos os âmbitos sociais, onde se reforçam os prejuízos a oposição existente entre os ciganos e os “*payos*”, como exemplo, na família, na escola, nas tendas, na televisão, nos bares, no cinema, entre outros. Sendo que dentro do próprio grupo minoritário se observa o mesmo fenômeno: tanto um grupo étnico quanto o outro se utilizam dos substantivos “*payo*” e “*gitano*” como adjetivos pejorativos em certas ocasiões.

Nas palavras de Sergio Paulo Adolfo,

²⁹ Tradução Livre de: “El hecho de que la identidad cultural se construyera en base a las diferencias entre los dos grupos y de forma opositiva convertía “al otro” en portador de lo negativo. Desde esta óptica, significativamente, la producción simbólica resultaba equivalente en ambos grupos culturales. Fue muy revelador y divertido para mí comprobar cómo, payos y gitanos, utilizamos y construimos idénticos, aunque contrarios, personajes simbólicos para expresarlo que consideramos malo, convirtiéndolo a su vez en alguien que sucita nuestro rechazo.” PASTOR, Begoña García. “*Ser Gitano*” *Fuera y dentro de La escuela: una etnografía sobre La educación de La infancia gitana en La ciudad de Valencia*. Consejo Superior de Investigaciones Científicas, s/d. p. 172-173.

³⁰ Tradução livre de: “Desde muy pequeños, lās y los niños descubrían que hau dos muntos: lās cosas de payos y las cosas de gitanos.” Idem. P. 170-171.

³¹ Idem. p. 228-229.

O que realmente diferencia os ciganos da sociedade nacional é sobretudo sua língua e seu modo de ser. Os ciganos possuem uma clara noção de serem ciganos, mesmo sem conceito de origem étnica ou passado histórico, como se cada indivíduo nascesse possuidor de uma memória étnica já acoplada. Na verdade, é o processo de socialização que faz dele um cigano com tanta garra e orgulho. Sua educação é feita por contrastes e comparações. Primeiro contrasta-se o cigano com o gadjê (não cigano), no intuito de mostrar ao ciganinho o mundo gadjê como um mundo desorganizado e caótico, com pessoas sem noção de tradição ou passado histórico e também sem uma moral muito definida³².

Por sua vez, o antropólogo Roberto Cardoso de Oliveira³³ afirma que a “identidade contrastiva” parece se constituir na essência da identidade étnica, implicando a afirmação do “nós” diante dos “outros”. Nas palavras dele:

Quando uma pessoa ou grupo se afirmam como tais, o fazem como meio de diferenciação em relação a algumas pessoas ou grupo com que se defrontam. É uma identidade que surge por oposição. Ela não se afirma isoladamente³⁴.

Cardoso de Oliveira explica esse confronto entre identidades como um sistema de representações de conteúdo ideológico. Ou seja, assim como no exemplo de Pastor, a identidade étnica é criada pela “negação” da outra, sendo as “categorias étnicas formalmente papéis”, e, nesse sentido, somente muito indiretamente descritivas das características empíricas de grupos substantivos de pessoas. Desse modo, esse antropólogo explica a “cultura do contato” como um sistema de valores, classificando a si próprio e aos outros por meio de um “conjunto de representações” dos grupos³⁵.

³² ADOLFO, Sérgio Paulo. *ROM: uma odisséia cigana*. Londrina: Ed. UEL, 1999. P. 19.

³³ OLIVEIRA, Roberto Cardoso. *Identidade, Etnia e Estrutura Social*. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1976.

³⁴ Idem. P. 5-8.

³⁵ A “cultura do contato”, entendida principalmente como um sistema de valores altamente dinâmico, portanto susceptível de fornecer o “*rationale*” das “flutuações” da identidade étnica (ou, em outros termos, a lógica da manipulação dessa identidade), poderá permitir a elaboração de uma tipologia capaz de conter diferentes “culturas do contato” e de conformidade com a maior ou menor distância e “oposição” das culturas em conjunção, da maior ou menor tensão e conflitos entre os grupos étnicos em contato. Nesse sentido, essa “cultura do contato” pode ser mais do que um sistema de valores, sendo o “conjunto de representações” (em que se incluem também os valores) que um grupo étnico faz da situação de contato em que está inserido e nos termos da qual classifica (identifica) a si próprio e aos outros. OLIVEIRA, Roberto Cardoso. *Identidade, Etnia e Estrutura Social*. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1976. P. 23

A antropóloga Silvia Caiuby Novaes³⁶, que pesquisou entre o Bororo, do Brasil central, aborda o conceito de identidade comprometido com as questões políticas, refletindo sobre o quanto identidade e alteridade conseguem incluir-se. A sua obra reconhece a percepção e a representação de uma sociedade por meio das imagens que ela própria, bem como seus grupos, constrói de si mesmos. Sendo assim, Novaes propõem que “a representação de si está, obviamente, ligada à representação que se faz do outro³⁷”. Havendo, dessa forma, uma relação de interdependência entre a imagem que se fez de si e a imagem que se faz dos múltiplos outros.

Conforme a autora, que trabalha com os conceitos de Lévi-Strauss, a identidade é um foco virtual ao qual não corresponde nenhuma realidade³⁸, sendo que os processos históricos modificam o “meio”, o qual implica na formação e na evolução do “eu”, implicando relações constantes e sempre renovadas entre o ser e o meio, que se modificam mutuamente. As escolhas de manutenção de valores em contraste com o meio externo para a formação da identidade são necessárias e feitas repetidas vezes.

Conclui-se a partir desses parágrafos, que os grupos étnicos têm diferentes maneiras de serem mantidos, acarretando necessariamente diversidades marcantes no seu comportamento, ou seja, diferenças culturais persistentes em suas estruturas de organização — e também de interação que permita a persistência de diferenciais culturais, como o “viajar” no caso cigano, por exemplo.

A seguir, a discussão sobre o nomadismo cigano.

1.3 OS CIGANOS NA ESTRADA

As interações entre ciganos e não-ciganos em Pelotas, Rio Grande do Sul, são em grande parte, medidas pelo imaginário popular em torno de um “cigano genérico”, que seria nômade, viajante, conhecido culturalmente como moradores

³⁶ NOVAES, Silvia. *O jogo dos espelhos*. SP: EDUSP, 1993.

³⁷ Idem. P. 21.

³⁸ Idem. P. 24.

temporários, ainda que muitas famílias tenham se tornado fixas em suas residências na cidade.

As diferenças culturais e sociais, a separação social, as barreiras linguísticas, a “inimizade espontânea” são os problemas que o isolamento dos grupos acarreta. Porém, o isolamento geográfico não pode ser representado como um fator decisivo para a existência da diversidade cultural, posto que as fronteiras — definidas nas situações de interação — persistem apesar do fluxo de pessoas que as cruzam constantemente. Portanto, as distinções de categorias étnicas não dependem da ausência de mobilidade para existirem³⁹.

Nas canções ciganas vê-se no exemplo de Papusza⁴⁰, poetiza e musicista cigana polonesa, o relato da dor da perda de parentes em guerras e a tristeza da ausência de raízes e da *lungodrom*⁴¹, a longa estrada, a falta de um lugar para onde ir e de um lugar para onde voltar, devido aos sofrimentos vividos na Segunda Guerra Mundial. Percebe-se, no seu relato, a tristeza da perda de entes e a importância da unidade familiar para os ciganos.

Pode-se dizer que o nomadismo é um traço característico da identidade entre os próprios ciganos. Para o historiador e etnólogo Franz Moonen, o nomadismo não caracteriza a sociabilidade do cigano completamente:

Uma das características sempre atribuídas aos ciganos tem sido seu nomadismo, sua vida errante, de modo que muitas vezes ciganos são identificados como nômades, e vice-versa. (...) E sabe-se que, por motivos diversos, hoje apenas uma minoria cigana é nômade. Por isso, para alguém ser um “verdadeiro” cigano, não há porque exigir que ele tenha uma vida nômade. Ciganos nômades ainda existem, mas muitos hoje são seminômades ou sedentários: os nômades viajam regularmente, os seminômades (ou semi-sedentários) viajam somente durante parte do ano e ficam em acampamentos fixos ou em casas e apartamentos durante o resto do tempo; os sedentários deixaram de viajar por completo ou viajam dificilmente, mas nem por isso deixaram de ser ciganos⁴².

³⁹ SULPINO, Maria Patrícia Lopes. *Ser Viajor, Ser Morador: Uma análise da construção da identidade cigana em Souza – PB*. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Dissertação de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, 1999.

⁴⁰ FONSECA, Isabel. *Enterrem-me em pé: os ciganos e a sua jornada*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. Papusza aparece também no livro RINDERKNECHT, Karl. *Tsiganes: nomades mystérieux*. Paris: Éditions Mondo: 1973.

⁴¹ O lungodrom. A longa estrada. FONSECA, Isabel. *Enterrem-me em pé: os ciganos e a sua jornada*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. Pp. 16 - 17.

⁴² MOONEN, Frans. *Anticiganismo: Os ciganos na Europa e no Brasil*. Juiz de Fora: Centro de Cultura cigana, 2008. P. 14.

Essa ligação do nomadismo como a caracterização central da identidade e da sociabilidade cigana é um dos pontos também trabalhados pela antropóloga Maria Patrícia Lopes Sulpino⁴³ e será exemplificado com o grupo que viabilizou esse trabalho, composto de famílias fixas, em sua maioria, mas que também não deixam de viajar esporadicamente. Nas palavras dessa autora,

O nomadismo, que significa o período de andanças dos grupos, é tomado como um fator definidor da identidade cigana. Ao contrário do que comumente validado para os grupos indígenas, em especial para os índios no nordeste, o território — sua posse ou reivindicação — não representa para os ciganos de Sousa, bem como para os demais grupos ciganos, um elemento constituinte de sua identificação coletiva. Entretanto, nada os impede de incluir o passado nômade em suas representações acerca do mundo, o que lhes fornece uma base de sentidos⁴⁴.

O nomadismo continua sendo uma das principais características da sociabilidade, mesmo quando os grupos são fixos, como é o caso dos “ciganos de Sousa”, e do grupo cigano aqui analisado, situados no bairro Fragata, em Pelotas.

O nomadismo é comentado, pelo próprio grupo cigano que convivi, como uma “sina” cigana, ou seja, por mais que o grupo se fixe — por vários motivos, a comodidade dos idosos, a escolaridade das crianças e, sobretudo, a mudança nas atividades de renda, antes mais necessitadas de deslocamentos longos e hoje mais localizadas em uma cidade específica, como, por exemplo, a venda de carros e de casas, citado em entrevista —, o cigano não se “prenderá” ao local onde vive como sendo seu território. E é justamente esse seu “desprendimento” territorial que caracteriza a identidade cigana, aspecto mais relevante que o nomadismo.

O antropólogo Marc Augé⁴⁵, refere-se aos “não-lugares” como identidades desvinculadas das localidades, vendo-se mais uma vez, agora por meio desse autor, a identidade como fluída. Ao mudar-se de local, ele discute o “outro eu próximo”, pois as distâncias são relativas. A idéia do “outro eu próximo” traz a questão da

⁴³ SULPINO, Maria Patrícia Lopes. *Ser Viajor, Ser Morador: Uma análise da construção da identidade cigana em Souza* – PB. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Dissertação de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, 1999.

⁴⁴ Idem. P. 56.

⁴⁵ AUGÉ, Marc. *O sentido dos outros: atualidade da antropologia*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

diferença dentro do mundo moderno, bem como um recorte de gênero e de nação⁴⁶, o que nota-se amplamente no caso cigano.

Moonen relata as múltiplas dificuldades em se definir a identidade e a sociabilidade cigana, sobretudo em relação às diferenças existentes entre os grupos. Citando esse autor,

Apesar de todas estas dificuldades, definimos aqui *cigano* como *cada indivíduo que se considera membro de um grupo étnico que se auto-identifica como Rom, Sinti ou Calon, ou um de seus inúmeros sub-grupos, e é por ele reconhecido como membro*. O tamanho deste grupo não importa; pode ser até um grupo pequeno composto de uma única família extensa; pode também ser um grupo composto por milhares de ciganos. Nem importa se este grupo mantém reais ou supostas tradições ciganas, ou se ainda fala fluentemente uma língua cigana, ou se seus membros têm “cara” de cigano ou características físicas supostamente ciganas⁴⁷.

Os ciganos, ou *tsiganos*, ao longo da história são definidos de maneiras distintas, bem como sua origem, muitos são os autores que os situam como vindos da Índia, outros preferem vê-los como *gypsies*, vindos do Egito.

Inclusive, muitos pesquisadores abordam os ciganos como sendo um aglomerado de grupos divididos sem coesão e sem origem comum, portanto sem uma história e cultura próprias, que seria algo que os caracterizaria. Outros avaliam que não há unidade política ou leis escritas, por isso não se poderia falar deles como grupo coeso.

Há também os que alegam que se houve uma origem, histórica e cultural comuns, a influência dos países pelos quais se sucedeu a dispersão e a convivência com outros povos trazem diferenças tão profundas entre os principais grupos: *rom*, *calo*, *sinto* e *manouche*, sendo a concepção de unidade étnica somente interessando a quem estuda os grupos ou a quem pertence a eles, conforme Silvia Simões:

Há lendas que contam que, na criação do mundo, após ter feito o homem branco e o homem negro, Deus criou o homem cigano; ao contemplar Sua obra ficou tão feliz com o resultado, que deu aos ciganos a plena liberdade de andarem livres pelo mundo. Portanto, seguindo sua sina, ou por motivos

⁴⁶ AUGÉ, Marc. *O sentido dos outros: atualidade da antropologia*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

⁴⁷ MOONEN, Frans. *Anticiganismo: Os ciganos na Europa e no Brasil*. Juiz de Fora: Centro de Cultura cigana, 2008. P. 15. Grifos do original.

ainda não identificados, a partir do séc. XII, os ciganos se dividiram pelo mundo em dois ramos: o asiático (ciganos da Palestina) e o europeu (Pérsia e Armênia), vindo posteriormente a se espalharem por toda Europa. Os grupos ciganos são classificados por dois principais Clãs que são: os Rom e os Sinti (ciganos alemães). No Brasil, a maioria dos ciganos é de origem Rom e se encontram nas regiões Sul, Centro Oeste e Sudeste, os Kalé ou Calons que são Roms originários da Península Ibérica, vivem mais nas regiões Norte, Nordeste e Centro Oeste⁴⁸.

A postura romântica que se cria dos ciganos como um todo acaba não sendo compatível com a realidade e a dispersão dos grupos⁴⁹. Em “Os Ciganos ainda Estão na Estrada”, historiadora e etnóloga Cristina da Costa Pereira cita muitos aspectos da cultura cigana, desde suas possíveis origens, até sua chegada na Europa e posteriormente no Brasil. Segundo essa autora,

Embora não tenham pátria, os ciganos são uma nação, e sua etnicidade é confirmada pela União Romani Internacional, reconhecida pela ONU a 28 de fevereiro de 1979. No Brasil, em 24 de maio de 2007, foi comemorado pela primeira vez o Dia Nacional do Cigano, instituído por decreto presidencial. Aqui já existe a Associação de Preservação da Cultura Cigana (Apreci) cujo primeiro presidente foi o Sr. Cláudio Domingos Iovanovitchi⁵⁰.

Cristina Pereira relata que há uma unidade de nação entre os ciganos. Embora haja outras possibilidades, como a de vê-los como um aglomerado de grupos divididos sem muita coesão ou origem comum, conforme a mesma relata dentre uma das possibilidades de interpretação histórica.

Outra possibilidade é a de que não há unidade política ou leis escritas, portanto não há como se falar deles como um grupo. Há ainda a “romantização” dos ciganos, que não corresponderia com a realidade. A intenção de Cristina Pereira, em seu livro, é, sobretudo, a de caracterizar o todo e as unidades (os grupos principais): *rom*, *calo*, *sinto* e *manouche*. Mas em outra obra, a autora aborda questões mais comportamentais da identidade em relação aos não-ciganos:

A visão de mundo dos ciganos, pelo que se pôde apreender através do contacto com alguns deles e mesmo de livros sobre sua cultura é, se

⁴⁸ SIMÕES, Silvia. Ciganos: *Perspectivas e desafios na busca por direitos fundamentais*. Anais do II Seminário Nacional. Movimentos Sociais, Participação e Democracia. 25 a 27/04/2007, UFSC, Florianópolis, Brasil. Núcleo de Pesquisa em Movimentos Sociais – NPMS. P. 638.

⁴⁹ PEREIRA, Cristina da Costa. *Os ciganos ainda estão na Estrada*. Rio de Janeiro: Rocco, 2009. P. 11-12.

⁵⁰ Idem. P. 12.

comparada com a filosofia de vida do mundo ocidental cristão, de caráter revolucionário e, podendo identificá-la, em alguns aspectos — ressaltando, obviamente, as devidas diferenças — com a postura de grupos de não-ciganos — os chamados alternativos — que vêm questionando o Sistema, há pelo menos quarenta anos (dos *beats* aos nossos dias, num processo que parece irreversível). Ou seja, a TRADIÇÃO CIGANA é semelhante, por vezes ao PENSAMENTO ALTERNATIVO do mundo ocidental cristão. A liberdade de ser cigano num mundo absolutamente adverso a isto, sempre foi e continua sendo o principal objetivo dos ciganos⁵¹.

Comparados por vezes a “grupos alternativos”, como no estudo acima citado, os ciganos carregam em sua identidade a liberdade como grande diferencial desafiador do grupo externo a sua cultura. O imaginário que circunda o aparecimento desse grupo, principalmente devido à falta de fontes, na maioria das vezes contribui para a imagem do cigano estereotipado: são atribuídos a eles vícios que despertam a estranheza dessas sociedades dominantes.

O que também é associado a essa estranheza é seu caráter nômade. Entendendo-se, então esse nomadismo como uma das características centrais da cultura cigana, o aspecto itinerante é abordado como mistificador da imagem do cigano ao longo da história. A seguir será mostrada, uma vez mais, essa discussão, aprofundando o viés da história da origem cigana.

1.4 A ORIGEM E DISPERSÃO CIGANA

A identidade cigana enquanto expressão ligada a sua origem e a dispersão são variadas. Os ciganos agregam os valores das localidades percorridas — como, por exemplo, as danças ciganas que influenciaram e sofreram influência das danças espanholas, o que também acontece com a música, sendo bastante influenciada pela cultura dos países do Leste Europeu — e percebendo-se as multiplicidades de valores nos diferentes grupos ciganos, bem como suas lendas e hipóteses para explicação de onde teriam vindo.

Dessa forma, as principais dificuldades em se construir uma “história da origem” cigana estão na falta de fontes escritas (sobretudo as de autoria

⁵¹ PEREIRA, Cristina da Costa. *O povo cigano*. Rio de Janeiro: Gráfica MEC Editora, 1986. P. 46. Grifos do original.

propriamente cigana) e também no segredo e reclusão que caracterizam o isolamento do grupo, dificultando as pesquisas que requerem certa aproximação.

Há um consenso de que os ciganos são originários da Índia⁵², sobretudo pela semelhança linguísticas entre os idiomas ciganos e o sânscrito. Segundo Moonen,

Somente no Século XVIII o assunto começou a ser discutido com mais seriedade, quando os linguistas concluíram que os ciganos deveriam ser originários da Índia. As provas linguísticas surgiram por acaso em 1753 quando, numa universidade holandesa, um estudante húngaro descobriu semelhanças entre a língua cigana do seu país e a língua falada por três colegas estudantes indianos. Constatou-se assim um evidente parentesco entre as línguas ciganas e o sânscrito. A teoria da origem indiana das línguas ciganas seria divulgada somente anos depois na Alemanha, por Christian Büttner em 1771, por Johann Rüdiger em 1782, e por Heinrich Grellmann em 1783, este o mais conhecido dos três⁵³.

Entretanto muitos estudiosos, entre eles Angus Fraser⁵⁴, relatam que a linguística histórica não pode determinar a origem racial e étnica dos indivíduos que falavam Romani, não se podendo ter certeza que grupos ou povos são racialmente aparentados apenas porque falam línguas aparentadas⁵⁵.

Vistos como boêmios e bandoleiros, os quais teriam vindo do Egito para a Europa,⁵⁶ entre a dispersão e as lendas, inclusive bíblicas⁵⁷, as hipóteses para sua origem transpõem a própria Índia, também havendo afirmações sobre uma herança do “Pequeno Egito”. Para Cristina Pereira,

⁵² PEREIRA, Cristina da Costa. *Os ciganos ainda estão na Estrada*. Rio de Janeiro: Rocco, 2009. P. 19.

⁵³ MOONEN, Frans. *Anticiganismo: Os ciganos na Europa e no Brasil*. Juiz de Fora: Centro de Cultura cigana, 2008. P. 7-8.

⁵⁴ FRASER, Angus. *The Gypsies*. Oxford: Blackwell Publishers, 1992. Apud: MOONEN, Frans. *Anticiganismo: Os ciganos na Europa e no Brasil*. Juiz de Fora: Centro de Cultura cigana, 2008.

⁵⁵ MOONEN, Frans. *Anticiganismo: Os ciganos na Europa e no Brasil*. Juiz de Fora: Centro de Cultura cigana, 2008. P. 8.

⁵⁶ Encontramos referências de uma possível origem cigana no Egito em lendas relatando os “egípcios” em histórias bíblicas, onde teriam recusado a hospitalidade à Santa Família e como punição, seus descendentes foram condenados a levar uma vida errante. Um perpétuo nomadismo, associado à História Santa é então facilmente aceito pelo povo. MARTINEZ, Nicole. *Os Ciganos*. Campinas, SP: Papyrus, 1989. P. 15.

⁵⁷ PRADIER, Charles. 1854. Apud: PEREIRA, Cristina da Costa. *O povo cigano*. Rio de Janeiro: Gráfica MEC Editora, 1986. P. 18.

Até hoje, boa parte dos ciganos afirma que sua terra de origem é o Egito, mesmo que muitos deles nem saibam exatamente onde fica esse país. A partir do século XVI, quando os ciganos já se encontram espalhados por toda a Europa, são encontradas em documentos oficiais referências aos chefes ciganos como duque ou conde do Pequeno Egito, porque os ciganos se diziam descendentes de cristãos exilados do Pequeno Egito e portadores de documentos papais que os autorizavam a peregrinar durante sete anos. Nunca se definiu geograficamente o que era o Pequeno Egito: Síria, Grécia, Chipre, regiões vizinhas⁵⁸.

Entre as dificuldades de se determinar essa origem, está, sobretudo, a falta de documentação para uma história escrita por esse povo, de tradição predominantemente oral⁵⁹. Dessa maneira, a identidade cigana percorre as ambiguidades dos poucos documentos existentes, e, quando indagados sobre sua origem as respostas divergem, conforme o grupo, havendo também as respostas diretas também com referências a Europa, sobretudo ao Leste Europeu e a Grécia, onde permaneceram por muito tempo e onde se remete sua nomenclatura. Segundo Cristina Pereira,

Os ciganos eram chamados de *atksinganos* ou *atsinganos*, nome de uma seita de músicos e adivinhos. Daí se originaram as palavras: *cygan* (polonês), *cykan* (russo), *czigány* (húngaro), *zigeuner* (alemão), *tsiganeou tzigane* (francês), *zingaro* (italiano), *cigano* (português), só para citar as mais conhecidas. Durante bastante tempo se pensou que o Egito fosse a terra de origem dos ciganos e, durante sua chegada à Europa [...] os chamavam de egípcios (do grego *giphtoi* e *aigyptiaki*), nome pelo qual eram conhecidos desde sua saída das terras gregas. Daí advêm as formas *gipsy* (inglês) e *gitano* (espanhol)⁶⁰.

A complexidade da formação dos estados europeus e suas identidades dificultaram em muito a chegada dos ciganos, que espalham conflitos entre culturas tão diferenciadas, quando se aproximam e se dispersam na Europa.

⁵⁸ PEREIRA, Cristina da Costa. *Os ciganos ainda estão na Estrada*. Rio de Janeiro: Rocco, 2009. P. 22.

⁵⁹ “A história (pendaripé) dos ciganos, de uma maneira geral, tem sido escrita por não-ciganos e, neste sentido, torna-se difícil confirmar sua veracidade, pois tal estudo se dá de forma contrastiva, isto é, sempre em relação à cultura dos não-ciganos. É assim que os enxergamos: a partir de nossa visão de mundo. Com isso, escapa-nos o principal: como eles se enxergam. Portanto, qualquer livro escrito por ciganos sobre a própria tradição adquire enorme importância para o entendimento dessa etnia.” Idem. P. 22.

⁶⁰ PEREIRA, Cristina da Costa. *O povo cigano*. Rio de Janeiro: Gráfica MEC Editora, 1986. P. 17.

As culturas nacionais são uma forma distintivamente moderna. A lealdade e a identificação que, em uma era pré-moderna ou em sociedades mais tradicionais, eram dadas às tribos, ao povo, à religião e à região, foram transferidas gradualmente, nas sociedades ocidentais, à cultura nacional.⁶¹ Exatamente pelo fato dos ciganos não terem uma unidade territorial, própria a uma cultura nacional, mostrarem-se tão dispersos, juntamente com sua identidade ligada ao nomadismo, eles nunca foram benquistos no continente europeu, assim como não são até hoje.

A chegada do grupo à Europa tem como data, para Claire Auzias⁶², o ano 1000, como grande marco. Atravessando o “Bósforo”⁶³, os ciganos teriam posteriormente se espalhado por toda a Europa. Já para Cristina Pereira:

Da Pérsia, chegaram à Europa, ao mundo bizantino, mais precisamente no século XIV, quando começa o que se convencionou chamar de “a história dos ciganos.” Já se encontraram, neste sentido, textos narrativos gregos e testemunhos de viajantes ocidentais que iam para a Terra Santa. Em Creta, perto de Candia, em 1322, Simon Simeonis e Hugo, o Iluminado, dois frades menores, encontraram uma “estranha população” que habitava em tendas baixas e negras, como os árabes, ou mesmo em cavernas. Quase nunca permaneciam num mesmo lugar por mais de trinta dias e eram conhecidos na Grécia por *atkinganos*. Não resta dúvida de que eram os ciganos.⁶⁴

Após algum tempo os ciganos teriam se espalhado por ilhas do Mediterrâneo e posteriormente por toda a Europa, ficando conhecidos como *Egípcios*. Diferenciados por sua identidade ligada ao nomadismo, nas palavras do historiador Georges Duby, “o povo cigano sofreu ininterruptamente a rejeição dos sedentários⁶⁵”.

O medo que a população européia cultivava em relação ao “outro” não atingia apenas os ciganos, mas também outras culturas diferenciadas, como os árabes, por exemplo. O choque era brutal e a identidade cigana passava a ser estigmatizada

⁶¹ HALL, Stuart. *A Identidade Cultural na Pós-Modernidade*. DP&A Editora: RJ, 1999.

⁶² AUZIAS, Claire. *Os ciganos ou o destino selvagem dos Roms do leste*. Lisboa: Edições Antígona, 2001. P. 9.

⁶³ Estreito que separa a Ásia da Europa; liga o Mar Negro ao Mar de Mármara e marca o limite dos continentes asiático e europeu na Turquia.

⁶⁴ PEREIRA, Cristina da Costa. *O povo cigano*. Rio de Janeiro: Gráfica MEC Editora, 1986. P. 18.

⁶⁵ DUBY, Georges. *Ano 1000, ano 2000: na pista de nossos medos*. São Paulo: Ed. UNESP/Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 1999.

como “boêmia”, por não terem forma fixa de renda, serem nômades e de passado incerto, fatores que supostamente colocariam em dúvida a integridade do grupo. Conforme Cristina Pereira,

A mendicância, desde a Idade Média, era considerada como uma praga. Porém, a mendicância entre os ciganos era um verdadeiro ofício, praticado, sobretudo pelas mulheres e crianças, com uma circunstância agravante para as pessoas supersticiosas: a ameaça do azar⁶⁶.

Dessa forma, sempre indesejados, os ciganos espalham-se por vários países⁶⁷. Os ciganos chegaram a Portugal na segunda metade do século XV, após uma longa peregrinação pelo continente europeu, especialmente nos países do sul⁶⁸. Sobre isso, comenta historiador Mello Moraes Filho:

Os ciganos penetraram em Portugal pela fronteira da Extremadura espanhola e gostavam do Alentejo por causa das províncias despovoadas e dos matagais, que os protegiam das perseguições. Várias foram as disposições legais contra os ciganos em Portugal: alvará de 1526, lei de 1538, alvará de 1579, lei de 1592 (pena capital), alvará de 1647, através dos quais eram acusados de “muitos furtos e feitiçarias que fingem em saber”, mendicância, insultos, “jogos de corriola” (isto é, logros)⁶⁹.

Com o tempo, os ciganos passaram a ser proibidos de circular, de praticar a quiromancia, de usar trajes diferentes das populações locais e até mesmo de falar a sua própria língua (predominantemente, romani). Segundo Cristina Pereira, “era proibido exercer sua *ciganidade*. As penas variavam de açoites, prisões, torturas,

⁶⁶ PEREIRA, Cristina da Costa. *O povo cigano*. Rio de Janeiro: Gráfica MEC Editora, 1986. P. 20.

⁶⁷ “As primeiras notícias que temos dos ciganos em Portugal quase que se confundem com as primeiras notícias de hostilidade da população portuguesa e com as primeiras medidas persecutórias, que serão uma constante ao longo dos séculos que vão seguir-se.” COSTA, Eduardo Maia. Os ciganos em Portugal: breve história de uma exclusão. In: CORTESÃO, Luiza e PINTO, Fátima. *O povo cigano: cidadãos na sombra – Processos Explícitos e Ocultos de Exclusão*. Porto: Edições Afrontamento, 1995. P.13.

⁶⁸ Para Mello Moraes Filho, é com D. João II, que aumentam os códigos portugueses e leis expressamente feitas para punir os ciganos, que sofrem com a inquisição, sobretudo quanto a aspectos relacionados às feitiçarias. MORAES FILHO, Mello. *Os Ciganos no Brasil e Cancioneiro dos Ciganos*. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia, São Paulo: Ed. Da Universidade de São Paulo, 1981.

⁶⁹ Idem. P. 23.

galés, degredo até a pena de morte⁷⁰”. Não sabendo mais o que fazer com este povo, a Europa os delega para as suas colônias.

Seus destinos seriam a América e a África, já que eram vistos como uma escória social que deveria ser eliminada. Para Eduardo Maia Costa,

Com D. João IV⁷¹ inaugura-se uma nova fase da política cigana do Estado português: a deportação para os territórios ultramarinos (1647), política intensiva a partir de D. Pedro II (Alvará de 15 de julho de 1686) e continuada por D. João V (Alvará de 10 novembro de 1708)⁷².

Essa discussão acerca da vinda de ciganos para o Brasil, então Colônia de Portugal, é extremamente importante para compreender a presença de ciganos em Pelotas. Sendo assim, vejamos o próximo tópico desse capítulo.

1.5 OS CIGANOS NO BRASIL

Referindo-se a Portugal, quando menciona a “Metrópole”, o historiador Geraldo Pieroni enfatiza que o degredo funcionou como um “rito de purificação” para as pessoas consideradas pecadoras e também como uma solução para a eliminação dos indesejados na Europa.

Dessa forma, os ciganos chegam à colônia portuguesa sul-americana: a documentação indica que sua história no Brasil se iniciou em 1574, quando o cigano João Torres, sua mulher e filhos foram degredados para esta colônia⁷³. Para Geraldo Pieroni:

⁷⁰ PEREIRA, Cristina da Costa. *O povo cigano*. Rio de Janeiro: Gráfica MEC Editora, 1986. P. 23.

⁷¹ Fidalguia aqui é entendida no sentido de posse de título de nobreza.

⁷² COSTA, Eduardo Maia. Os ciganos em Portugal: breve história de uma exclusão. In: CORTESÃO, Luiza e PINTO, Fátima. *O povo cigano: cidadãos na sombra – Processos Explícitos e Ocultos de Exclusão*. Porto: Edições Afrontamento, 1995. P. 15.

⁷³ COELHO, Francisco Adolfo. Os ciganos de Portugal: com um estudo sobre o calão. Lisboa: Dom Quixote, 1995. (Original: 1892). Apud: TEIXEIRA, Rodrigo Corrêa. *Ciganos no Brasil: uma breve história*. Belo Horizonte: Crisálida, 2009. P. 11.

A Metrópole despejou seus “criminosos” nas terras coloniais ultramarinas, particularmente no Brasil e África. A colônia, por sua vez, degredou esses elementos indesejáveis e “gentes inúteis” para outras capitanias e continentes. Exclusão social? Certo. Mas não somente. Representava também o degredo à expiação e regeneração dos crimes e pecados cometidos? O degredo possibilitou à Metrópole livrar-se de seu contingente populacional, considerado inútil e perigoso e, ao mesmo tempo, ofereceu a possibilidade de purificar a alma dos culpados⁷⁴.

Partindo de Salvador⁷⁵, onde documentos comprovam que a comunidade cigana apresentou um grande crescimento demográfico e econômico na primeira capital colonial brasileira, que se tornou também a mais importante cidade para os ciganos do Brasil, eles migram para a região das minas (hoje Minas Gerais), causando grande incômodo às autoridades. Segundo Rodrigo Corrêa Teixeira,

Em 1726, em São Paulo, foram solicitadas medidas contra ciganos que apareceram na cidade e que eram “prejudiciais a esse povo porque andavam com jogos e outras mais perturbações”, pelo que tiveram que abandonar a cidade dentro de 24 horas, sob pena de serem presos⁷⁶.

Hoje em dia, percebe-se ser São Paulo um dos estados que mais concentra a população de identidade cigana fixa no país, espalhados não só pela capital como também pelo seu interior.

Em outras localidades como Rio de Janeiro⁷⁷, por exemplo, a presença dos ciganos ocorre desde o século XVIII, ocupando além das atividades artísticas, também o ofício de meirinho. Com a vinda da família real portuguesa para o Brasil, em 1808, acompanharam também vários portugueses, sendo que poucos, nas palavras de Fraser, “prestavam para alguma coisa. Eram fidalgos e vadios. Aos fidalgos mandou-se dar pensões do tesouro. Os vadios foram empregados nas repartições que se criaram para este fim⁷⁸”.

⁷⁴ PIERONI, Geraldo. *Vadios e Ciganos, Heréticos e Bruxas – Os Degredados no Brasil Colônia*. Rio de Janeiro: Bertrad Brasil Ed, 2006. P. 115.

⁷⁵ TEIXEIRA, Rodrigo Corrêa. *Ciganos no Brasil: uma breve história*. Belo Horizonte: Crisálida, 2009. P. 31.

⁷⁶ Idem. P. 33.

⁷⁷ Idem. P. 39.

⁷⁸ FRASER, A. *The Gypsies*. Oxford: Blackwell Publishers, 1992. P. 48.

Indicando, segundo o próprio Fraser e também Moraes Filho⁷⁹, a forte presença dos ciganos entre esses de identidade julgada como “vadios”. Após o século XVIII, também se observa a chegada de grupos ciganos não-ibéricos, os *Rom* ou *Roma*, vindos do Leste Europeu, em contraposição aos ibéricos, chamados de *Calon* ou *Kalé*.

Um cigano *Rom* que se sobressaiu por ter vindo antes da onda migratória do fim da escravidão cigana na atual Romênia, a partir de 1865, e já estar em Minas Gerais na década de 1830 é Jean Nepomuscky Kubitschek⁸⁰. Trata-se do bisavô de Juscelino Kubitschek (1902-1976), que viria a ser presidente do Brasil (1956-60), também conhecido pelo apelido de “JK”, fundador da atual capital Brasília.

Isto é, um dos presidentes brasileiros mais conhecidos e referenciados do século XX foi um cigano ou pelo menos descendente, mas dificilmente se menciona isso nas escolas ou livros didáticos. Apesar de não se ter muitas fontes sobre sua chegada e formação familiar, a ascensão social dos filhos de Jean Nepomuscky Kubitschek indica que não foram criados como ciganos⁸¹.

Não se sabe ao certo quantas outras famílias *rom* do Leste migraram para o Brasil no século XIX e XX. A riqueza e o estigma da identidade cigana agregam ao Brasil seus valores e cultura, constando que somente a partir da segunda metade do século XIX os *rom* vieram em número significativo para o Brasil, vindos da Itália, Alemanha, Bálcãs e Europa Central⁸².

Entre as principais características observadas externamente ao grupo que compõe a identidade cigana, independentemente da sua localização geográfica e seu tempo histórico, notoriamente está em seu caráter nômade.

Porém, na perspectiva de “dentro”, nos testemunhos, nem sempre esse nomadismo é tão enfatizado pelas famílias, seja em suas estruturas de vida e formas de sustento. Mas mesmo com endereço fixo eles não costumam abandonar

⁷⁹ MORAES FILHO, Mello. *Os Ciganos no Brasil e Cancioneiro dos Ciganos*. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia, São Paulo: Ed. Da Universidade de São Paulo, 1981.

⁸⁰ POHL, J. B. E. *Viagem no interior do Brasil, empreendida nos anos 1817 a 1821*. Rio de Janeiro, MEC/Instituto Nacional do Livro, 1951 (original: 1832). Apud: TEIXEIRA, Rodrigo Corrêa. *Ciganos no Brasil: uma breve história*. Belo Horizonte: Crisálida, 2009. P. 49.

⁸¹ TEIXEIRA, Rodrigo Corrêa. *Ciganos no Brasil: uma breve história*. Belo Horizonte: Crisálida, 2009. P. 50.

⁸² Idem. P. 50.

completamente o viajar. Mostra-se agora o caso dos grupos ciganos que vivem em Pelotas.

1.6 O PASSADO E O PRESENTE DOS CIGANOS EM PELOTAS

No Rio Grande do Sul, em Pelotas, é observado certo fenômeno de isolamento social como já descrito antes, onde os ciganos se encontram em uma localização periférica, no bairro Fragata, compreendendo um conjunto de ruas próximas, com várias casas e terrenos vazios, utilizados para acampamento esporadicamente.

Viajando hoje não mais por charretes e carroças, mas em grande maioria através de carros, eles costumam percorrer grandes distâncias interestaduais e até mesmo atravessando países.

Os ciganos no Rio Grande do Sul, como notei através dos relatos e minha observação, têm por habito preferir cidades fronteiriças, como Santana do Livramento e Uruguaiana, e também a região das Missões, compreendendo as cidades de Santa Rosa, São Borja, São Luiz Gonzaga, entre outras, espalhando-se dessa forma por todo o estado. Sobre isso, cito ainda os esforços de pesquisa com enfoque antropológico de Moacir Antonio Locatelli⁸³, ainda nos anos 1980; e com enfoque histórico, Débora Soares Castro, em 2011⁸⁴.

As famílias que tive contato — compostas em sua maioria por pai, mãe e filhos, por vezes habitando conjuntamente ou visitando os avôs — residem na região de Pelotas em sua maioria já há algum tempo, tendo suas casas fixas e bastante estruturadas, predominantemente compostas por casais em idade madura, mantendo seu meio de sustento em vendas e trocas locais, conforme será descrito no Capítulo III, havendo também famílias nômades visitantes e recém-fixadas ou ainda processo de fixação, transição da barraca para a construção da casa,

⁸³ LOCATELLI, Moacir Antonio. *O ocaso de uma cultura: uma análise antropológica dos ciganos*. Santa Rosa: Barcellos Editora, 1981.

⁸⁴ CASTRO, Débora Soares. *O olhar de si e o olhar dos outros: um itinerário através das tradições e da identidade cigana*. Dissertação de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em História da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2011.

predominantemente compostas por casais jovens que ainda mantinham seus meios de sustento em vendas e trocas à longa distância.

A cigana em seu grupo é o cerne da família, e é por meio dela que me aproximei, conforme apresentadas considerações iniciais. Através da análise dos depoimentos das famílias entrevistadas e pela convivência com as ciganas, notei nas várias gerações as diferentes concepções de sua própria identidade de grupo e como mulher, especialmente referindo-se aos deslocamentos dos grupos em barracas.

Os contatos, feitos ao longo da pesquisa de campo, predominantemente abordam três famílias sempre através das mulheres, havendo relações familiares entre tais grupos, dando-se por ordem de parentesco e matrimônio, destacando também a importância das relações de consanguinidade, formando em si uma única parentela genealógica.

É necessário ressaltar que os relatos de dona Margarida privilegiam as recordações de festas que eram feitas com maior frequência no passado, denotando uma nostalgia do que se perdeu com o tempo e não se realizam mais tão frequentemente.

Desde o primeiro contato, dona Margarida descreveu os casamentos, o comportamento da noiva antes da festa, a fartura do banquete e a riqueza das danças no acampamento. A saudade das viagens, e dos filhos que moram longe, transparece em seus relatos.

As famílias habituaram-se cada vez mais com a diminuição tanto dos deslocamentos como a fixação, viajando, então, predominantemente para as festas e visitas a familiares, do que pela necessidade de trabalho, conforme algumas falas:

[Azaleia] *A frequência é por gostar mais, quem gosta viaja e vai vender a distância. Os de mais idade não. Se não, não se sai muito da rotina. Se tiver um casamento daí sim, vão. Mas não mais tanto quanto antigamente. Eu já viajei mais, agora estamos fixos mesmo.*

[Margarida]: *A gente vai, nos filhos, nos casamentos também. Agora já estamos mais tranquilos mesmo, sem essa função toda.*

Os caminhos já percorridos pela família remetem às memórias das ciganas na busca da tentativa de reconstruir as origens de sua identidade. Dona Margarida relata que a origem de sua família é a Iugoslávia:

[Margarida] *Antigamente os velhos eram da Iugoslávia... E eles morreram todos, os antigos, os tataravôs, os bisavôs, vieram de lá e deixaram a raiz aqui... Vieram de barco, seis meses levaram... Não sei [por qual porto chegaram], sei que vieram de barco, de navio. Levaram seis meses imagina só, os tataravôs e bisavôs que vieram lá da Europa.*

Não há certeza sobre a chegada ao Brasil, nem sobre o trajeto percorrido até o Rio Grande do Sul, mas as raízes européias são bastante enfatizadas não apenas na família de dona Margarida. Essa falta de certeza também aparece em dona Margarida ao indagá-la sobre o idioma:

[Margarida] *É cigano, é “montenegrino”. Língua lá de Europa, da Itália. Mas se fala muito em “brasileiro” agora, só quando vem a nossa família a gente conversa bastante ali em torno da mesa.*

Em outras famílias, como a de Azaleia, também aparece um relato desse tipo:

[Azaleia] *O avô era de origem italiana e a avó era “brasileira” mesmo... Era nascido na Itália, mas veio da Tchecoslováquia. Andavam por tudo, cigano andarilho mesmo. Então em tudo que é canto do Brasil eles já andaram.*

Há mais de três gerações no Rio Grande do Sul. Azaleia relata que seus ancestrais vinham caminhando na época e andavam muito em carroças. Ao chegar à metade sul do estado, não havia cidades ainda, sendo fundadores de acampamentos, também coincidindo nesse ponto com o depoimento de dona Margarida: *“Eles moravam nas barracas, acampamento. Eles moravam num tipo de colônia... Arrabalde eles formaram... Não formaram cidade mesmo”*.

Sobressai-se que os relatos das mulheres de uma mesma família nem sempre convergem quanto à origem, à chegada e à dispersão de seus ancestrais

pelo país. Porém, heranças dos caminhos percorridos pelos seus antepassados manifestam-se no seu cotidiano até hoje.

Uma característica comum a todas as famílias entrevistadas é a diminuição gradual das viagens e uma grande tendência à sedentarização. A família de Azaleia caracteriza essa inclinação, sendo moradora de barraca e em trânsito para a construção de sua casa.

Tendo em vista o que foi trabalhado aqui, no próximo Capítulo analisarei os caminhos desencadeados pelo processo de sedentarização nas atividades femininas domésticas, bem como, buscarei através do método etnográfico robustecer meu vínculo junto a essas mulheres.

Cartas da capa: Criança, Buque, Estrelas⁸⁵.

⁸⁵ Cartas da capa:

13- Criança (Valete de Espadas): deve encarar a vida com alegria e otimismo, sempre aberto para o novo. Inocência.

9- Buque (Rainha de Espadas): amplia o relacionamento social e entende que as relações harmoniosas, a generosidade e a cooperação entre as pessoas geram oportunidades para todos os envolvidos. Oportunidades canalizadas.

16- Estrelas (6 de Copas): o êxito e a boa sorte dependem da canalização adequada de seu potencial criativo e do quanto você confia em seu brilho pessoal. Adotar medidas corretivas.

CAPÍTULO II



Oh, Deus, para onde irei?
 O que posso fazer?
 Onde encontrar lendas e canções?
 Não vou à floresta, não encontro rios.
 Oh, bosque, meu pai,
 Meu negro pai!
 A era dos ciganos viajantes
 Já passou.
 Mas eles estão diante de meus olhos,
 São Brilhantes,
 Fortes e claros como água.
 Que se escuta
 Vagando
 Quando quer falar.
 Porém, coitada, não tem voz...
 A água não olha para trás.
 Foge, corre mais longe,
 Onde olhos não a verão.
 A água que vaga.

Nostalgia é a essência da canção cigana, e parece ter sido sempre. Mas nostalgia de quê? *Nostos* é a palavra grega para “uma volta a casa”; os ciganos não têm casa, e talvez únicos entre os povos, não sonham com uma terra natal. Utopia - ou *topos* - quer dizer “lugar nenhum” Nostalgia da utopia: um retorno a lugar nenhum. O *lungodrom*. A longa estrada. (Isabel Fonseca)

A Longa Estrada

Para alguns, o tempo passa devagar. Uma única hora pode parecer uma eternidade. Para outros, nunca há tempo suficiente. O tempo é como uma roda, que gira e nunca para. E para mim os bosques são o centro, o eixo da roda. Neles vêem-se as mudanças das estações, os ciclos se reiniciando. Era próximo a uma região da cidade que para mim era um “bosque simbólico” que eu estava me dirigindo, novamente. Lá a natureza não tinha pressa, tinha outro relógio.

Fazia calor, e nesse mesmo dia de novembro verão 2010, a roda pôs vidas em marcha, ela girava nesse mesmo sentido, nesse mesmo local. Agora havia a sensação de que o ciclo girava de novo, lentamente, mas em breve ele aceleraria. A vida nesses ciclos se reinventa e reinício pela mesma data, como da primeira vez, quando se aproximava da véspera de Finados e fui convidada para a grande comemoração por dona Margarida.

No Dia de Finados, dois de novembro de 2011, dessa vez uma quarta-feira, descí do ônibus na quadra do CIEP (Centro Integrado de Educação Pública) e andei pela lateral na trilha de mato, onde supostamente deveria haver uma calçada, até a rua que me levaria à casa de dona Margarida.

Como sempre eu estava nervosa e ansiosa, pois há cerca de três meses que eu não ia a campo e sabia que possivelmente haveria ciganos que eu não conheceria na comemoração. Dona

Margarida fazia sempre questão da minha vinda no dia de finados, assim como me convidou no ano anterior e eu compareci logo depois de dois dias de termos nos conhecido: “vem guria, que tu vai ver que lindo que é a gente faz muita comida pra memória dos mortos, pra ter energia boa, que eles levem a energia ruim e que fique só a boa”.

Cheguei próximo às 11h 30mim na casa de dona Margarida, muitas pessoas transitavam pela cozinha, pela sala e pela frente da casa. A família de dona Acácia, suas netas, noras e filhos estavam presentes. Filhos, noras e netos de dona Margarida, quase em sua maioria, estavam em grande número pela casa, estando ausentes apenas os que residiam mais longe, como São Paulo. As mulheres cozinhavam e os homens assavam carne de boi e porco, dividindo-se em dois grupos, a maior parte do tempo dispostos em círculo, conversando e rindo. Dona Margarida, Orquídea e sua filha Camélia me recebem com alegria e pediram que ajudasse a secar a louça.

Ajudar as mulheres na louça, há grande quantidade de tarefas a serem feitas. Todas as mulheres trabalham, ficando pela conta das mais velhas, que não residiam ali, cuidar das crianças. Para apressar o fim do serviço, as jovens (noras) ficam com a maior parte do trabalho, as moças (netas) arrumam a mesa, varrem e secam a louça — tarefas também que me eram delegadas—, já as mais velhas lavam louça e mandam nas jovens.

Entre o cozimento das comidas elas param seus afazeres para tomar café com leite, fumar e beliscar pão recheado feito por dona Margarida, com as crianças próximas da lareira em

círculo. Mesmo com o chão limpo e constantemente varrido por alguma delas, acho curioso o hábito de jogar as sujeiras em qualquer lugar: a todo o momento, são cinza e tocos de cigarro, restos de pão, plásticos de embalagens de iogurtes e bombons pelo chão.

Enquanto ajudo a servir à mesa, essa com cerca de cinco metros de comprimento, reunindo três mesas grandes, logo reparo que não há mais lugar para tantos pratos de comidas diferentes. As comidas são colocadas em pratos e travessas em várias porções repetidas, dispersadas pela extensão da mesa para facilitar o acesso. Há carne assada, cozida e frita de porco, boi e frango, também arroz com pimenta em trouxinhas de couve, pães recheados, folhados e naturais, todos feitos em casa, bem como doces, balas, bombons, bolos, marshmallows, frutas cristalizadas, em calda e naturais como melancia, jaca, maçã, uva, melão, morango, banana, carambola, kiwi, pêra, entre outras. Enfim, uma reunião fantástica de fartura de elementos tradicionais feitos pelas próprias ciganas e também industrializados, todos incluídos para que as memórias dos mortos sejam materializadas no que “eles gostavam de comer”, pois eles “viriam comer conosco”, nas palavras de Orquídea.

Os homens sentam-se para comer primeiro, separados das mulheres, que sentam depois deles já terem terminado. Há uma longa oração em romaní com todos em volta da mesa. Antes de se iniciar o banquete, seu Lirio — o homem mais velho — começa, deixando ao cargo de uma senhora — possivelmente a mulher mais velha — sua conclusão.

Os homens comem e levantam-se rapidamente para fumar e tomar café em círculo próximo à churrasqueira onde estavam antes do banquete. As crianças ficam em uma das pontas da mesa e são servidas por suas mães. Dona Margarida e sua irmã Petúnia me servem constantemente, querendo que eu prove os diferentes pratos. Orquídea insiste que eu prove os marshmallows que são recheados, seus doces preferidos. É muita fartura!

Enquanto as mulheres comem, em uma velocidade mais calma que os homens, conversando entre si e servindo seus filhos, seu Lirio inicia uma discussão com um irmão de São Lourenço do Sul. A filha de seu irmão planejava fugir com seu amante para São Paulo, pois estava cansada de ser traída pelo marido. Seu Lirio queria que seu irmão trouxesse a filha para sua casa antes que ela fugisse, pois caso não o fizesse logo o marido iria pegá-la de volta. Seu Lirio não queria que o marido ou o amante a mantivessem longe da família novamente.

A imensa comemoração termina com a sobrinha de seu Lirio fugindo com os filhos e seu pai indo atrás da moça. Petúnia me explica a situação e o que eles gritavam uns aos outros em romaní. Os que ficaram, à espera dos que voltariam da fuga, vão ao cemitério oferecer aos mortos flores e lavar seus túmulos. Petúnia conversa bastante comigo, me explica que a festa de finados cigana é diferente da “brasileira”:

“O feriado de finados é o dia da celebração da vida eterna das pessoas queridas que já faleceram. É o Dia do Amor, porque amar é sentir que o outro não morrerá nunca. É celebrar essa vida eterna que não vai terminar nunca. A grande homenagem aos mortos é feita pensando neles e no que eles gostavam. É desejado que a morte leve todas as coisas ruins dos vivos.”

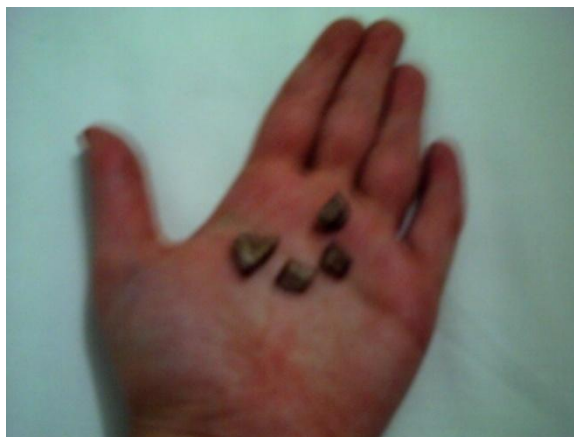
A longa estrada é o destino. Todos serão lembrados quando tiverem partido, viverão por meio da memória de seus entes. A grande homenagem aos mortos com o banquete, as belas orações e os agradecimentos aos caminhos que foram trilhados por seus antepassados e ao presente que se tem e o sincero oferecimento da alegria aos mortos em troca da purificação dos sentimentos de tristeza retratam a fé, a coragem e a esperança que essa família tem sem seu rumo, refletindo o laço presente com os entes que seguem lhes acompanhando, ainda que em outra dimensão são alcançados e sentidos por serem queridos e viverem na dos presentes.

2 A IMAGEM DO FEMININO E OS CAMINHOS DA SOCIABILIDADE

Este capítulo tem como objetivo realizar uma análise da relação estabelecida com as ciganas, identificado, sobretudo o bairro habitado por elas, como são suas casas e barracas e seu estilo de vida. Entendendo o início do contato com as ciganas pela recepção que dona Margarida me deu, a abertura da sua residência a pesquisa levou não apenas a outras residências ciganas, mas também ao coração do lar cigano com o convívio com essa querida mulher.

2.1 O RETRATO DAS MULHERES EM SEU BAIRRO

Após um longo período de muitas dificuldades em encontrar um grupo cigano, que fosse, sobretudo, aberto à minha pesquisa, tive a indicação de uma rua em Pelotas onde habitavam vários ciganos, denominada “Rua dos Beduínos”, no bairro Fragata. Indicada por uma colega do curso de História da Universidade Federal do Rio Grande, MaritzaDode, que já havia estado nesse bairro e sabia onde residiam os ciganos, fui a campo com a esperança de ser recebida com menos hostilidade que em outras ocasiões, em outras casas e acampamentos, em que por repetidas vezes me vi expulsa das moradias ciganas quando revelava que gostaria de fazer uma pesquisa. Fui mandada embora em certas ocasiões imagino que pelas ciganas estarem dispostas apenas a me tratar como “cliente”, me vendendo simpatias para fechamento de corpo, como na foto abaixo que mostra quatro pedrinhas que se assemelham a sementes que me foram vendidas por uma quantia de dinheiro simbólica apenas para “dar a benção para a Santa Sara”. A Oração a Santa Sara é a forma mais comum que presenciei das ciganas entrarem em contato com um desconhecido na rua, elas pedem que a pessoa mostre algum dinheiro para que elas benzam e em troca dão um panfleto (Anexo 5).



Im.2

Houve ciganas que me venderam uma espécie de chá de ervas secas, bem diferente do chá cigano que tomava com dona Margarida em sua casa.



Im. 3

Seja pelas mulheres não se sentirem seguras com o contato com alguém de fora do grupo ameaçadas pelo fato de eu me identificar enquanto universitária e isso poder ser interpretado por elas como uma possibilidade de eu ser uma representante do governo, alguém do “Conselho Tutelar” ou “Ministério da Educação” que pudesse lhes repreender de alguma forma pela situação escolar das crianças, como foi constatado pelas suas falas em diversas ocasiões.

A localidade era bem servida de linhas de ônibus, Gotuzo, Fragata, entre outras, sendo esse o meu meio de chegada. As ruas eram de pavimentação antiga — paralelepípedos — sendo apenas a avenida principal, perpendicular às ruas das

casas, asfaltada, com grande movimento de veículos e canteiro central para a circulação de pedestres e bicicleta.

Havia duas escolas próximas às quadras onde se localizam as casas ciganas. Trata-se do CIEP Municipal (Centro Integrado de Educação Pública) e uma escola municipal de ensino fundamental — na qual, estudavam as ciganas mais jovens, no quarto e quinto ano.

Muitas casas, e alguns prédios, de diferentes dimensões e classes formam esse bairro predominantemente residencial. As casas ciganas seguem o padrão comum: sobrados grandes, sendo o andar inferior sem divisórias entre os “cômodos”, assim lembrando a constituição das barracas. O andar inferior era usado como garagem, sala, cozinha e banheiro, com muitos sofás, cadeiras, mesas de centro e mesas grandes para as comemorações.

A cozinha cigana é o coração da casa e onde as mulheres passam a maior parte do tempo seja fazendo suas atividades e cuidando dos filhos, seja relaxando, conversando com as familiares e vizinhas tomando um chá. Sempre com grande quantidade de utensílios, a cozinha de dona Margarida era formada por uma coleção de belos conjuntos de louças e panelas, ela adorava exibi-los contando suas origens e há quanto tempo tinha-os na família. Também tinha muitos eletrodomésticos, fogão a gás e a lenha, forno elétrico, microondas, churrasqueira e lareira, mostrando que as novas tecnologias eram usadas pela família cigana sem serem abandonadas as tradicionais.

Já o andar superior era usado como dormitório, com divisórias entre eles, havendo cama somente para o casal idoso e os demais dormindo em colchões no chão. Havia também nessa parte da casa uma segunda cozinha não utilizada, também um segundo banheiro e uma segunda sala. Demorei cerca de dois anos de convívio com dona Margarida para ser convidada a conhecer o andar superior, era muito raro ela me levar nos ambientes do segundo andar, ela própria usava-os pouco, ficando a maior parte do tempo no pátio e cozinha. Na casa de dona Acácia, subi as escadas uma única vez por convite de uma das moças que não queria que sua mãe a visse comigo enquanto fazia suas tarefas no pátio. Não foi permitida a retirada de fotos no andar superior em nenhuma ocasião. Encontrei pequenas exceções nas famílias mais humildes, que moravam em casas menores, não

sobrados, havendo então divisórias nos cômodos, mas mesmo assim grande quantidade de tapetes e colchões espalhados por todo o lugar, vários sofás e poltronas e grande quantidade de eletrodomésticos e utensílios nas cozinhas. Os cachorros sempre são presentes, sendo grandes companheiros das crianças. Também na casa de dona Margarida encontrei coelhos e galinhas que era criados para o consumo próprio em um terreno ao lado da casa.

Os acampados possuíam, no interior de suas barracas, estrutura tão confortável quando uma casa simples: tapetes sobre o chão de brita para as crianças brincarem, incontáveis travesseiros e colchões que eram “*subidos*” pela manhã. Na moradia cigana, barraca ou casa, se “*subia a cama*”: o que foi observado como primeira atividade do dia destinada às mulheres ao invés de “fazer” ou “arrumar” a cama, as ciganas tem por hábito colocar os colchões, travesseiros e cobertas num suporte próximo ao tamanho de uma mesa que facilita o trânsito em ambientes que pela noite ficariam os colchões, restando um colchão no chão, geralmente o de casal, para as crianças brincarem em cima. O citado suporte fica ao fundo da barraca e em casas os colchões podem ser empilhados lateralmente a uma parede ou postos de forma enrolada em algum canto ou sobre algum móvel que sirva como suporte.

Também possuíam eletrodomésticos (geladeira, microondas, liquidificador, máquina de lavar roupa, entre outros), utilizando luz, água e estrutura de banheiros dos vizinhos (na grande maioria das vezes, parentes ou amigos), mesa, cadeiras, sofás e poltronas. Azaleia, posteriormente construiu sua casa e se fixou definitivamente nas proximidades.

Por sua vez, os exteriores das casas se destacam com pinturas coloridas com misturas de cores (laranja, rosa, branco, salmão). Em todos os casos, na frente das residências havia carros grandes e, sobretudo, caminhonetes estacionadas, geralmente em grande número.

Ao chegar às proximidades das moradas dos ciganos, a primeira que naquele momento avisto a distância foi a dona Margarida. Com suas saias rodadas, ela resmungava com os cães na frente da casa — em estilo sobrado, espaçosa e com dois carros estacionados na frente.

A “cigana loira”, como dona Margarida gosta de ser chamada por todos, convidou para entrar e iniciei assim o primeiro contato com sua família.

2.2 O TRABALHO DE CAMPO E A HISTÓRIA DE VIDA

Sendo o centro de meu trabalho, desde o primeiro, encontro dona Margarida teve um grande destaque em minhas etnografias. Por meio de sua família obtive acolhimento nas casas ciganas, e, posteriormente, recebi dela indicações para visitar outras casas nas proximidades, percebendo após algum tempo que todos são parentes em algum grau.

Nesse estudo, os relatos de dona Margarida caracterizaram o uso da técnica de “história de vida”, na qual suas falas, por serem propriamente ditas as mais ricas em informações, também por eu ter tido com essa cigana uma maior intimidade e a criação de um mútuo afeto, configuraram o centro de uma posterior construção de laços com os demais membros.

Utilizando os referenciais de Teresa Maria Haguette⁸⁶ e Howard Becker⁸⁷, entende-se a história de vida como uma importante técnica para compreender o processo que passa do indivíduo para seu contexto social através da idéia de cultura. A meta foi captar a experiência individual⁸⁸ de cada cigana que dialogou comigo. Nas palavras de Maria Isaura Pereira de Queiróz,

Histórias de vida e depoimentos pessoais, quando cuidadosamente realizados, possibilitam conhecer um grupo e uma sociedade de seu interior, — em oposição às demais técnicas que projetam sobre ambos os esquemas formulados exteriormente, aplicando-lhes categorias definidas muitas vezes a partir de teorias que não lhes dizem respeito.⁸⁹

Dessa forma, as revelações das minhas interlocutoras mostram como elas se relacionam entre si. A construção da história de suas vidas se mostra na riqueza da

⁸⁶ HAGUETTE, Teresa Maria Frota. *Metodologias qualitativas na sociologia*. Petrópolis: Vozes, 2001.

⁸⁷ BECKER, Howard S. *Métodos de Pesquisa em Ciências Sociais*. SP, 1999.

⁸⁸ CORRÊA, Carlos Humberto. *História oral: teoria e técnica*. Florianópolis: UFSC, 1978. P. 31

⁸⁹ QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. *Variações sobre a técnica de gravador no registro da informação viva*. São Paulo: CERU e FFLCH/USP, 1983. P. 71

narração das memórias, não apenas das mulheres das famílias entrevistadas, mas no retorno à origem e às tradições de seu povo.

A mulher, em suas relações familiares e sociais, expressa os signos de seu grupo. Por meio da análise do indivíduo em si e do meio social que esse se insere, tornou-se possível estudar as diferentes formas de conceber a identidade cultural e, posteriormente, a conservação da memória (coletiva e individual).

A identidade cigana, presente na formação tanto da cultura pelotense como brasileira, reflete-se na sociabilidade e nos núcleos familiares ciganos através das vozes das mulheres de cada geração. Por meio dos depoimentos de avós, mães e filhas, presenciei no cotidiano os valores da sua tradição e o sentimento de nostalgia em relação ao que não é mais praticado pelos ciganos devido às transformações na ordem da história dessas pessoas.

Em meus primeiros encontros as conversas eram guiadas por um roteiro com eixos formados a partir de conceitos de “família”, “sociabilidade” e “identidade de grupo”, e que teve uma dupla função: primeiro, promover a síntese das questões levantadas durante a pesquisa em fontes primárias e secundárias; segundo, constituir um instrumento fundamental para orientar as atividades subsequentes, especialmente à elaboração dos roteiros individuais.

Apliquei o roteiro sempre no interior das casas e das barracas, utilizando um gravador de áudio mp3, também em ambientes normalmente correspondentes a cozinha, nas proximidades da mesa, ou ainda em sofás da sala. Desse modo, a casa cigana se abria para eu e para minha pesquisa.

Conjuntamente com dona Margarida, habita seu marido. O filho mais novo, a nora e mais três netos os visitam frequentemente, tendo sido dessa forma estabelecido meu contato com a nora em segunda instância. Desse modo, ela se tornou o segundo contato com maior proximidade.

Eu encerrei o roteiro trazendo o ponto de vista de minhas entrevistadas sobre a fixação em centros urbanos, enfim, o processo de sedentarização, se elas sentem falta de viajar com maior frequência. Ao fim, indaguei sobre as expectativas para os seus filhos, o que elas desejam para eles no futuro e o que elas gostariam que não se repetisse.

Os relatos de dona Margarida privilegiaram as recordações de festas que eram feitas com maior frequência no passado, denotando uma nostalgia do que se perdeu com o tempo e não se realiza mais tão seguidamente. Dona Margarida descreveu-me os casamentos, o comportamento da noiva antes da festa, a fartura do banquete e a riqueza das danças no acampamento. A saudade das viagens e dos filhos que moram longe transpareceu com muita força em seus relatos.

Os diálogos foram em clima de cordialidade e bastante simpatia. Como da primeira vez, e em todas as demais, ao fim das conversas sentávamos à mesa para um chá preto com frutas. Com o passar do tempo, dona Margarida passou a aguardar o meu retorno, que geralmente ocorriam aos sábados pela tarde.

Com o passar do tempo, eu dispensei o uso do gravador de áudio mp3 e prossegui o registro dos dados no diário de campo, centrando cada vez mais minha atenção nos diálogos que se abriam e para os detalhes do cotidiano que me eram revelados.

Efetivamente, trata-se de uma pesquisa que utilizou a metodologia de observação participante, colhendo do relato de vida, com testemunhos anteriormente ainda não registrados. Valendo-me das palavras de Begoña Garcia Pastor, “antes de tudo, buscava a maneira mais respeitosa de entrar em suas vidas sem invadi-las demais⁹⁰”.

Assim como Pastor⁹¹, percebi a observação participante como metodologia fundamental para sermos “impregnados pelos valores, os códigos e as normas que funcionavam e se transmitiam no seu entorno sociocultural”, levando em conta, inclusive, o destaque dessa autora para a forma da interação das crianças com os adultos, relações que estabelecem com seus iguais e, sobretudo, as experiências educativas associadas à família, bem como, o aprendizado que as filhas têm com suas mães. Por meio dos valores familiares se transmite os valores e as normas fundamentais em meu campo, assim como já referenciado por Pastor.

Objetivando registrar a sociabilidade das mulheres ciganas, convivi com as famílias por inúmeros dias, em continuados meses e anos, concentrei-me não

⁹⁰ PASTOR, Begoña Garcia. *“Ser Gitano” Fuera y dentro de La escuela: una etnografía sobre La educación de La infanciagitana em La ciudad de Valencia*. Consejo Superior de Investigaciones Científicas, s/d.P. 21.

⁹¹ Idem. P. 21.

apenas no que me era contato entre receitas de seus banquetes e ensinamentos sobre como uma mulher seria mais bonita ao se vestir e se maquiar adequadamente, mas também pelos seus silêncios.

Minha inserção nesse universo revelou-me que suas relações dentro e fora do núcleo familiar expressam a importância da cigana, seja na estrutura das relações familiares e de sociabilidade, como espelham os relatos de seus cotidianos e trajetórias percorridas desde os ancestrais, envolvendo as descrições dos sonhos e dos desejos futuros.

Nessas oportunidades as ciganas relataram o que não se faz mais presente em seu cotidiano, revelando nostalgias em relação a um passado benévolo, bem como, aquilo que gostariam para o futuro de seus filhos, tendo a família como a principal fonte de ensino.

Conforme será visto no tópico a seguir, as modificações nas tradições foram registradas e as imagens problematizadas.

2.3 A IDENTIDADE FEMININA E A IMPORTÂNCIA DA FOTOGRAFIA

As ciganas davam imenso valor quando eu as fotografava. Desde a primeira visita percebi que a fotografia teria uma grande importância. Dona Margarida pedia para ser fotografada com suas belas saias, enquanto servia chá e demonstrava passos de dança tradicional cigana. Por questões de preservação da imagem e identidade dessas ciganas optei por não utilizar as fotos em que elas aparecem para poupá-las de constrangimentos, sobretudo devido a profundidade que nossa relação tomou e das confissões que essas mulheres me confiaram.

Muitas vezes colocou-se a oportunidade para eu fotografar o interior e exterior de suas casas. Até mesmo os quartos, por vezes, eu tive acesso, assim como as roupas, à feitura da comida e do chá, fatos que revelam a confiança estabelecida ao meu trabalho de campo.

Na hora de nossa primeira foto, disse-me dona Margarida toda sorridente: *“Olha menina, assim que a gente faz nos casamentos, pra ficar bem bonita”*. Essa senhora queria que tirasse sua foto mostrando a dança típica, com o movimento de

ombros característico das ciganas. Estávamos no andar de baixo de sua casa tomando chá e recém tínhamos nos conhecido: ela já se abrira para mim.

De acordo com Olga Rodrigues de Moraes Von Simpson⁹², a fotografia é vista como resgate de pistas para o pesquisador que lida com tempo e imagem, cultura e memória. Para mim, ela é o registro vivo do que compartilhei com as ciganas e, sobretudo, do que elas querem que seja lembrado. Para Hans Belting⁹³, “a imagem deve ser identificada como uma entidade simbólica (portanto, também um item de seleção e memória) e distinta do fluxo permanente em nos ambientes visuais”.

Ou seja, entendo que as ciganas esperam pelas fotografias, se vestem e posam para isso, sendo muito limitadas as ocasiões que permitem fotos espontâneas sem que o seu ritual de preparo seja previamente realizado. Há necessidade de “troca” entre eu e as ciganas – de minha parte dar-lhes as fotos reveladas e elas me receberem bem, sendo o pedido que eu traga as fotos um convite ao retorno, reflète os atos de “dar”, “receber” e “retribuir”, a partir do *Potlach* do antropólogo Marcel Mauss (rituais de aliança e prazer onde trocas são feitas em pessoas morais, onde a aliança é a retribuição, a reciprocidade por meio de ofertas de banquetes, momento que se supera a oferta anterior na retribuição, bem como há guerra onde há negação ou não reciprocidade).

O que eles trocam não são exclusivamente bens e riquezas, bens móveis e imóveis, coisas úteis economicamente. São, antes de tudo, amabilidades, banquetes, ritos, serviços militares, mulheres, crianças, danças, festas, feiras, dos quais o mercado é apenas um dos momentos, e nos quais a circulação de riquezas não é senão um dos termos de um contrato bem mais geral e bem mais permanente⁹⁴.

A troca é muito mais do que o que o bem é em si, as representações desse bem estão em múltiplas esferas. A troca é material e espiritual, a retribuição passa a ser dar ao outro também uma parte de si:

⁹² SIMPSON, Olga Rodrigues de Moraes Von. Imagem e memória. In. SAMAIN, Etienne (org). *O fotográfico*. 2ª edição. SP: Editora Hucitec/Editora Senac São Paulo, 2005. P. 20.

⁹³ BELTING Hans. *Por uma antropologia da imagem*. REVISTA CONCINNITAS VIRTUAL: ano 6, volume 1, número 8, julho 2005. P. 67.

⁹⁴ MAUSS, Marcel. *Sociologia e Antropologia*. SP: Cosac &Naif, 2003. P. 191.

Aceitar alguma coisa de alguém é aceitar algo de sua essência espiritual, de sua alma; a conservação dessa coisa seria perigosa e mortal, e não simplesmente por seria ilícita, mas também porque essa coisa que é um bem da pessoa, não apenas moralmente, mas física e espiritualmente, essa essência, esse alimento, esses bens móveis ou imóveis, essas mulheres ou esses descendentes, esses ritos ou essas comunhões, tem poderes mágicos e religiosos sobre nós⁹⁵.

Conforme a citação acima se percebe que a coisa dada não é algo inerte, ela ganha vida em seus significados espirituais e valores religiosos. A prestação total não implica somente a obrigação de retribuir os presentes recebidos, mas supõem duas outras igualmente importantes obrigações: a de dar, de um lado, e a de receber, de outro. Quem não recebe está declarando guerra, havendo assim a obrigatoriedade da recepção do presente, e se recebendo tem-se a responsabilidade de retribuir. Esse aspecto pode ser percebido no ideário moderno, bem como em sociedades polinésias, como exemplificou Mauss. A troca de presentes com dona Margarida e as demais ciganas foi muito variada ao longo do tempo, as fotografias foram um pedido constante, embora em algumas ocasiões como na Festa de Finados, dois de novembro, eu não fosse autorizada a fotografar por ser considerado pelas ciganas desrespeito pelas datas santas. Entendo também que por meio do presente ser feito pela fotografia estou devolvendo as ciganas uma parte delas próprias que elas me entregaram.

As ciganas se preparam para a minha presença e para as fotos, pedem que espere até que elas troquem de roupa, arrumem seus cabelos, e, sobretudo, coloquem mais joias. Elas querem ser fotografadas belas, de forma que apareçam em no trabalho de forma encantadora, guardando nessas imagens uma mulher cigana forte, linda, alegre, ativa em suas atividades domésticas e culturais, demonstrando suas comidas típicas e danças. Essa demonstração de cigana forte é o exemplo de cigana “bem sucedida”. Se ela tem fartura em sua mesa e joias em abundância é sinal que sua família é bem cuidada pelo marido, que providencia seu sustendo e lhe dá o devido amparo.

As imagens se concebem no ato simbólico que envolve a sua fabricação, que existe para o ato simbólico da sua percepção. As ciganas empenham-se no registro para exibirem como elas querem ser lembradas, como elas querem que seus

⁹⁵ MAUSS, Marcel. *Sociologia e Antropologia*. SP: Cosac&Naif, 2003. P. 200.

familiares as guardem futuramente em suas memórias, e de como os que residem longe e ainda não se fixaram vejam como elas estão, enviando a eles por correio ou por outros parentes em trânsito tais fotos.

A fotografia reintegra socialmente esses parentes distantes, bem como as memórias no caso dos parentes mortos. Segundo Belting, “o retrato parece conter não só outro retrato, como também encena uma imagem da memória como uma relíquia do tempo perdido”⁹⁶.

Pode-se ir um passo além e arriscar a visão de que toda a imagem, de alguma maneira, possibilita ser classificada como máscara, seja transformando um corpo em imagem, seja existindo como uma entidade separada, ao lado do corpo. Nesse sentido, decoração facial e tatuagem podem transformar a face humana efetiva em máscara⁹⁷. Nesse ponto, a metamorfose como a origem da imagem é altamente relevante. O significado antigo da máscara como *persona* recebeu muita atenção no pensamento humanista.

O valor que essas mulheres dão ao retorno das fotos reveladas, preparando-se para tirá-las trajando suas roupas mais cuidadas, arrumando o cabelo, organizando seus filhos para que pareçam belos e sempre cobrando da pesquisadora nos trabalhos de campo seguintes a revelação das fotos reflete seu papel de resguardo da memória na família e sua inquietação com a preservação desses registros. Para Miriam Lifehitz Moreira Leite,

Fixar as fotografias, avaliá-las e distribuí-las, é papel feminino. Desde muito jovens, as mulheres são atraídas por espelhos, que lhes devolvem a imagem, que é comparada ao ideal dominante amplamente divulgado pela mídia. Já a fotografia se oferece como registro do que o espelho vê a oportunidade de ver e saber como os outros nos vêem e como éramos quando não tinha ainda havido ausências, nem separações⁹⁸.

Dessa forma, como demonstra Leite, no aspecto fotográfico, reparei a centralização da memória na mulher, o que vem a se refletir da mesma maneira em

⁹⁶ BELTING Hans. *Por uma antropologia da imagem*. REVISTA CONCINNITAS VIRTUAL: ano 6, volume 1, número 8, julho 2005. P. 71.

⁹⁷ Idem. P. 70.

⁹⁸ LEITE, Miriam Lifehitz Moreira. Retratos de família: imagem paradigmática no passado e no presente. In. SAMAIN, Etienne (org). *O fotográfico*. 2ª edição. SP: Editora Hucitec/Editora Senac São Paulo, 2005. P. 38.

muitos outros aspectos que são suas obrigações enquanto pilar da sustentação do lar, como os cuidados com a família, o ato de cozinhar, a limpeza da casa, nas palavras delas “prestar boa companhia ao marido”, e, sobretudo, a educação dos filhos, que será aprofundado no capítulo a seguir e no quarto.

Cartas da capa: Lua, Caminhos, Trevo⁹⁹.

⁹⁹ Cartas da capa:

32- Lua (8 de Copas): aspectos emocionais e cíclicos da vida; a refletir sobre a sua necessidade de reconhecimento e aprovação pública; a reconhecer e respeitar as suas reais necessidades interiores. Aflições: o medo do medo.

22- Caminhos (Rainha de Ouros): fazer escolhas, tomar decisões responsáveis e ser persistente. Meios para livrar-se de um perigo.

2- Trevo (6 de Ouros): importância de manter a confiança e de buscar a sabedoria interior para enfrentar as situações adversas da vida. Exercitar a capacidade de compartilhar.

CAPÍTULO III



A cigana disse-lhe algumas palavras numa língua para mim desconhecida, que depois fui saber tratar-se de *rommaní* ou *chíprecalli*, o idioma dos gitanos. [...] Assim que ficamos a sós, a cigana retirou do cofre cartas que pareciam bastante usadas, um ímã, um camaleão seco e alguns outros objetos necessários a sua arte. Ela pediu que, com uma moeda, eu fizesse a cruz em minha mão esquerda. É inútil lhes contar suas previsões, e quanto a seu modo de operar, era evidente que ela não era uma falsa feiticeira. [...] A *bar lachí*, senhor, é a pedra-ímã com a qual os ciganos afirmam que possamos fazer muitos sortilégios caso saibamos usá-la. Se existe bruxas, essa garota era uma delas. [...] Olhei e lá estava um pequeno lima inglês que havia sido introduzida na massa antes de ser cozida. Dentro do pão havia também uma moeda de ouro e duas piastras. Já não restavam dúvidas, era um presente de Carmem. Para as pessoas de sua raça, a liberdade é tudo, e seriam capazes de tocar fogo na cidade para livrar-se de um dia de prisão. (Prosper Mérimée)

A Mediação da Sacerdotisa

Chego à casa de dona Margarida por volta de 9h30mim da manhã. Estava nublado, era quarta-feira na primeira semana de abril de 2012 e começava o frio. A primeira vista na aproximação da casa percebo uma movimentação diferente, pelo visto seu Lirio estava trabalhando. Havia uma negociação de troca de carros com dois “brasileiros”. Seu Lirio, junto com seu filho, marido de Orquídea, insistia na troca que seus clientes achavam injusta e aparentemente não queriam aquele desfecho.

Dona Margarida me recebe explicando que as negociações às vezes são complicadas, “porque esses ‘brasileiros’ não entendem o valor do conserto das coisas e acham que vão ser ‘logrados’ sempre”.

Entrego para dona Margarida uma sacola plástica com a capa de plástico (que consistia em uma embalagem de edredom reaproveitada) e o casaco, de lã branca leve com detalhes bordados, que ela me havia emprestado no dia anterior por estar chovendo muito na hora que eu ia embora, para que “escapasse da tormenta sem doença”. Eu sou uma “menina fraca”, em suas palavras, podendo ser “levada pelo vento de tão pequeninha”.

Dona Margarida me serve café passado preto, bem forte e doce, com pão e bolachas, enquanto espero por Orquídea, que estava dormindo no segundo andar da casa. Violeta estava com

as filhas na cozinha e fica conversando comigo. Violeta viria a ter o papel de amiga, tão grandioso quanto o de dona Margarida como minha mãe. Violeta me fazia redescobrir o universo feminino fisicamente, sempre afirmando que eu me sentiria melhor se fosse mais vaidosa. Ela desejava me transformar em uma mulher atraente o suficiente para dominar qualquer relação.

Já fazia cerca de quatro meses que Orquídea havia assumido certa iniciativa de ter o papel de minha “guia espiritual”. Tudo iniciou quando trouxe uma amiga comigo em uma das visitas a família de Dona Margarida. Vou retomar uma memória de alguns meses atrás quando essa relação se iniciou: minha amiga e vizinha, Rosiléi, era encantada pelo meu trabalho de campo. Muito curiosa, vivia fazendo perguntas sobre as ciganas. Rosiléi adorava leitura de tarô, eu lia as cartas para ela frequentemente como brincadeira, mas ela estava curiosa pelo modo como as ciganas pudessem ler, imaginando serem eficientes que eu em suas leituras e aconselhamentos amorosos. Como dona Margarida já estava acostumada com uma antiga amiga minha que me acompanhou em visitas a sua casa em anos anteriores, imaginei que fosse gostar que eu levasse Rosiléi. Fomos em uma tarde de fim de janeiro de 2012 de tempo quente, com bastante sol.

Assim que chegamos fomos muito bem recebidas por dona Margarida e por Orquídea, que estava sentada em um canto meio escondida próximo a escada, fora do centro de conversas proporcionado pelos sofás. Cumprimentamos as ciganas e, como se

lesse a mente de Rosilei, antes de completar um minuto que entramos na casa Orquídea levantou-se com muita agilidade e vem em minha direção e disse: “vou fazer as honras, vamos que eu vou tirar pra ti o tarô”, dizendo ainda que a vez de minha amiga seria depois. Em toda nossa relação anterior, de anos, ela nunca havia se disposto a fazer isso, possivelmente à presença de minha amiga despertou essa determinação, acrescida pelo fato de eu “estar clamando por ajuda”, em suas palavras: “quem olha pra ti vê que tu pede socorro em silêncio, tem um buraco dentro de ti de tristeza e dor.”

Nessa ocasião, nós duas subimos ao segundo andar enquanto minha amiga é absorvida pela conversa com dona Margarida. Sempre me impressiono com a subida ao segundo andar, é raro esse acontecimento, e lá em cima é tudo diferente: ao contrário do andar inferior, no nível da casa em que nos encontramos existem divisórias, contudo é difícil perceber o que cada cômodo representa, pois existem colchões na “sala” tanto quanto nos quartos. Além de a sala servir como dormitório, outra diferença se encontra nos quartos. São diferentes quanto à disposição dos móveis e até mesmo à utilização da mobília: ao invés de armários para roupas, estantes de televisão, por exemplo.

Orquídea se organiza para me tirar as cartas, posicionando nossas cadeiras uma de frente para a outra na mesa. Ela cita uma série de coisas que me tocam emocionalmente enquanto tira as cartas. Fala sobre a presença do espírito de minha mãe me iluminando. Ela enfatiza que tenho uma “cova” dentro de mim, eu devo “fechar” meu corpo, pois disperso energia sempre.

Orquídea fala de uma necessidade urgente de intervenção para meu “socorro”, pois meu “anjo da guarda” está se afastando, o que me causa “insegurança”. De acordo com as cartas que ela lê, há muita inveja a minha volta, pessoas com ciúmes do que eu conquistei. Ela me manda colocar um ovo no meu quarto e deixá-lo lá por algum tempo, para que ele purificasse a mim e a minha casa. Eu deveria fazer um “trabalho” imediatamente para “melhorar e ser mais firme”.

A partir desse dia Orquídea me auxilia e me orienta sobre a realização do “trabalho”. Ela tira as minhas medidas de altura, cintura e busto. Anota em um caderno, juntamente com meu nome completo, data de nascimento, hora e cidade natal. Inicialmente ela fez uma vela da minha altura e queimou com o pedido de que eu fosse “guiada e iluminada”. Junto à vela foi feita uma “bandeira” de tecido de (crepe chiffon) seis metros e meio que foi queimada e as cinzas foram colocadas em um futuro banho que ela preparou e meu deu. Haveria banhos periódicos a partir dessa ocasião, com diferentes ingredientes que eu deveria fornecer.

Voltando ao dia que iniciei a descrição, a negociação de carros segue, com discussões acaloradas e gritos em romaní de seu Lirio com seu filho. Ajudo dona Margarida a preparar uma traíra com molho para o almoço, pois era semana santa e era prioridade não ingerir carne vermelha nesses dias.

Camélia, filha de Orquídea, sempre muito próxima a mim, encanta-me dizendo que pareço sua irmã, pela forma que dona Margarida me trata. Orquídea acorda e vem falar comigo.

Comenta sobre a filha estar ajudando dona Margarida, “como é fácil o serviço agora, até criança pequena faz fácil sem passar trabalho.” Ela constantemente fazia essas comparações com os hábitos das gerações antigas com o que se pratica hoje, ela comenta que a sua geração foi a que viu mais mudanças.

Pela primeira vez Orquídea me revela que fez faculdade. Ela conta que casou no meio do curso, fez Psicologia na UFSM - Universidade Federal de Santa Maria - há cerca de dez anos. A possibilidade de uma cigana com curso superior que percebe ser importante revelar a mim sua graduação, como uma forma de nivelamento de forças intelectuais e de demonstração de “poder” na mesma moeda que o meu, revelou-se em uma lista de pedidos que ela havia feito no mesmo dia para um “trabalho” a ser feito em meu nome(ver Anexo 6). Semana que vem seria a Páscoa e eu achei peculiar ela me pedir chocolates. Presumi que eles ficariam para as crianças. O que eu realmente não gostei era ela ter me pedido que não comesse os doces que eu comprasse por um ano por isso ser desrespeito grave com a “entidade” a que eles seriam oferecidos. Pensei com revolta na hora que ela me disse isso: “desculpa Orquídea, mas um ano sem chocolate, não vai dar”!

Orquídea conta que sempre conseguiu assimilar a magia e o estudo: “a magia não se aprende, se nasce com ela”. A sua mãe trabalhou com isso por cinquenta e quatro anos. Em suas palavras, “toda a cigana tem a capacidade de ler mão e de sentir”, pois se aprende com a mãe o significado das cartas no caso do tarô e de como mostrar o que se “sente” para o paciente/cliente de forma que venha a ajudá-lo da melhor forma

possível. Esse auxílio às pessoas é visto como uma “missão” de vida. No caso dela, Orquídea preferiu seguir pela “magia” e não pela Psicologia, abandonando a prática exclusiva da profissão, por entender suas consultorias espirituais como mais completas e de melhor alcance na ajuda a quem a procura.

Orquídea enfatizou ainda que apoiaria a filha se ela quisesse fazer algum curso superior: “é algo para o crescimento pessoal e realização dela”. Subimos para Orquídea me “atender”. Conta que vai me fazer um banho para me “adoçar”. Mostra um colar que tem com uma estrela de Davi dourada grande, é sua “guia aura”.

Orquídea conta que faz suas oferendas em um galpão de umbanda espírita em Rio Grande, um lugar comunitário usado por muitas pessoas de várias religiões. Ela conta ser importante não se importar com as “divisões religiosas” pelo fato de não haver nada acima de Deus: “Deus nos fez, assim respeito todas. Mas só a espírita faz pela caridade e são os ensinamentos mais puros.” Ela reforça sua intenção de auxílio ao próximo:

“Deus é tão certo no dom que quando ele te dá ele não te tira nada, tu recebe a tranqüilidade em troca. Tem que fazer o bem mesmo sem o dinheiro da pessoa. Todos são bem-vindos. Todos os ciganos. Os que não acreditam ou fazem mal tem o mesmo em troca. Isso é milenar. Quando eles têm uma índole ruim, eles são isolados dos outros. É uma troca de princípios entre todos. Ajudar para ter isso de volta. Sempre alguém precisa e outro ajuda. União explícita. Um por todos e todos por um, assim se compartilha.”

Quando há reuniões ela conta que se separa a mulher e o homem, pois a espiritualidade da mulher se sobrepõe. Elas têm uma espiritualidade maior, pois “é a mulher que desenvolve as

habilidades de leitura de mão; premonições e tem os destinos em suas mãos.”

Orquídea percebe a mulher cigana, pelas suas palavras, “são sacerdotisas respeitadas e bem tratadas, pois ao mesmo tempo em que ela se escraviza na família, ela recebe tudo de volta.” A sacerdotisa tem o papel de religar à benção divina de zelo por mim, de me lembrar que sou iluminada.

Orquídea é o laço que aproxima a divindade de mim. Desejo a segurança de Orquídea. Gostaria de viver como sacerdotisa, como ela. A vida dela se mostra por vezes mais feliz, gratificante e simples de ser concretizada que a minha.

A segurança da mulher e sacerdotisa cigana está na família, no seu casamento feito ainda na juventude, zelo financeiro do marido e no estímulo a grande número de filhos a quem cuidar, que não a deixariam sozinha. Admiro a beleza da realidade feminina cigana, entretanto, percebo, pelas vozes das mais jovens, que não tem o estudo estimulado pela família, o solo seguro familiar também se refletindo como submissão, o que pode ocasionar sofrimento. Tristeza também visualizada por Orquídea em minha realidade de “brasileira” moderna, repleta de “solidão”, pela minha independência financeira e distanciamento de convívio familiar, casamento tardio e sem planos de filhos por hora.

3 A TRADIÇÃO DA CULTURA NA FAMÍLIA E NA MULHER CIGANA

Neste capítulo o foco se dirigirá a uma formação do feminino dessas mulheres e de suas relações com seu cotidiano, trabalho, casa e marido. A mulher é o pilar da família e a fonte de transmissão da cultura aos filhos. Serão vistas as atividades de sustento, as obrigações desempenhadas e o aprofundamento do papel de sacerdotisa pela cigana.

3.1 A FORMAS QUE SE SEPARAM

Desde o início o contato com mulheres foi a porta de entrada para as famílias ciganas. Como pesquisadora eu era recebida apenas por mulheres. Os homens me ignoravam em um sentido de respeito, por mim e pelas suas próprias esposas. Em situações corriqueiras de convívio nas casas, os homens passavam por mim e eu era invisível, era como se não estivesse ali até o ponto em que eles necessitavam falar com suas esposas ou filhas e preferiam falar em romani para poupar questionamentos meus. Dessa forma, as observações foram feitas, sobretudo, pelos testemunhos femininos das “matriarcas” dessas famílias.

Evidentemente, isso traz uma questão de gênero. Para Marilyn Strathern:

O gênero é a forma principal por meio da qual a alteração é conceitualizada. O ser “masculino” ou o ser “feminino” emerge como um estado unitário holístico sob circunstâncias particulares. No modo um-são-muitos, cada forma masculina ou feminina pode ser vista como contendo em si uma identidade compósita oculta que é ativada como angrofinia transformada. (...) Uma dualidade interna é exteriorizada ou propiciada pela presença de um parceiro: o que era uma “meia” pessoa torna-se “um” de um par.¹⁰⁰

Entendendo a colocação desses universos, entre mulheres de culturas diferenciadas, reparo que Strathern critica o comportamento dicotômico universal,

¹⁰⁰ STRATHERN, Marilyn. *O gênero da dádiva*. Problemas com as mulheres e problemas com a sociedade na Melanésia. Campinas, Editora da Unicamp, 2006. P. 43

bem como, o pensamento dicotômico enquanto supremacia da ciência em uma perspectiva civilizatória de pensar-se o outro. Nas palavras dela: “O comportamento é assumido como categoricamente neutro, o poder residindo no controle do evento ou dos recursos, como na maneira pela qual ‘homens’ controlam ‘mulheres’¹⁰¹”. A idéia é aprender a cultura do outro, na discussão da afecção, no conceito de relativismo.

Diferenciando-as das “*brasileiras*” que não as entendem, em uma primeira impressão ao mundo externo dos não ciganos, essas mulheres destacam-se nas ruas da cidade que percorrem, sobretudo, além da fala de uma língua própria, pelas suas vestimentas características.

Já os homens não se diferenciam muito dos não ciganos, sendo predominante entre os mais velhos o uso de calças e camisas sociais, com tecidos finos, coloridos e as calças com cores neutras, os mais jovens usando normalmente jeans e camisas pólo, ou camisetas coloridas e estampadas, seguindo a moda contemporânea. Não há um traje ideal entre eles, não há um padrão. É comum também entre os homens o uso de joias, anéis e colares bem como dentes de ouro.

Por sua vez, entre as mulheres mais velhas, ou casadas, o cabelo é geralmente mantido preso, em laço ou coque, as mais jovens usam mais a trança, sendo que também é usado o cabelo solto por inteiro ou apenas preso algumas mechas frontais. Normalmente, seus cabelos são castanhos/castanho escuros. As ciganas são muito vaidosas e adoram colorir o cabelo com luzes, mechas loiras ou pintá-lo por inteiro de tons mais claros. Sobre isso, repare o que me disse Papoula:

[Papoula] *Menina, eu também era assim discreta que nem tu, mas a gente tem que se arrumar. Não tem que ter vergonha, eu fiz agora assim [ela passa a mão nos cabelos com luzes presos em laço] ficou mais vivo, meu marido gostou bastante. Tem que mudar um pouco.*

Papoula, com um cabelo próximo ao meu, cacheado castanho escuro e longo, me incentivava a fazer o mesmo que fez em seus cabelos, satisfeita com o resultado. As ciganas adoram passar diversos tipos de cremes hidratantes, nos

¹⁰¹ STRATHERN, Marilyn. *O gênero da dádiva*. Problemas com as mulheres e problemas com a sociedade na Melanésia. Campinas, Editora da Unicamp, 2006. P. 22.

cabelos e no corpo, bem como perfumes, óleos e *mousses*. Fazem as unhas, sempre coloridas, douradas ou com detalhes de pinturas de flores. “Não se usa e não se valoriza as cores neutras ou escuras como marrom, azul marinho colegial ou preto¹⁰²”.

Quando há festas todas se produzem para o evento com certa antecedência. Usam geralmente a própria casa para se arrumarem, fazendo elas próprias os serviços, como foi presenciado em campo, inclusive com dona Margarida ensinando como hidratar e pintar os cabelos na prática, ou solicitando a alguma mulher do bairro a realização desse trabalho em domicílio.

Entre as ciganas mais tradicionais, usa-se saias mais rodadas, com cores fortes e estampas floridas, sempre longas, escondendo as pernas, que as ciganas tem “*vergonha de mostrar*”, nas palavras de dona Margarida. Abaixo estão uma amostra de uma das saias de dona Margarida, com tecido que dei de presente a ela, florida em fundo branco e ao lado um outro tecido que a presenteei com lantejoulas e paetês.



Im. 4



¹⁰² ADOLFO, Sérgio Paulo. *ROM: uma odisséia cigana*. Londrina: Ed. UEL, 1999. P. 91

Im. 5.

A saia é composta por duas peças, sendo a saia propriamente dita e o avental¹⁰³. No inverno é observado o uso de uma saia de forro, por baixo da saia usual, denominada “anágua”, para aquecer mais, sendo o tecido dessa algo próximo a seda, sendo liso, leve e fino.

As blusas combinam com a saia, às vezes formando um visual próximo a um vestido, sendo um a continuidade do outro ou fazendo o contraste. Na grande maioria das vezes, são bastante coloridas, assim como as saias, com mangas pela metade do braço ou curtas com babados, enfeites de todo o tipo, lantejoulas, rendas, fitas de cores diferentes. O decote é bastante valorizado mesmo no frio, o uso de casacos abertos é predominante, normalmente sobretudos de lã colorida.

Nas falas dessas mulheres, o traje da cigana se modificou com o passar das gerações, apesar das saias terem se mantido. O feitio do corte, antigamente era mais rodado, hoje passa a ser mais liso e o uso de lenços nos cabelos foi abandonado pelas novas gerações. Segundo dona Margarida:

[Margarida] *Um lenço na cabeça, sandalhinhas... Elas usavam. Hoje elas já não usam mais. Não gostam. Acham que não combina com a idade. Não sei... Mas antigamente era obrigatório usar. Eu Usei. [A minha filha] Só quando ela casou, depois não... Agora, numa festa assim, elas gostam pra diferenciar. Mas são muito raros também. Tu vê que agora a pouco nós tivemos num casamento, e não dava pra saber quem era casada e quem não era porque as gurias, gurias nova né, já casada, com filho, mas não usava... É... Já é um costume que já está se perdendo.*

Conforme observado durante o trabalho de campo, o uso do lenço na cabeça da mulher é um traje de festas. São coloridos, de tecidos finos, às vezes,

¹⁰³ “A saia é sempre de uma cor ou de uma padronagem e o avental de outra cor [ou outro tom da mesma cor] contrastando com a saia ou pode também ser de um tecido transparente para valorizar as cores da saia. A saia devera ser pregueada ou estilo godê muito rodada em ambos os casos. O avental deverá ser tão comprido quanto a saia e ter a metade de sua largura, ou seja, o avental devera cobrir mais da metade do corpo de sua dona. Saia e avental deverão ser compridos para cobrir parte do pé. No dia-a-dia, as ciganas arrepanham as saias e aventais, enfiando-os num lado da cintura para facilitar-lhes a movimentação, produzindo assim um efeito visual muito peculiar. Os aventais costumam ter seus arremates em forma de babadinhos ou outra forma delicada, como pequenos pontos de bordados ou aplicações coloridas [sempre acompanhando o padrão da saia: plissada, em camadas (três marias), etc].” ADOLFO, Sérgio Paulo. *ROM: uma odisséia cigana*. Londrina: Ed. UEL, 1999. P. 91.

transparentes, com brilhos e bordados, detalhes em renda nas laterais. O lenço seria obrigatório para sinalizar as mulheres casadas, porém caiu em desuso e não é mais tão comum sua utilização entre as moças mais jovens recém casadas, sendo esse comportamento bastante criticado pelas senhoras mais velhas.

As mais jovens variam os tecidos das saias, mais retos e lisos, às vezes, com menos estampas, mas também compridos. As vestimentas da mulher casada também diferem da solteira, sendo considerado o ideal para a casada o uso de saias longas e vestidos, uma das características mais valorizadas, sobretudo pelas ciganas de mais idade, como exposição de sua identidade feminina cigana, conforme foto abaixo que ilustra um dos tecidos usados para as saias ciganas que dei de presente a Camélia, filha de Orquídea.



Im. 6

Já as ciganas ainda não casadas, as moças geralmente com menos de dezesseis anos, usam calças jeans ou de malha e blusas soltas, coloridas ou sobreposições de tecidos com saias mais curtas, quando seus pais permitem tal liberdade. As mais jovens percebem uma abertura possível para usarem as “*vestimentas brasileiras*”. Conforme Dália:

[Dália] *As roupas de cigana, não me vejo mais com isso, me sinto uma velha. É melhor usar assim, roupas normais [aponta para sua cintura, veste uma calça jeans justa e uma blusa branca], pra ir no colégio e tudo, vou ser apontada na rua de cigana se vou que nem a mãe, não quero!*

O grande marco na mudança da vestimenta é o casamento. Após ele a cigana cobre as pernas com mais obrigatoriedade. Por essas, é usado, na grande maioria das vezes, vestidos compridos propriamente ditos, e não a combinação saia e blusa. Essas ciganas mencionam como sendo “*brega*” e “*cafona*” as grandes saias rodadas, usadas por suas mães, preferindo estampas mais “*discretas*”, mantendo a “*sensualidade feminina*”, a seu modo. Abaixo algumas falas:

[Margarida] *Eles gostam mais da gente com a roupa, fica mais bonito, cada vez que eu vou numa festa eu boto esses vestidos rodados bem bonitos. Trás aquele azul ali pra ela ver [ela aponta para seu neto pegar a roupa indicada na mesa ao fundo do cômodo da cozinha]. A gente não usa as roupas que nem as de vocês [“brasileiras”]. Mando fazer tudo bonito assim, sete metros, oito metros, tudo estampado e rodado bonito assim, as blusas bordadas tudo com flores. Trás o vermelho de lá [aponta de novo para o neto trazer do mesmo lugar do anterior], tudo comprido. Coisa mais linda... Fazia tempo que eu não botava esse... Botei esses dias. Eu emagreci... Esse tecido é muito caro. Vai fazer 15 anos que tenho. Agora não, as gurias [não casadas] podem usar calça, essas coisas, blusas normais... Já têm muita coisa diferente. As roupas de cigano antigo, que não usam mais. Tudo bonito e agora não usam mais... É que todo mundo usava, mas agora não existe mais... Uma saia mais rodada, uma blusa diferente.*

[Azaleia] [A cigana casada] *passa a usar mais saia, mais vestido, menos calça. Para de andar tanto com as amigas.*

[Acácia] *Quando é “brasileira” é “brasileira”, quando é cigana é cigana. É tudo diferente. Mas agora já tão deixando essa coisa de lado, agora as ciganas tão mais “brasileiras” que cigana.*

Essa modernização do vestuário é vista pelas mais velhas como desprezo pelas tradições e há grande desgosto das avós em verem as netas moças vestidas acompanhando a moda. Assim, observa-se certa divisão entre as vestimentas características de cada identidade, da cigana e da “*brasileira*”.

Mas tal oposição também é sinal de manutenção de traços específicos de grupo cigano enquanto grupo étnico. As mudanças nos costumes ciganos ao decorrer do tempo trazem a nostalgia de uma sociabilidade que não se vivencia mais. As roupas não mais usadas pelas ciganas denotam “*um costume que já está se perdendo*” em decorrência das ciganas preferirem assemelharem-se as “brasileiras”.

O uso de correntes, brincos, anéis e dentes de ouro aumentam conforme mais velha torna-se uma cigana. As ciganas valorizam a demonstração da posse de

joias, pois uma mulher com joias é vista como uma cigana protegida pelo seu marido, que lhe sustenta e lhe fornece presentes, tendo respeito das demais.

A identidade cigana está muito ligada ao aprendizado do idioma do grupo, por vezes denominado de “romani” ou “cigano”. Essa língua é usada entre os integrantes do grupo, sobretudo, quando desejam comunicar-se sem que os “*brasileiros*” compreendam. Cabe à mãe, principalmente, ensinar o idioma à criança. Mesmo que ela seja “*brasileira*” essa mãe deve aprender o idioma antes de ter filhos para poder lhes instruir na língua, sendo esse aprendizado fundamental para a sociabilidade do grupo:

[Azaleia] *Eu gosto de ser cigana, é bom poder ir pra outros lugares, conhecer pessoas que te enxergam com outros olhos e tu poder falar delas [risos]. Porque a gente vai pra um lugar, ai tem gente que fala mal de nós e a gente escuta tudo, ao contrário de nós que podemos falar em “cigano” e elas não entendem nada. [risos] Pena que não tem escrita. Só dialeto. Era bom se fizessem uma escrita, se a gente vai montar uma palavra sai um som diferente, daí tem muita diferença da escrita pra fala, ai não dá.*

Gláucia: E a sua filhinha já sabe falar?

[Azaleia] *Sim, tudo.*

Gláucia: Quantos anos ela tem?

[Azaleia] *Tem três.*

As ciganas interpretam a interação com a cultura diferente da sua como um acréscimo aos seus costumes, podendo absorver da moda e cultura “*brasileira*” o que lhe convier. A mulher é quem repassará a cultura aos filhos, sendo assim pilar fundamental da família. Tendo em vista a importância de trazer a voz das ciganas nessa discussão, no próximo tópico apresentarei uma visão mais aprofundada sobre a família cigana.

3.2 A FAMÍLIA CIGANA

O antropólogo funcionalista inglês Radcliffe-Brown¹⁰⁴ mostra que o parentesco por brincadeira é uma forma especial de aliança. Uma atividade é um processo qualquer executado por uma ou mais unidades essenciais que corresponde nas condições necessárias de existência do organismo. Essa correspondência é o que Radcliffe-Brown chama “função”.

Portanto, a função de uma atividade é a parte que ela desempenha na vida social como um todo, ou seja, a contribuição que faz para a manutenção da continuidade estrutural. Em seu esquema pensa-se em aliança e filiação como unidades da estrutura, com direitos e deveres a seguir e a reciprocidade nas emoções que a relação encerra, em que, por exemplo, a relação entre o homem e o cunhado pautada pela “jocosidade” e, por outro lado, com seus sogros pautada pela “evitação”.

A relação entre sogras e noras ciganas é de grande afeto, a nora tem deveres para com a casa da sogra como se fosse sua filha: deve ajudar a sogra, sobretudo se for uma senhora de idade avançada a fazer os serviços domésticos no caso de não disporem de empregada para esse fim e deve cuidar da sogra no sentido de fazer companhia a ela e ser atenta as suas necessidades. A nora tem pela sogra a relação que anteriormente ao casamento tinha com sua mãe, visto que a moça após o casamento passa a residir na casa dos sogros (sobretudo se seu esposo for o filho mais novo, tendo o dever de cuidar dos pais). Essa relação familiar tão carinhosa entre sogras e noras será mais explorada no capítulo quatro, quando será discutido o casamento mais profundamente.

Radcliffe-Brown enfatiza a observação da lógica e do sentimento dos comportamentos, visto dentro de um próprio contexto sistemático. O funcionamento se realiza por meio de atividades. A vida do social é o funcionamento da estrutura e a continuidade do funcionamento é fator necessário para a manutenção e a continuidade da estrutura social.

¹⁰⁴ RADCLIFFE-BROWN, Alfred Reginald. "Os parentescos por Brincadeiras" e "Nota Adicional sobre os parentescos por brincadeira". In: *Estrutura e Função na Sociedade Primitiva*. Petrópolis: Vozes, 1973.

Na família cigana, devido a seu caráter itinerante, esse núcleo principal interage com o restante, mesmo nos deslocamentos territoriais. Porém, não se deve confundir família com grupo doméstico, que é constituído por indivíduos que partilham um mesmo *habitat*, pois entre seus membros pode não haver propriamente um laço de parentesco. Segundo Edmund Leach: as pessoas compartilham a formação de um lar e a sociabilidade acima de tudo. Mas uma família pode-se dividir em um ou mais grupos domésticos¹⁰⁵.

O conceito restrito de “nós” como grupo é aquele que usamos em relação à família em si, pais e seus filhos e demais co-habitantes (se os houver), mas a categoria de “parentes” também abrange os avós, os netos, os irmãos e seus filhos, os filhos casados, tios e tias, primos diretos e talvez mais alguns. [...] Em muitas sociedades humanas o campo social é dividido de outras maneiras. A solidariedade dos grupos “nós” que associamos com a intimidade do parentesco, no sentido que acabamos de descrever, tende a estender-se ao exterior através de todo o sistema social¹⁰⁶.

Como explica Leach, a expansão da “intimidade” do grupo tende a ampliar-se e o conceito de família como polissêmico, pode expandir-se para formas não tão tradicionais, como se vê no caso de Petúnia, irmã de dona Margarida, sendo uma exceção a norma cigana: ela se apresentava como uma senhora solteira e com filha adotiva. Porém a distinção entre o privado e o público não desaparece, mas passa a ser aplicada em domínios diferentes. A tendência da família humana é romper os limites biológicos, abrindo-se para um número cada vez maior de indivíduos, abrangendo dessa maneira a sociabilidade, interagindo com maior número de pessoas fora do núcleo. Uma das maneiras dessa interação ocorrer, e a principal forma que se observa entre os ciganos, é por meio do casamento e da formação de outro núcleo familiar. Nesse universo, a família é o início da formação do grupo, a base da sociabilidade — sendo essa a classe mais pura de interação, as múltiplas condições de interligar as pessoas, compreendendo os fatos mais simples da realidade social — geralmente se iniciando por meio de um novo núcleo através do casamento.

¹⁰⁵ SILVA, Benedicto (Coord). *Dicionário de Ciências Sociais*. 1986, Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas. P. 457

¹⁰⁶ LEACH, Edmund. *A diversidade da antropologia*. Rio de Janeiro: Perspectivas do Homem/Edições 70. P. 129

Para Lévi-Strauss há possibilidade de variações e existência da família nuclear patriarcal que se conhece hoje na sociedade “civilizada” monogâmica, em todas as outras etapas, sendo uma união mais ou menos duradoura, socialmente aprovada, entre um homem, uma mulher e seus filhos, constituindo fenômeno universal presente em todo e qualquer tipo de sociedade¹⁰⁷. Assim Lévi-Strauss define “família”:

A família tem sua origem no casamento, é constituída pelo marido, pela esposa e pelos filhos provenientes de sua união, conquanto seja lícito conceber que outros parentes possam encontrar o seu lugar próximo ao núcleo do grupo, os membros da família estão unidos entre si por laços legais, direitos e obrigações econômicas, religiosas ou de outra espécie, um entrelaçamento definido de direitos e proibições sexuais, e uma quantidade variada e diversificada de sentimentos psicológicos, tais como amor, afeto, respeito, medo, etc.¹⁰⁸

O parentesco constitui então um sistema organizado em redor de uma “estrutura mínima” ou um “átomo de parentesco”, de que as alianças matrimoniais são, do mesmo modo que a filiação, um dado imediato. O parentesco por alianças matrimoniais pode ser visto como um elemento exterior que se enxerta no parentesco propriamente dito. É parte integrante do que se chama, geralmente “sistema de parentesco-alianças”. Nisso incluem-se as relações de filiação (relativas a um ascendente comum) e as relações de alianças matrimoniais (geradas pela necessidade de casamento fora do grupo de filiação). A filiação é o princípio de constituição e de organização interna de cada grupo de parentesco. A relação entre a mãe e seus filhos constitui o principal átomo de parentesco observado em campo. A manutenção de aspectos que permeiam gerações, passando de mãe para filha, ocorre por rituais de transmissão dos valores simbólicos desse povo para as gerações mais jovens pelas relações de sociabilidade. Percebi que os elementos da identidade feminina são transmitidos dessa forma a partir do diálogo abaixo:

¹⁰⁷ LEVI-STRAUSS. “A família” In: Shapiro, Harry (org.). *Homem, cultura e sociedade*. Portugal. Ed. Fundo de Cultura, 1972. P. 309

¹⁰⁸ Idem. P. 314.

Gláucia: E como vocês aprendem a leitura de mão?

[Margarida] *Depende. De mãe pra filha é que se aprende quando são pequeninhas, a gente caminhava pelas colônias e já aprendia, desde novinhas.*

Gláucia: E como você aprendeu a tirar tarô?

[Orquídea] *Com a mãe. Desde pequeninha ela já me ensinava. Eu gosto de poder ajudar as pessoas, isso é missão de vida. Tem que ter responsabilidade, a gente é comprometido em ajudar, e eu levo a sério. Eu sempre consegui assimilar a magia e o estudo. A magia se nasce com ela. Minha mãe trabalhou com isso por 54 anos. Toda a cigana tem a capacidade de ler mão e de “sentir”.*

Entre as ciganas sua maior joia é a saúde, educação e bem estar de seus filhos, obrigações que são suas enquanto boa mãe. A transmissão de valores familiares e o ensino das tradições ciganas, sobretudo o idioma, como já foram vistas, é de imensa importância para a manutenção da cultura cigana.

Já as alianças (o parentesco por alianças matrimoniais), são o princípio da organização das relações externas entre os diferentes grupos, constrangidos a estabelecer relações necessárias de troca matrimonial, de acordo com Lévi-Strauss, por força da exogamia, porém é observado no caso cigano a preferência pela endogamia.

A família é geralmente para os ciganos um sistema de chefia definido, com base na autoridade dos mais velhos, onde se observa uma grande importância na hierarquia. Segundo o antropólogo e historiador Moacir Antonio Locatelli:

Dentre as pessoas do grupo, todas têm obrigação de respeitar os mais velhos. Essa é a lei maior. Passando a seguir para os pais. Se não forem os mais velhos, e primeiro os homens e depois as mulheres. No caso de grupos maiores ou regionais (por grupos regionais entendemos os que residem numa mesma cidade ou vila) o respeito maior é devido aos indivíduos que participam do Kris (conselho dos mais velhos).¹⁰⁹

Isto é, em caso de dúvida, sempre se deve consultar os mais velhos. Orquídea e Azaleia mencionam que em algumas situações um conselho de anciões reúne-se e toma decisões acerca de medidas punitivas, no caso de um cigano, por

¹⁰⁹ LOCATELLI, Moacir Antonio. *O Ocaso de uma Cultura; uma análise antropológica dos ciganos*. Santa Rosa, Barcellos Livreiro e Editor, 1981. P. 54.

exemplo, trair a sua esposa, abandoná-la ou não lhe prover o que lhe é de direito após a separação, o que varia de bens em dinheiro até a perda dos quatro dedos de uma mão, nos casos mais severos. No diálogo que se deu com essa cigana aparece ainda o seguinte:

[Orquídea] *O homem pode trazer “brasileira” para a família...*

Gláucia: Pode se casar com uma desde que esta adote as tradições e idioma ciganos...

[Orquídea] *Justamente, para não haver traição, porque depois que adianta ele casar com uma cigana se está apaixonado por uma “brasileira” e vai ir lá encontrar-se com ela escondido? Se houver traição, o homem perde os quatro dedos da mão para ser identificado, ele é visto como uma ameaça quando é cortado. Não é levado em hospital, os anciões da região se reúnem para tomar a decisão e fazer o castigo dele com facão quente. Isso se passa por gerações.*

Diga-se de passagem, os anciões são responsáveis pelo estabelecimento de estabelecer medidas indenizatórias, no caso de pagamento de multa pela jovem ter perdido a virgindade antes do casamento, o que vai de trinta e cinco a cinquenta mil reais. O dinheiro deve ser pago pelo genro como multa por ter tirado a virgindade da moça antes do casamento, sendo que esse valor é repassado para os ciganos mais pobres.

De acordo com Orquídea, o conselho de anciões também é responsável por prover o cuidado da família em outras situações. Há o caso citado por essa cigana de uma família que era preservada pelo conselho de anciões por ter perdido um dos filhos, um garoto de três anos de idade, atropelado na avenida principal de seu bairro há alguns anos. Orquídea conta o caso com muita pena dos pais do menino, dizendo repetidas vezes que o papel dos outros ciganos em colaborar com doações coordenadas pelo conselho de anciões para famílias como essa é muito necessário, pois “*esse tipo de perda nunca se recupera*”.

Segundo Maria de Lourdes Sant’Ana é evidente a importância da família na sociabilidade cigana e na formação da identidade de grupo, pois, segundo ela trata-se de:

Um princípio de cooperação econômica entre seus membros, bem como regras de residência mais ou menos determinadas, entre outros elementos, que demonstram a coesão interna desta unidade corporada. Cada cigano tem seu papel definido na família, e esta se apresenta como a base para as relações sociais que os indivíduos irão desenvolver e os papéis que irão desempenhar perante o grupo. Observamos que o princípio da residência, combinado com a linha de descendência, ou seja, o patrilocal e patrilinear, faz com que os membros de uma família sejam encontrados, geralmente, residindo próximos um dos outros ou formando um mesmo grupo doméstico¹¹⁰.

Para Sant'Ana, a unidade mínima de organização social e política é a família nuclear que se liga de forma intrínseca à família extensa. A família é gerida pelo pai dentro de um sistema patriarcal, patrilocal e geroncrático¹¹¹. Adaptado às casas, o cotidiano dessas mulheres continua ligado às atividades domésticas e familiares, e no cumprimento dos seus “papéis”.

Dentro dessa perspectiva de desempenho de papéis¹¹² percebem-se na família cigana conflitos geracionais, aspectos do estudo e trabalho, sexualidade. Como a vida em família é vivenciada e experimentada por seus membros componentes, as suas funções sociais são bem definidas, tendo o pai como provedor e a mãe como fonte afetiva.

Como se percebe, é dada uma grande importância para o casamento na formação familiar cigana. O parentesco por alianças matrimoniais é reflexo da tradição cigana.

¹¹⁰ SANT'ANA, Maria de Lourdes B. *Os Ciganos: aspectos da organização social de um grupo em Campinas*. São Paulo, FFLCH/USP, 1983. P. 74.

¹¹¹ ADOLFO, Sérgio Paulo. *ROM: uma odisséia cigana*. Londrina: Ed. UEL, 1999. P. 24.

¹¹² O conceito de papel engloba dois aspectos analítica e empiricamente distintos. Refere-se, de um lado, às “expectativas de desempenho” que recaem sobre um ator pelo fato de ocupar uma determinada posição social. Essas expectativas, que cristalizam tipificações de padrões interacionais, são veiculadas por outros atores que, em virtude da relação particular que mantém com o ator em questão, se configuram em “outros significativos” para ele. É exatamente essa qualidade que converte suas emissões em demandas legítimas e significativas para o ocupante daquela posição. Por outro lado, o conceito de papel se refere também ao “desempenho efetivo” levado a cabo por um ator no exercício de sua função. A ideia de comportamento, conforme é aqui entendida, engloba não apenas a prática expressiva do ator, isto é, os dados observáveis de seu comportamento, como também as suas representações, ou seja, a maneira particular como retrata e explica suas práticas segundo sua própria lógica. Entre a expectativa de desempenho e a resposta dada pela pessoa, “intervêm a forma pela qual essa última internaliza, avalia, seleciona e interpreta as pressões que sobre ele recaem,” entrando nesses aspectos a pauta normativa sexual e geracional, havendo conflitos dessa família nuclear pelo descompasso na independência sexual e dependência financeira desses filhos na fase adulta que ainda permanecem na casa dos pais. SALEM, Tania. *O velho e o novo: um estudo de papéis e conflitos familiares*. Petrópolis: Vozes, 1980. P. 25-27.

O papel da cigana também é no auxílio financeiro à família para uma maior estabilidade econômica, seja participando de uma atividade comum ao marido, ou exercendo o papel de ligação com aspectos espirituais, seja trabalhando coletivamente com outras ciganas na rua, ou trabalhando sozinha.

A seguir, falarei mais sobre um viés desse trabalho: a cura.

3.3 O TRABALHO E A CURA

O meio de sustento principal das famílias ciganas é a venda, a troca e o concerto de carros usados. Atividade que compete aos homens da família desempenhar, sendo passada de pai para filho desde a infância.

A “*lábria*” e o “*jeito para negócios*”, como diz dona Margarida, é visto na criança desde tenra idade: “*Esse menino vai ser esperto que nem o pai, ele está sempre atento em volta, vai por tudo com ele e aprende rápido, sabe falar!*”.

Nessa situação, a mulher está livre para outras atividades ou manter-se como doméstica apenas. Outra atividade comum é a venda de itens para casa como lençóis, edredons, conchas, toalhas e travesseiros, ocupação que configura o meio de sobrevivência das famílias mais modestas onde inclui a participação feminina.

As atividades femininas variam muito de acordo com cada família. A cigana em todas as situações tem obrigações com a casa, o sustento da família (quando o homem não consegue prover o necessário) e o bem-estar do marido e dos filhos. Essas obrigações também se aplicam à cigana solteira, que mesmo jovem também participa, ajudando a mãe nas atividades domésticas.

As mulheres ciganas de mais idade normalmente encarregam as noras, mulheres do filho mais novo, de suas tarefas domésticas e tem uma vida mais tranquila, ocupando-se de pequenos afazeres.

Já as jovens mulheres ciganas casadas e suas filhas, moças solteiras, além de incumbirem-se do trabalho doméstico de cozinhar, cuidar da casa ou barraca, servir o marido, cuidar dos filhos (apenas em alguns casos contando com uma auxiliar doméstica para, sobretudo, lavar a louça e estender a roupa no sol e dobrá-la), por vezes, ainda se obrigam a ajudar seus maridos na venda de produtos para

casa (edredons, colchas, travesseiros, lençóis, fronhas, toalhas, etc.), dos quais provém então o sustento da família.

Isto é, o sustento da família ocorre na maioria das vezes nas atividades de vendas de artigos para casa, nesse caso, as mulheres indo de porta em porta. Tratando-se da venda e troca de carros e peças automobilísticas, os homens e os filhos trabalham em um ponto fixo, de acordo com minha etnografia.

Há famílias mais humildes em que as mulheres se obrigam a sair pela rua para “bênçãos da Santa Sara” (Anexo 5), fazer leituras de mão, revelar a sorte dos passantes para conseguirem um complemento na renda para seus filhos terem melhor sustento. Conforme Adolfo, as mulheres,

Vão sempre juntas, de duas em duas e espalham-se nas praças sempre em parcerias, chamando os possíveis clientes para a leitura de mãos. Às vezes, usam para isso uma criança, geralmente uma menina, cujo trabalho inicial no “drabaripê” é só o de chamar os clientes. Como são muito insistentes, tanto a criança quanto a mãe, o passante, seja homem ou mulheres, acaba cedendo aos apelos e estende sua Mão em busca de conhecer o futuro. Geralmente a conversa tem início com algum dizer elogioso à figura do consulente, que sentido-se estimulado e com seu ego em alta, se interessa por ouvir o restante da premonição, dando oportunidade à mulher de lhe dizer muitas coisas a respeito do seu passado e também do seu futuro. Geralmente, o cliente tem algum negócio enrolado ou no caso de moças e senhoras jovens têm algum amor não resolvido, no que a cigana se oferece para resolver através da magia cigana¹¹³.

É preciso ressaltar que, quando a cigana casada contribui para o sustento da família, quando ela é vista nessa obrigação desacompanhada do seu marido — por exemplo, na leitura de mãos pelas ruas e praças — os relatos apontam para o desleixo desse esposo no sustento da mulher e filhos, sendo preferível que ela exercesse sua atividade de auxílio ao marido nas vendas de edredons, toalhas, fronhas, travesseiros, panos de prato, artigos para casa em geral ou carros.

Ou seja, é desaconselhado uma cigana partir sozinha para a rua, sobretudo para leitura de mãos, por isso, há o costume de sair em grupo de mulheres, geralmente acompanhadas de seus filhos menores. Eis alguns relatos das ciganas sobre essa situação:

¹¹³ ADOLFO, Sérgio Paulo. *ROM: uma odisséia cigana*. Londrina: Ed. UEL, 1999. P. 101

[Margarida] *Depois que ela vê que a renda do marido não dá, ela tem que ajudar. Tem que ir vender coisa com ele, se não tem dinheiro pra comida, pra luz, pra água, ela tem que ajudar ele a ter as coisas. Agora elas têm vida boa, e antigamente nós tínhamos vida parecida com de cachorro... Coitadas, elas batalhavam com fome, não botavam nem água na boca pra trazer comida pra família e pros filhos. Às vezes, o marido não anda bem e elas têm que ajudar, que nem a minha sogra, trabalhou na vida como louca. [...] Se cuida muito pra não se ter isso [a cigana sair na rua para ler a mão], essas coisas ruins, botam coisa ruim nelas, botam alguma culpa nela, ela tem que ir com companheiras. Ela tem que ter muita responsabilidade, é melhor que vá junto com o marido vender as coisas. Elas vão pra ajudar. Vai fazer 14, 15 anos que eu não saio pra ler a mão desde que nasceu meu filho. Meu marido que vai em volta, eu fico cozinhando, limpando, se chega uma visita eu atendo.*

[Azaleia] *Tem algumas que estão obrigadas a estarem na rua porque o marido obriga. Ele não ajuda nas necessidades dela, e daí elas se obrigam a ir pra rua pra terem as coisas delas... Tipo roupa, calçado e comida, coisas de casa. Tem alguns homens que não ajudam. Alguns, não são todos, são assim. E tu podes chegar pra conversar com elas e elas não vão ter paciência pra falar contigo assim. É que elas não têm estrutura na casa delas, não são sustentadas pelos homens. Vem mais do costume antigo. Sustentam mais da parte da comida e se manter pra elas, coisas delas, roupas, calçados, cuidar coisas pros filhos, elas que sustentam. [O marido] se sustenta em ter um carro bom pra andar, a ter coisas pra ele, o que ele quer. Muito ligados ao material.*

Como foi observado em campo, as ciganas que trabalham na rua oferecem orações em nome de Santa Sara, a padroeira cigana, para abençoar as pessoas, sendo que em troca “*benzem*” uma quantia de dinheiro que pegam como pagamento pela oração. Por vezes, eles dão em troca sementes, pedras ou flores. Há muita insistência para serem recompensadas: enquanto ressarcimento pela leitura da sorte elas solicitam comida para os filhos, produtos de higiene e beleza como cremes, xampus, sabonetes, prendedores de cabelo enfeitados e bijuterias.

Entre as ciganas que trabalham com vidência em suas casas, utilizando-as como um consultório, observa-se outro tipo de comportamento. Nesse trabalho que é referido enquanto consultoria, que acontece em seções continuadas, que implica em instrução e práticas como banhos, chás, bênçãos, leituras de mão e tarô, solicita-se objetos em troca, tais como velas coloridas, metros de tecidos, perfumes.

Aliás, Adolfo já havia feito menção em seu texto acerca das demandas dessa segunda categoria:

Normalmente pede-se velas coloridas, um pedaço de tecido (em torno de sete metros) e outros apetrechos para que ela possa resolver o problema do paciente. Quando o consulente vai à barraca da cigana, esses materiais poderão ser levados ou o cliente paga em dinheiro à soma pedida. Caso não tenha, poderá pagar em espécie oferecendo um eletrodoméstico ou outro bem de valor equivalente. As ciganas têm algumas velas que elas próprias preparam e que duram muitos dias queimando, assim como outros materiais de magia próprios de sua gente¹¹⁴.

Nas ocasiões em que foi observado o trabalho de ciganas em consultórios domésticos, as famílias eram, em sua maioria, de classe média alta. A nora de dona Margarida, Orquídea, possuía consultório em sua residência em Piratini, com duas filiais intermunicipais em Rio Grande e Herval.

Ela transitava entre tais municípios atendendo seus clientes privativamente em suas casas, para, em suas palavras, “*manter uma descrição, porque se a pessoa é pública, é conhecida, não pode ser visto entrando em casa de trabalho*”. Sua clientela aumenta a cada ano por ela ter “*feito nome*”. De acordo com Orquídea, “*as pessoas percebem quando a gente é preocupado em ajudar de verdade, que a gente é pessoa boa, que resolve tudo direitinho*”. Para ela, sua prosperidade nos negócios e aumento da clientela se justifica pela qualidade do serviço e pela sua eficiência.

Em uma perspectiva de que o casal se “completa” em suas funções — a mulher cuidando do lar e dos filhos, o marido sustentando a casa — , a partir de Strathern¹¹⁵, nota-se homens e mulheres, como seres caracterizados por gênero, como diferentemente situados. Nas palavras dessa antropóloga,

A inter-relação entre interesses “femininos” e “masculinos” pode ser compreendida com respeito a cada um deles, mas a motivação por trás desses interesses é geralmente tida como inerente à existência separada das próprias categorias. Isso porque a visão pluralista implica que as ideologias têm suas origens na promoção de interesses identificáveis e mutuamente exteriorizados, mais propriamente do que nas formas de funcionamento internamente interconectadas de um sistema¹¹⁶.

¹¹⁴ ADOLFO, Sérgio Paulo. *ROM: uma odisséia cigana*. Londrina: Ed. UEL, 1999.

¹¹⁵ STRATHERN, Marilyn. *O gênero da dádiva*. Problemas com as mulheres e problemas com a sociedade na Melanésia. Campinas, Editora da Unicamp, 2006.

¹¹⁶ Idem. P. 59

Por mais que, com o tempo, observaram-se modificações culturais dentro da sociabilidade cigana, as mulheres jovens já não percebem da mesma forma as tradições que as mais maduras deram e dão continuidade. Com seu idioma diferenciado e expressando essa essência ligada aos mistérios e à natureza, permeada pelo “poder do sagrado” que ela aparentemente domina, por meio da leitura de mãos, tarô, ou pela sua figura propriamente dita como conjunto de saberes, dona Margarida transmite à filha seus conhecimentos mantendo, nessa passagem à outra geração, os elementos de sua cultura, conforme será trabalhado a seguir.

3.4 A CIGANA SACERDOTISA

Uma cigana passa a ser indivíduo e, também, seu grupo, o “eixo” tanto na casa, quanto na barraca. Ela representa além de sua individualidade, um contexto, um conjunto de valores que representam seu coletivo.

O mistério e o sagrado são atribuídos a ela, a sua tribo e a sua origem. Comparados, por vezes, a “grupos alternativos”, como no estudo de Cristina Pereira¹¹⁷, os ciganos carregam em sua identidade a liberdade como grande diferencial desafiador do grupo externo a sua cultura.

Além disso, a mulher cigana tem fama de ter uma beleza selvagem e muito atraente. A Imagem da cigana é a imagem da mulher mágica, atraente em seu mistério. Segundo escritor Prosper Mérimée assim descreve a personagem cigana de nome Carmem:

Sua pele, embora perfeitamente lisa, se aproximava bastante do tom de cobre. Seus olhos eram oblíquos, mas admiravelmente traçados, seus lábios um pouco fortes, mas bem desenhados e deixando à mostra dentes mais brancos do que amêndoas sem a pele. Seus cabelos, talvez um pouco grossos, eram negros, com reflexos azulados como as asas de um corvo, longos e reluzentes. (...) Para cada defeito ela reunia uma qualidade que se destacava com maior força pelo contraste. Era uma beleza estranha e selvagem, uma figura que surpreendia de início, mas que não se podia esquecer. Seus olhos, em particular, tinham uma expressão ao mesmo tempo voluptuosa e selvagem, que jamais tornei a encontrar num olhar

¹¹⁷ PEREIRA, Cristina da Costa. *O povo cigano*. Rio de Janeiro: Gráfica MEC Editora, 1986.

humano. Olho de cigana, olho de lobo, é um ditado espanhol que vem a calhar.¹¹⁸

Os ciganos carregam consigo um conjunto de elementos que os caracterizam externamente, sejam eles a leitura de mão praticada pelas ciganas, a leitura do tarô, as simpatias, as vestes, as negociações de mercadorias, o nomadismo, e até mesmo o seu “olhar” pode ser incluído nesses elementos, como na descrição acima de Carmem.

Assim também o grande escritor brasileiro Machado de Assis expõe uma das suas maiores personagens em *Don Casmurro*: “Capitu, apesar daqueles olhos que o Diabo lhe deu... Você já reparou nos olhos dela? São assim de cigana oblíqua e dissimulada¹¹⁹”. Indelével, a imagem dos ciganos — em particular, da cigana — é ligada ao mistério. Conforme relata Teixeira:

Quanto ao olhar dos ciganos, era tido mais do que um elemento de sua aparência física; era como tendo uma dimensão transcendental. Numa sociedade que transmitia seus saberes, tradicionalmente, por forma oral, o olhar é o ponto de partida para a compreensão entre as pessoas. Além disso, era através dele que se confirmava um compromisso (negócio ou casamento, por ex.) depois da palavra dada, olhando-se nos olhos do cliente ou do outro cigano¹²⁰.

Ainda segundo esse autor, na descrição da “imagem” do cigano, o olhar é o encontro, a revelação do outro. A presença do olhar cigano instaurava uma crise na identidade do não-cigano, acompanhada de perplexidade e medo. O não-cigano sente-se “coisificado” ao ser olhado pelo cigano, que o analisava e rompia momentaneamente com a fronteira e a distância original entre ambos.¹²¹

Para Sergio Rosa Paiva, as mulheres ciganas antes de chegarem ao Rio Grande do Sul, tiveram um papel muito importante para a imigração desse povo na América espanhola e portuguesa:

¹¹⁸ MÉRIMÉE, Prosper. *Carmem*. Porto Alegre: L&PM, 2011. P: 30.

¹¹⁹ ASSIS, Machado de. *Dom Casmurro*. Disponível em <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv00180a.pdf>. (Acessado 07/08/2010 às 23h). P. 19

¹²⁰ TEIXEIRA, Rodrigo Corrêa. *Ciganos no Brasil: uma breve história*. Belo Horizonte: Crisálida, 2009. P. 108.

¹²¹ Idem. P. 108.

Na Europa, a mulher cigana era vista como 'bruxa, feiticeira, possuidora de poderes malignos e pecaminosos'. Cercadas de muitos mistérios, exuberância, magia e esplendor, as ciganas sempre deixaram uma forte marca por onde passaram¹²².

Sendo assim, as principais representantes da tradição, da história e da religiosidade dessa cultura, sendo ainda alguns aspectos mantidos por esse povo, por essas mulheres, como por exemplo, a aproximação com a natureza e uma noção de desenvolvimento interligada as estações anuais, que é valorizada pelos ciganos.

Os ciganos, ao contrário dos *gadjos* (os não-ciganos), não desprezam a natureza. A terra para eles é a mãe que lhes dá o alimento, a morada — já que suas tendas são armadas diretamente sobre a terra — e o descanso final.

Os ciganos têm a clara consciência de que são apenas parte do planeta, onde coexistem animais, vegetais e minerais. Por respeitarem a natureza, acreditam os ciganos que à sua passagem por campos, matos, florestas, rios, montanhas, os favorece e os protege — como os filhos.¹²³

A produção de verbenas¹²⁴, chás, banhos, faz da cigana uma sacerdotisa. A imagem da mulher como promotora de um ritual de aproximação com a natureza, por meio do ato de cozinhar, do cuidado e da cura com os entes, além do ato de gerar propriamente dito, traz para a mulher cigana o aspecto próximo ao de uma sacerdotisa, que interligada com o sagrado feminino, tem por suas mãos a materialização da imagem ritualística das fases naturais, planetárias e lunares, das estações do ano e das etapas da vida.

¹²² PAIVA, Sérgio Rosa (org). *Mulheres do Rio Grande do Sul: Diversidade*. Porto Alegre: SFERASRP Editora de Artes, 2008. P. 150.

¹²³ PEREIRA, Cristina da Costa. *O povo cigano*. Rio de Janeiro: Gráfica MEC Editora, 1986. P. 125.

¹²⁴ "Elas possuem o conhecimento da produção das verbenas (família de ervas, subarbustos, de flores perfumadas e de uso medicinal e em perfumaria), dos sândalos (madeira aromática) e outras resinas extraídas de cascas de árvores consideradas sagradas. (...) A manutenção das verbenas são ingredientes indispensáveis para a fabricação caseira de incensos, velas e sais de banho mesclados com essências de aromas inebriantes, usados pelas mulheres nos encontros amorosos, em ritos religiosos e místicos, bem como no tratamento de alguns males. Para as mulheres ciganas, a medicina tradicional familiar é preservada por representar maior eficácia curativa para a comunidade." PAIVA, Sérgio Rosa (org). *Mulheres do Rio Grande do Sul: Diversidade*. Porto Alegre: SFERASRP Editora de Artes, 2008. P. 160-161.

Tal qualidade pode não corresponder ao seu cotidiano, mas uma cigana o traz consigo como sua forte característica. Ela não mostra tudo que é, nem fala tudo o que pensa e sabe. Suas saias longas podem percorrer a urbanidade, mas o distanciamento que a cigana apresenta em relação à sociedade atual se mantém, seja na construção do imaginário ou na essência de uma edificação identitária do feminino.

Há hierarquia na família cigana, as mais novas obedecem, aprendem e respeitam as mais velhas mantendo assim o repasse das tradições. Será abordada no próximo capítulo a mudança da cigana jovem para a idade adulta por meio do ritual de casamento e como ocorre o repasse da cultura às novas gerações.

Cartas da capa: Chicote, Coração, Caixão¹²⁵.

¹²⁵ Cartas da capa:

11- Chicotes (Valete de Paus): confiança na força espiritual e intuições. Busca novas alternativas, quebrando rotinas com jovialidade e otimismo

24- Coração (Valete de Copas): a paixão, a entrega, as atitudes loucas e impensadas, bem como o carinho e a proteção que tanto você busca, são em relação a uma pessoa ou uma causa, são apenas uma faceta, geralmente efêmera, do Amor Maior, altruísta e infinito, que governa o Universo. Ele exige entrega, doação e comprometimento, mas confere alegria e plenitude.

8- Caixão (9 de Ouros): grandes transformações, o fim de um estágio ou ciclo, as perdas de todo tipo. Prazer e contentamento.

CAPÍTULO IV



Ela começou a travessia do abismo e se acha naquela posição onde avançar é desatino, recuar é a queda. Eu sou o abismo. [...] Todo o meu nefasto fascínio sobre ela consiste em que eu sou o que ela não sabe que é. Imagem inflamada e dolorida que ela pretendeu ter extirpado. Ela me abomina, porque eu lhe aponto o que ela riscou do itinerário. Riscou sem ter apagado, pois a marca do fogo, ao se extinguir, não devolve a cicatriz. As cicatrizes desenharam o mapa que ela não seguiu, virando as costas para o seu incêndio. Preferiu outras crateras, desenhou outras ruínas. A recusa dos próprios perigos é um desvio que retarda a culpa, sem anular o sorvedouro. Ninguém escapa do mais profundo. [...] Eu sou o fundo. Sou o perigo sem aventura [...].

Do lado de cá, eu não cabia mais. Do outro lado não havia espaço. Encruzilhada onde todos os caminhos me pesavam sob os pés amarrados, impossível seguir, parar era somar o irrecuperável atraso. Os pés sempre pesados. Eu não sabia dançar. (Helena Parente Cunha)

Aprendendo a Dançar

Deixei o ovo de galinha em meu quarto por aproximadamente três semanas. Já era maio de 2012. Eu devia colocá-lo dentro de uma camiseta minha ou fronha, já usada e preferencialmente com tonalidades claras. Escolhi uma fronha branca com detalhes verdes claro.

Orquídea disse que quanto mais tempo deixasse, melhor seria, mas agora pedia que o levasse logo, para ela dar prosseguimento e abri-lo. Levei-o dentro da fronha todo enrolado, torcendo pra que chegasse intacto, superando minha viagem de ônibus entre o centro e o bairro Fragata. Levei também um perfume de essência floral simples, que Orquídea havia solicitado para montar meu banho de proteção. Ela queria me ajudar, queria que eu tivesse mais segurança, para poder dançar pela vida, sem medo.

Cheguei na casa de dona Margarida às 11h30min. Era um dia ensolarado e lindo. Uma moça estava ajudando na faxina da semana, a rotina da casa estava atrasada devido à limpeza e a falta de gás, o almoço estava sendo feito por dona Margarida nos fundos da casa em uma peça separada, e pequena, onde se acumulavam coisas guardadas, no fogão à lenha.

O sobrado, na parte de baixo, me dava a impressão de estar dentro de uma barraca. Não havia divisórias entre os cômodos, tudo era uma peça muito ampla. Os inúmeros sofás se confundiam com o que seria uma “sala” ou uma garagem, pois se

costuma estacionar as camionetes próximas a eles.

A cozinha ficava no canto direito, onde se tinha uma lareira entre a parede do fundo e a lateral. Os balcões eram grandes, muitas portas e gavetas, que iam até a portinha do banheiro. No centro, do meio para o fundo, uma grande mesa retangular cortava o ambiente. Do lado da lareira havia a pia em balcão de tijolos e um fogão a gás de seis bocas, onde dona Margarida tradicionalmente me servia o chá.

Mas nesta manhã me foi oferecido café passado. Muito doce como o chá também costumava ser. Orquídea me dava café, enquanto falava da vida, queixava-se por sempre dormir pouco. Mas era uma “queixa feliz”, uma forma de mostrar a sua vida de maneira que vejo que ela gosta de como são as coisas. Nas palavras de Orquídea,

“As coisas são diferentes entre as gerações. Muita coisa que os ciganos antes de mim e eu vivi não tem mais pros novos. As novas gerações nem conhecem acampamento como era antes, agora só em festa. Diferença dos anos, a vinte e quatro anos era tudo diferente, quando eu era mais moça. O respeito pelos mais velhos e pelas tradições está se perdendo, as novas gerações não têm mais medo”.

Quando dona Margarida termina a faxina no andar de cima, subimos para eu ser atendida. Orquídea se incomoda com a luz vinda da rua e coloca um lençol para servir de cortina. Sentamos uma de frente para a outra, ao redor da mesa situada no centro da sala.

Orquídea faz o ritual de quebra do ovo. Ela brinca inicialmente que se eu quiser posso revistá-la, para que eu acredite no que está para acontecer. Mostro confiança. Ela tira o ovo, sacode. Afirma que está “bem cheio”. Coloca-o novamente na

fronha, deixando-o bem no canto do quadrado, sobrando o restante do tecido vazio e solto quando ela o segura. Ela me benze, passando-o em volta de mim, e deixando-o algum tempo na minha nuca. Depois, o mantém atrás de mim, me pede que feche os olhos e estenda as mãos, enquanto faz orações para minha proteção.

Ela pede que eu quebre o ovo com a mão direita, fazendo força dos dedos contra a palma. O ovo está dentro da minha fronha branca e verde, ainda. Inicialmente, é difícil, tenho certo medo de “estragá-lo” e tento fazer com cuidado, por fim o quebro. A clara escorre em minha mão. Ela abre a fronha mexendo o tecido para aparecer onde estaria o ovo. Há sujeiras que saíram de dentro dele, cabelos que parecem enrolados, pedaços de ossos, pontas de cabelos por volta de cinco centímetros. Os cabelos são pretos, um pouco cacheados, parecem muito com os meus. Fico chocada pelo que se apresenta à minha frente, reflito sobre como poderia ser feita essa demonstração, se fosse verdade, como acumulei tantas impurezas em minha essência? O quanto isso me fazia mal? Tendo a preferir acreditar que pode vir a ser algum truque que Orquídea sabe fazer do que imaginar que em minha alma há tanta sujeira. Talvez a cigana tenha colocando o cabelo na fronha sem eu ver, no momento em que fazia as orações nas minhas costas, e na hora que o ovo foi quebrado saísse tudo junto dando a impressão do cabelo ter saído de dentro do ovo e não de estar misturado na fronha.

Orquídea manda que eu cuspa no que saiu do ovo. Depois ela tapa a fronha enrolando os cabelos com uma tampa de vidro para que se evite ficarmos sentindo o cheiro de ovo podre. Ela

limpa tudo em volta onde possa ter respingado o líquido. Eladízqueos cabelos representam a minha energia abandonada nos espaços, e que o ovo “purificou” esses ambientes de energias ruins acumuladas. Ela recomenda que eu passe a queimar os cabelos que caem, para que a minha energia “não se dissipe nos ambientes”. Isso representaria a minha fragilidade e abertura para a absorção de energias, sou uma pessoa “muito aberta” a recebê-las e isso tende a me fazer mal.

Orquídea explica como vai me ajudar a melhorar isso, me trazendo mais segurança: eu precisava ser uma pessoa mais segura. E isso já estaria sendo melhorado desde o início de nossos trabalhos, da primeira vez que ela jogou tarô para mim, e percebeu minha necessidade de ajuda. Meu nome já havia sido posto em oração para os guias espirituais dela, e agora ela confeccionaria uma bola de cristal para queimar os resquícios do ovo com meu nome dentro para me purificar. Eu devo ajudar apenas fornecendo os tecidos que devem ser queimados também no altar, e não me será cobrado nada por essa bola de cristal.

Ela diz que temos que nos lavar muito bem para que nenhum resquício do ovo permaneça em nós. Vamos ao banheiro, ainda no andar de cima, e ambas ensaboamos as mãos e os antebraços juntas enquanto ela me pergunta como machuquei o ombro que estava bastante roxo. Trocamos histórias de atrapalhões e esbarrões, que não faltam e sempre servem de consolo de serem ouvidas quando nos machucamos à toa. Orquídea agora fala comigo como amiga, não mais como uma orientadora espiritual.

Descemos para ajudar dona Margarida no preparo da

comida. Almoçamos por volta das 14h. Ajudei dona Margarida na preparação da carne com molho e arroz, e também a arrumar a mesa. Depois do prato principal comemos melancia e jaca (congelada). Orquídea dizia que gostava muito de jaca, uma pena ser tão caras (“mais de duzentos reais”) por virem da Bahia.

Antes de eu ir embora, Orquídea me dá uma garrafa pet de Coca-Cola de um litro e meio com o banho que eu deveria tomar no outro dia pela manhã, para aproveitar seu efeito de vinte e quatro horas. O banho me traria uma sensação duradoura de segurança e proteção que me faria muito bem. Ela me dá o fluído quente, temperatura essa que dura até eu chegar a casa e alguns momentos posteriores, o que me chama atenção pelo fato do líquido demorar tanto a esfriar. De acordo com Orquídea o efeito do banho seria imediato, mas cumpri sua orientação de tomá-lo apenas na manhã seguinte.

O banho tinha um perfume absurdamente forte, o qual se espalhou por mim e por todo o meu ambiente doméstico, permanecendo intenso por horas. Sentia o cheiro do perfume ainda no dia seguinte em meu corpo e no banheiro.

Quanto à segurança, de forma direta e indireta, permanece em mim até hoje uma maior firmeza nas decisões e uma maior confiança que antes percebo que não tinha. Fiquei forte. A força vem do espírito, a sabedoria da mulher cigana e sua beleza vêm daí, é construída de dentro. É preciso paz dentro de si, o perfume embeleza por fora o que a paz propaga por dentro: a segurança é o aroma da alma, e agora eu saberia dançar.

4 AS CONSTRUÇÕES DE FEMININOS E SEU DINAMISMO

No capítulo a seguir será abordado o aspecto dinâmico da tradição cigana: as jovens. O rito do casamento e sua importância enquanto marco para entrada na vida adulta será aprofundado, bem como o encontro com o dinamismo e a maturidade feminina e as trocas feitas no campo comigo e essas mulheres.

4.1 O CASAMENTO E A ENTRADA NA VIDA ADULTA

Neste capítulo serão analisados alguns aspectos do ritual da formação da identidade da mulher cigana, bem como, a formação da família, além da importância do casamento e do nascimento dos filhos. O casamento é comentado pelas ciganas como um imenso festejo de cerca de três dias. Percebi ao longo dos anos que não há possibilidade de eu ser convidada para a festa por ser uma moça “*brasileira*” solteira, ou seja, ainda criança, visto que acabaria sendo ameaça para as ciganas casadas, por deixar seus maridos “tentados” e poderem vir a me tratar desrespeitosamente por ir muita gente, que ficam em barracas acampados e eu ficaria sozinha. Como não posso ir, dona Margarida e Tulipa me trazem lembrancinhas dos casamentos que vão, conforme fotos abaixo em que mostro um lenço com flores que é dado aos convidados.



Im. 7

Tratando-se de ritual, segundo Martine Segalen, “não existe sociedade que não sinta necessidade de manter e consolidar os sentimentos coletivos a intervalos regulares. Essa reconstrução moral se faz através de reuniões e de congregações¹²⁶”.

Sobretudo, reparei, por meio dos testemunhos das ciganas, que uma das maiores riquezas são as celebrações de rituais, momento que possibilita a transmissão dos elementos formadores das identidades femininas, repassados de mãe para filha, conforme mostrado a seguir.

Além disso, percebi a capacidade abrangente de um ritual em unir o presente e o passado, o indivíduo e a comunidade, mantendo as memórias de um passado comum. No caso dos ciganos, um povo de sentimento nostálgico, através do ritual ocorre a transformação de uma cigana menina em mulher e a passagem para a vida adulta por meio do casamento e da geração de filhos, conforme mais esse diálogo com dona Margarida:

Gláucia: E as jovens quando estão prestes a casar, como funciona?

[Margarida] *Quando ela fica noiva tem que fazer o enxoval. Nós que fazemos o enxoval. A guria faz o enxoval da roupa, e a família do noivo compra a cama, compra o traje, quando faltam uns sete ou oito meses pro casamento a gente compra tudo, compra o sapato, compra o guarda-roupa pra botar no quarto dele. E a noiva manda fazer o vestido pra ela, se ela é magrinha, se ela é gorda, faz tudo na medida dela, manda fazer em Porto Alegre, compra o vestido. E os lenços a gente compra lá em Goiânia, compra por aqui, se não dá [para comprar lá], mais de 200 metros de tecido pra fazer o casamento. A gente dá uma flor pro convidado e dois lenços. [...] Depois, quando casa, convida o pessoal todo por telefone, faz a festa no clube. O pai do guri que paga o vestido, a gente gasta uma fortuna pra fazer a festa. Às vezes o pai da guria faz o bolo e dá a carne. Porco, 40 porcos, 50, três mil litros de chope, 10, 12 vacas. E desse daqui vai ser tudo Buffet. Agora no verão vai sair muito casamento.*

Através de dona Margarida, percebe-se que é comum que o casamento seja acertado entre as famílias quando o casal ainda é jovem, sendo feito o pedido de noivado entre as famílias, geralmente relatando-se como costume não haver namoro anterior. As jovens são apresentadas como possíveis noivas para a sociedade cigana por meio da Festa de Quinze Anos, uma grande comemoração com baile próxima a festa tradicional de Quinze Anos das “brasileiras”. A partir dessa ocasião a

¹²⁶ SEGALEN, Martine. *Ritos e Rituais Contemporâneos*. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2002. P. 24.

moça pode receber propostas de casamento de mais de um rapaz, podendo se decidir pelo que mais lhe agrada posteriormente, pesando sobre essa decisão fatores como idade, aparência física, estabilidade econômica familiar e, sobretudo laços entre as famílias. O aspecto da moça poder escolher seu noivo demonstra uma das renovações da tradição cigana, visto que anteriormente eram os pais que decidiam sem opinião dos filhos. Toda a comunidade cigana da cidade e arredores é convidada a comparecer na “*grande noite*”. Abaixo mostro o dizer de uma lembrança de Quinze Anos que dona Margarida me deu, juntamente com duas fotos de sabonetes da festa, em forma de corações e rosas, muito cheirosos e bonitos, envoltos em uma embalagem também cor-de-rosa com laços de fitas e dentro de outra embalagem, essa plástica e em forma de coração.

Meus 15 Anos

É, na vida tudo passa...

O tempo de criança chegou ao fim...

Me alegro das lembranças da infância que vivi...

Ficarão em minha memória.

Passaram-se alguns anos...Enfim, a espera acabou!

O sonho de menina tornou-se realidade...

A grande noite chegou!



Im. 8



Im. 9

Presenciei a situação do pedido de casamento feito a essa moça daslebrançinhas exposta acima pelo neto de dona Margarida, Crisântemo:

[Margarida] [Quando os jovens estão prestes a casar] *Ficam noivos. O guri vem pedir ela em casamento, que nem esse daqui. Ele tem 14 anos, nós queríamos já convidar. Vimos uma guria bonita, a gente queria fazer um contrato não de noivado, não de casamento, mas fazer assim o pedido. [...]*
 [Mas] *Só dá pra fazer quando ele tem 16 anos, 17 anos, aí vai fazer o contrato de pedido de noivado [...], daí ele fica mais um ano noivando. [...]*

Dona Margarida relatou nessa situação a intenção de pedir a mão de uma moça, porém ainda era muito novo para fazê-lo. A moça fez quinze anos um ano após dona Margarida me relatar o desejo do rapaz por ela. Crisântemo fez o pedido e a moça infelizmente não o escolheu. Sua mãe, Orquídea, me falou o quanto seu filho ficou triste com a recusa da moça, mas não a repreendia porque sabia que Crisântemo havia se precipitado. Dona Margarida também ficou decepcionada, pois gostava da moça, me dizia inúmeras vezes o quanto ela era bonita. Orquídea me falou que a moça recusou seu pedido por ele ser ainda muito jovem, ela havia preferido a possibilidade de outro rapaz que era mais velho. O casal fica noivo até ter idade adequada ao casamento, o que tem aumentado com o tempo. Retomo dona Margarida:

[Margarida] *Eles fazem o pedido daí no caso. Não namora, a gente diz né. Mas o que acontece eles nunca vêem [risos]. Saem pra passear juntos e tal, pode ser que namore. Algumas fazem isso e outras não. Ai depois faz a festa de noivado e depois fazem a festa do casamento. [...] Tem algumas que desde que nascem já pedem, depois cresce e fazem o casamento. Às vezes, desde pequeno, os pais já chegam e dizem “quero essa nora pra mim”.*

Em mais de uma vez dona Margarida disse que me apresentaria um cigano para me ter na família. Se seus netos fossem da minha idade ela dizia que ia me “*adorar ter em casa*”, porque eu sou “*moça boa, da pra ver de longe que tu é uma guria querida, gente boa, que tem que ficar aqui conosco, fazer companhia pra essa velha*”. Embora eu já tenha “*passado da idade de casar*”, idade que vai até por volta dos dezoito anos, é permitido pela cultura cigana que moças não-ciganas casem com ciganos, sendo visto esse costume como frequente, uma vez que a não-cigana assuma os valores da cultura cigana e passe a conviver bem com a família do marido, porém o inverso não é possível dentro das tradições. As falas de dona Margarida e a Azaleia sobre isso:

[Margarida] *É muito difícil a cigana casar com o “brasileiro”. De mil acontece uma. Namoram-se, mas é muito difícil. Cigana não se dá muito assim, porque não se adapta muito, é tudo diferente. Cigano casa com “brasileira”, mas cigana não. Até porque é tudo diferente. Mas, ela [a não-cigana] se adapta muito bem, fica até mais cigana que nós [risos]. Tem umas valentes pra tudo. Meus sobrinhos todos casados com “brasileiras”. Elas se adaptam bem, cozinham, conversam, dão risada, vão em volta com o marido, aonde vai o marido ela vai junto. E tem filho ligeiro.*

[Azaleia] *Sim, casam bastante [um cigano casar com uma não-cigana]. Agora, a mulher não tem direito. Se casar com não cigano é posta para fora de casa, esquece da família... E a família rejeita ela. Pai e mãe põem pra fora. E no caso do cigano casar com a não-cigana, ela assume os valores da cultura. Meu irmão aí tá casando agora em novembro com uma, vai casar no religioso e no civil também. O casamento é uma festa enorme. Mas o deles vai ser só no civil e na igreja, por que ela não é cigana. A família dela não quer, acha que é muita exposição. Acham que ela vai ficar muito exposta, são conservadores. Vai ser uma festa mais discreta, a família não aceita muito. Mas no Capão do Leão vai sair uma festa grande em novembro [de outro casal cigano].*

Pela voz de Orquídea soube que se permite o casamento entre cigano e “*brasileira*” como um das formas de evitar a infidelidade, visto que em suas palavras “*se o cigano só tem olhos praquela brasileira, menina, de que adianta a gente forçar*

a casar com cigana? Ele pode trair ela depois se está apaixonado. Daí é melhor então deixar ele casar com a brasileira que ele trair a cigana depois". A partir dessas duas falas, percebe-se que a formação da família por meio do casamento entre um cigano e uma *gadj*¹²⁷ é vista com reserva:

[Orquídea] *A família do rapaz, que sempre dará preferência a casá-lo com uma prima poderá fazer pressão. No entanto, se não houver mesmo outro jeito, poderá se efetuar o casamento, contanto que a noiva adote as tradições ciganas. Porém, para os ciganos, o problema maior é o casamento entre uma cigana e um gadjo*¹²⁸.

Ou seja, sendo o casamento prioritário o de primos, o matrimônio de um cigano com uma *gadj* é tolerado justamente no caso da noiva adotar as tradições ciganas, incluindo, o aprendizado da língua *romani*. Percebe-se nisso, a importância da mulher para à estrutura da família e à conservação dos costumes, além do domínio dos homens sobre as mulheres. As ciganas me revelaram que se acontecesse de uma moça cigana casar com um "*brasileiro*" ela seria expulsa da família pela família entender que nessa união ela rejeite os valores tradicionais ciganos e passe a adotar a cultura "*brasileira*" para criar os filhos. Os filhos seriam "*brasileiros*" e não ciganos, e a família não toleraria isso.

[Margarida] *Se é a cigana, não. Não se deixa ter filho se a cigana casa com o "brasileiro". Pra não ficar de uma "brasileira". Mas tem umas que ficaram, mas é difícil, logo deixa dele, dois três meses, e deixa dele. Elas não gostam, não se adaptam. A família não gosta também, quando é a família desses "brasileiros".*

A cigana não se adaptaria. Na perspectiva de minhas interlocutoras, ao se preservar a sociabilidade familiar, através de casamentos endogâmicos e o incentivo à manutenção dos mesmos em longo prazo, facilita-se a manutenção das tradições ciganas, evitando-se assim os choques culturais, através da conformidade do capital social provenientes de cada grupo.

¹²⁷ FONSECA, Isabel. *Enterrem-me em pé: os ciganos e a sua jornada*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

¹²⁸ PEREIRA, Cristina da Costa. *O povo cigano*. Rio de Janeiro: Gráfica MEC Editora, 1986. P. 58

Ou seja, o ciclo de vida cigana tem como foco, na idade adulta, o casamento e os filhos. Mas um detalhe precisa ser acrescentado nessa discussão. Para Moacir Antonio Locatelli, a família cigana não se fundamenta no casamento, mas, sim, no primeiro filho, pois somente então o homem e a mulher são considerados adultos. Devido a isso, os ciganos têm grande paixão por crianças — e a esterilidade é considerada uma maldição à pessoa¹²⁹.

Em consonância com a idéia de Locatelli, Adolfo destaca que os filhos são muito importantes na configuração da família cigana.

O cigano vive para seu grupo, sua família e sua gente. Se perguntarmos a uma criança cigana o que espera da vida, ela responderá automaticamente que espera casar-se, e ter filhos, ensinarem a eles a vida cigana para que sejam bons ciganos. O cigano vive para a continuidade de seu povo. Portanto, o casamento cigano não é feito por amor, mas para, sobretudo, a perpetuação da espécie. [...] É muito comum que o filho nasça depois de justos nove meses após o casamento¹³⁰.

Da mesma, Claire Auzias endossa essa idéia: “todos os observadores notaram o proverbial afeto dos Roms pelos seus filhos: uma das especialidades da cultura Romani é não baterem nos filhos¹³¹”. A família cigana dá grande valor aos descendentes, vindo geralmente em grande número: “quando se é pobre, o Céu dá muitos filhos¹³²”.

Em resumo, as crianças são vistas na tradição cigana como sinônimo de esperança e continuidade da cultura¹³³ desse povo. Quando nasce uma criança é sempre motivo de festa¹³⁴. Tratando-se dos ciganos que habitam em Pelotas, é comum haver festividades em datas atribuídas a santos, onde são feitas promessas e pedidos de manutenção de saúde as crianças. Agora um novo diálogo:

¹²⁹ LOCATELLI, Moacir Antonio. *O Ocaso de uma Cultura; uma análise antropológica dos ciganos*. Santa Rosa, Barcellos Livreiro e Editor, 1981. P. 54.

¹³⁰ ADOLFO, Sérgio Paulo. *ROM: uma odisséia cigana*. Londrina: Ed. UEL, 1999. P. 39.

¹³¹ AUZIAS, Claire. *Os ciganos ou o destino selvagem dos Roms do leste*. Lisboa: Edições Antígona, 2001. P.25.

¹³² Idem. P. 17.

¹³³ Idem. P. 17.

¹³⁴ ANA, da Cigana Natasha e EDILEUZA, da Cigana Nazira. *Mistérios do povo cigano: espíritos, simpatias, receitas e jogos*. Rio de Janeiro: Pallas, 1998. P. 7.

[Margarida] *Agora dia oito teve, do guri da Jasmim¹³⁵. O dia de Nossa Senhora Aparecida, faz a promessa. Faz festa em tudo. Todo mundo faz a festa.*

[Azaleia] *É uma oferenda para o santo no caso, que se faz, e também para as crianças. Tem bastante [acampamentos], fazem tudo junto. Não interessa se são todos parentes, sendo da mesma cultura é o que importa.*

Produzindo relações sociais singulares, mesmo isolados da sociedade em alguns casos, por sua própria opção pela manutenção de seus valores, encontra-se o fator comum tanto em famílias viajantes quanto fixas ciganas: o valor da família sendo muito cultivado. É bastante enfatizada a importância da virgindade da moça no casamento. É um ponto de honra familiar, sobretudo na transição que é o ritual de casamento:

[Azaleia] *E a virgindade, é muito importante.*

Gláucia: E se a menina não é virgem?

[Azaleia] *Depende, se o rapaz está interessado na virgindade dela, ela volta pros pais, no casamento mesmo, onde acontece, ali, eles fazem voltar. [E isso é muito grave] Porque ela vai ficar marcada, ninguém mais vai querer. É uma coisa bem importante. [Mas se foi ele mesmo que tirou a virgindade dela] fica entre eles normalmente.*

As ciganas respeitadas são aquelas que associam as suas práticas sexuais à reprodução. A idéia de “amor romântico” permite associar a prática sexual a uma moral cigana, permitindo a elas integrar-se a um projeto de futuro que seria o matrimônio como mais importante¹³⁶. A constituição da liberdade sexual feminina constitui um tabu para esses grupos. Repare o que me disse Orquídea:

[Orquídea]: *Ficam três ou quatro pessoas na primeira noite [da festa de casamento] com o casal para receberem a “nágua” [saia da moça] com a virgindade dela ali. Mas a cigana sempre vai ao ginecologista antes para comprovar que é virgem, pois se caso ela não for sangrar [por diagnóstico do médico em questão mesmo dela ser virgem] ninguém espera na primeira noite. Se a moça não for virgem não há casamento. Se for o próprio noivo que tirou a virgindade ele assume e paga uma multa para o sogro. Isso é*

¹³⁵ Referência à sua nora, Orquídea.

¹³⁶ STRATHERN, Marilyn. *O gênero da dádiva. Problemas com as mulheres e problemas com a sociedade na Melanésia*. Campinas, Editora da Unicamp, 2006.

desrespeito grande. O conselho de anciões¹³⁷ determina o valor, daí passam pros mais pobres que eles [os anciões] têm que cuidar. Quando o casal [no caso da moça também ser cigana] desrespeita o desejo dos pais e foge [para antecipar as relações sexuais], o pai do homem paga a multa à família da moça. A moça fica marcada mesmo assim, os dois ficam marcados, são pessoas não confiáveis, não souberam esperar.

Como me foi relatado pelas ciganas de mais idade, não é recomendado a prática do aborto para as ciganas, pois seus corpos sofreriam uma invasão no que seria seu aspecto de pureza. No entanto, há relatos de ser possível em casos de a moça cigana engravidar antes do casamento. Sobre isso, abaixo está a fala de uma cigana.

Gláucia: E se a moça cigana solteira engravidar antes do casamento?

[Azaleia] *Depende da família. São capazes até de mandar tirar o nenê, pra não ficar falada. Eu não sei. Que eu saiba nunca aconteceu na família da gente. Mas seriam bem capazes sim. Pode acontecer.*

Tratando-se do ato conceptivo, os ciganos entendem como sendo responsabilidade de ambas as partes, porém a moça deve manter sua moral para conseguir casar-se e não envergonhar a família.

Eu presenciei a adoção em um caso específico, de uma cigana “solteira”, esclarecendo que o estado civil nesse caso pode ter sido informado como uma redução de uma separação dolorosa ou abandono, como foi observado também em uma cigana identificando-se enquanto “viúva”, mas tendo sido abandonada por seu marido. Petúnia tinha filha adotiva e se dizia feliz por não ter tido marido a quem “obedecer”. Era amparada pela sua família em situações necessárias, sobretudo pela irmã, dona Margarida, e o cunhado, seu Lírio. Sua filha causava-lhe problemas ao ter se envolvido com drogas, ter formado dívidas e vendido bens de valor da mãe para paga-las. A família preferia que Petúnia e a filha vivessem em Pelotas e não afastadas em Quaraí, como ficaram vários anos. Havia uma crítica da família muito forte a Petúnia preferir morar sozinha do que com a irmã. Com o passar dos anos presenciei Petúnia se mudando para Pelotas e passado a residir próximo a irmã por

¹³⁷ Referência ao “Kris”, já comentado no capítulo três.

se sentir mais segura, deixando a filha em Quaraí por ela ter muita resistência em acompanhar a mãe na mudança.

Caso a mulher recém casada demore a gerar filhos, o casal procura recursos médicos, sendo essa hipótese apenas citada como uma possibilidade imaginada, haja visto não haverem casos práticos na família, pelo menos, nos relatos das minhas entrevistadas.

Tratando-se do controle de natalidade, ele é feito geralmente pelos casais jovens, após o terceiro filho, através de pílulas anticoncepcionais com prescrição médica e acompanhamento de ginecologista. Para Locatelli, a gravidez somente é socialmente permitida à mulher casada. Nas suas palavras: “a preferência do primeiro filho é pelo sexo masculino, pois dizem ser a continuidade da família¹³⁸”.

As mães ciganas são muito ativas em suas atividades domésticas e profissionais até o fim da gravidez, ficando no hospital apenas o tempo que se fizer necessário, voltando a sua família o quanto antes para retomar seu trabalho.

As mulheres mais velhas relatam ser mais sábio do homem escolher uma mulher “*com ancas mais largas*” e “*mais carnudas*” para facilitar o parto e a amamentação. A imagem de uma cigana ideal seria a de uma representação de fertilidade, não sendo essa imagem acompanhada pelas ciganas mais jovens, que se preocupam em ter um corpo mais esguio e magro.

Para eles, não há melhor educador que a família, como preparação para a vida. Os bebês recebem muita atenção, não lhes faltando nada, sendo todos criados muito próximos as mães. Valho-me aqui das palavras de Pastor,

No ambiente de família cigana, as criaturas eram até três anos como um apêndice da mãe, iam com eles em todos os lugares. As mães cuidavam dos bebês com naturalidade absoluta. O sacrifício suposto a cuidar de crianças fazia parte da vida normal de mulheres ciganas casadas. Normalmente, teve a ajuda de outras mulheres na família: mães, mães em lei, irmãs ou filhas mais velhas¹³⁹.

¹³⁸ LOCATELLI, Moacir Antonio. *O ocaso de uma cultura; uma análise antropológica dos ciganos*. Santa Rosa. BarcellosLivreiros e Editor, 1981. P. 67.

¹³⁹ PASTOR, Begoña Garcia. “*Ser Gitano*” *Fuera y dentro de La escuela: una etnografía sobre La educación de La infancia gitana em La ciudad de Valencia*. Consejo Superior de Investigaciones Científicas, s/d. p. 181.

Tratando-se das ciganas de Pelotas, as mães tratam os filhos igualmente, sendo comum nas casas mais de um filho por casal. Durante minha etnografia pude assistir as crianças brincando entre si, sejam irmãos ou primos. Elas brincam de imitar os adultos, rodeando-os para ver o que fazem.

Meninos e meninas realizam atividades separadas, e diferentes conforme a faixa etária. Sendo que os meninos geralmente mandam nas meninas. As principais brincadeiras observadas entre as meninas é a da “fantasia de noiva”, onde elas se vestem com tecidos, rendas, véus, emprestados das mães, como se estivessem preparando-se para seu casamento. As meninas desfilam com muita alegria, sonhando com seu dia de noiva, como pude registrar em algumas fotos, em que Violeta ajudava filhas a se arrumarem para a brincadeira da “fantasia de noiva” que as duas irmãs participavam com Camélia.

Ou seja, as moças são incentivadas desde cedo a se preocuparem com o casamento, valorizando e preparando-se para esse evento. A tradição cigana entende que há, a partir do rito de casamento, o início de um novo núcleo familiar, bem como a efetiva independência da jovem em relação aos que ela tinha como familiares até então, pois ela parte em direção ao convívio direto com a família do noivo.

Pode-se dizer que, a identidade do feminino cigano é ligada à formação familiar após o casamento, com a expectativa de filhos, até mesmo para suprir a solidão, por meio do ensino da cultura a eles e do mútuo convívio.

Tendo em vista o que já foi trabalhado até o presente, a seguir será vista a passagem para a vida adulta nas famílias ciganas, também o que caracterizaria uma cigana criança, uma cigana jovem e uma cigana adulta, além dos aspectos que se transformam quando uma pessoa atravessa tais passagens.

4.2 A MATURIDADE CIGANA

A cigana jovem solteira sempre é a possibilidade de uma futura constituição de família. Ela ainda tem anos à sua frente para ingressar no mundo adulto e concretizar o seu núcleo familiar.

Já a cigana de idade avançada (sublinhe-se, aquela que passa dos vinte anos, conforme relatos de minhas interlocutoras) não possui mais a possibilidade de constituição familiar, sendo assim, ela não será protagonista de uma nova geração a partir dela, configurando ainda uma situação de resguardo entre seus entes e uma posição diferenciada, sem encaixe, no mundo adulto cigano.

O casamento entre ciganos tem importância como ponto de honra, visto que as mulheres e homens que permanecem solteiros têm, dentro do grupo, uma posição menos valorizada¹⁴⁰. É no casamento que a cigana se idealiza desde jovem e isso é desejado pela maioria moças. Sobre isso, menciona Azaleia:

[Azaleia] É o que mais querem né, pra não ficar pra titia [risos]. O que mais querem é casar. [...] E as que não conseguem, elas ficam [solteiras] porque ninguém quis, porque não arrumaram. Alguém tem que te querer. Ou também porque não deu certo o noivado. Às vezes, não dá certo um noivado, dois três e já deu errado, ela fica marcada e ninguém mais quer, acabam se afastando porque ela deve ter algum problema. [...] Ai tem algumas que não conseguem, até os 30 anos não casaram ainda, ficam encalhadas [risos].

Ou seja, a cigana solteira, após certa idade, é vista como rejeitada pelos homens do grupo. A moça que não casa mesmo após ser pedida em casamento, ou que é rejeitada após o mesmo, não participa ativamente das relações interfamiliares, sendo denominada como “*encalhada*” pelo restante do grupo.

O ideal de vida feminina cigana então é a vida de casada, embora algumas moças mais jovens e ainda solteiras relatem não desejar o casamento como prioridade em suas vidas, apontando ser a mulher casada desprovida de sua própria identidade quando passa a cuidar do marido e filhos.

Tencionando esse modelo, algumas ciganas jovens desejam o estudo enquanto uma forma de um futuro melhor. Sobre isso, Dália manifesta-se com bastante ênfase:

¹⁴⁰ PASTOR, Begoña García. “*Ser Gitano*” *Fuera y dentro de La escuela: una etnografía sobre La educación de La infancia gitana em La ciudad de Valencia*. Consejo Superior de Investigaciones Científicas, s/d. P.56

[Dália] *Muda muito na vida da cigana depois de casada, tu não vai ser a mesma. Tu vai cuidar dos outros, do teu marido. Tu vai ser “chifrada”. Na vida de cigana a mulher é sempre “chifrada”. [Depois que descobre ser traída pelo marido, a cigana] Geralmente volta pro pai, ou continua agüentado, né?! [Eu gostaria de] Estudar, que todo mundo diz pra eu sair [da escola]. E eu não quero sair, quero seguir. Pra que sair da escola? Que agora eu passei pra quinta, antes tava na quarta. E eles querem que eu saia, se eu vou num lugar todo mundo me pergunta “ah, ta estudando?” E eu digo “to”, querem que eu saia da escola porque eu sou uma menina grande, mas eu não saio. E o que eu vou fazer se eu sair vai ser ficar louca só em casa.*

Percebe-se nesse ponto o quanto a abertura do grupo para uma “*brasileira*” pode gerar uma visualização de um ideal de mulher moderna, conforme as “trocas” que tive com o grupo em campo que se discutirá a seguir: as ciganas jovens vêm na pesquisadora a mulher “livre”, que teve opção de escolha de carreira e de estudo, que pode escolher quando casar e desejam para si e/ou para suas filhas esse “ideal” visualizado.

A relação que as ciganas têm comigo é a mesma que tive em relação a elas. Isto é, a busca daquilo que se gostaria de ser, a formação de um ideal: de minha parte, a procura da cigana com seus mistérios e sabedorias originados de um andar vago pelo mundo; já da parte da cigana jovem, a “*brasileira*”, a “mulher livre”, condutora tanto do direito a escolher alguém para ser seu marido como da carreira individual através dos estudos. Claro, ambas as idealizações são complementares, tratando-se de um único desejo: o encontro de si.

A voz de Dália mostra que apesar de a cigana solteira ser vista como desprovida de maiores responsabilidades, ela também é notada como uma “presa” ao círculo familiar, impossibilitada de fazer valer suas vontades sobre os caminhos futuros. Cuidado e preservação tradicionais ciganos esses também relatados por Azaleia:

[Azaleia] *Depois de casada ela tem mais responsabilidade com o marido, com os pais do marido, quando mora com eles no caso. Daí tem bastante obrigação, ficar na volta se precisar de alguma coisa, servir fazer cama, tirar cama, bastante obrigação. [...] Não existe diferença entre a cigana solteira e a casada, porque ambas são reprimidas. São mais presas. A casada é mais presa porque tem filho e marido pra cuidar, mas pra sair não é tanto, porque uma solteira tem que estar ali guardada pro marido quando vier pedir [em casamento], no caso. Ciganas todas são presas [...], o homem não é. Eles fazem o que querem, casam com quem querem. [...] Eu acho que essa vida presa os pais já trazem, porque deixar se formar e estudar são outra coisa, tem toda uma vida mais independente, mas eles não deixam.*

Essa descrição da “mulher presa” ao lar, diferentemente da situação masculina, é enfatizada pelas ciganas mais jovens e de maior escolaridade, como é o caso de Azaleia, tendo o Ensino Fundamental concluído.

[Azaleia] *Ela é protegida né, mas protegida pelo pai, mais cuidada, mais educada. É [mais educada] porque ela tem mais delicadeza, é mais delicada. Menino já não, é mais largado. O que uma menina necessita aprender para ser caracterizada como uma cigana é fazer comida. Fazer comida forte. Comida com tempero, comida forte, com pimenta assim, bem reforçada.*

Por sua vez, a família cigana valoriza a tradição, essa centrada na criação das moças mais do que na criação dos rapazes, identificando-as como mais “protegidas”. A cigana é educada para cuidar da família, como, por exemplo, o “*aprender a cozinhar bem*”.

Uma mesma cigana participa, com diferentes papéis, de dois casamentos em sua trajetória de vida: o casamento de seus pais e o seu. Tratando-se do casamento dos pais, a cigana tem um papel secundário na família: o de filha. Ela deve obediência em seu papel.

Por sua vez, a cigana se torna protagonista, o centro, através do seu casamento, através da sua vinculação a um novo núcleo familiar. Essa mudança estrutural que agrega valor à cigana, dando a ela maiores possibilidades de autonomia e uma maior posição de respeito em relação aos futuros filhos interagindo com a comunidade em uma posição adulta. De filha ela alcança a condição de mãe.

Impossível não pensar no ritual, enquanto uma ordem prescritiva, e nas palavras de Arnold Van Gennep, o autor clássico dessa discussão:

A vida individual, qualquer que seja o tipo de sociedade, consiste em passar sucessivamente de uma idade a outra e de uma ocupação a outra. (...) Toda a alteração na situação de um indivíduo implica aí ações e reações entre o profano e o sagrado, ações e reações que devem ser regulamentadas e vigiadas, a fim de a sociedade geral não sofrer nenhum constrangimento ou dano. É o próprio fato de viver que exige as passagens sucessivas de uma sociedade especial a outra e de uma situação social a outra, de tal modo que a vida individual consiste em uma sucessão de etapas, tendo por término e começo conjuntos da mesma natureza, saber, nascimento,

puberdade social, casamento, paternidade, progressão de classe, especialização de ocupação, morte¹⁴¹.

Van Gennep privilegia sua análise por meio dos ritos de passagem. O sagrado para esse autor não é um valor absoluto, mas um valor que indica situações respectivas, que podem vir a modificar-se. Para ele, “essas modificações do estado não deixam de perturbar a vida social e a vida individual. Certo número de ritos de passagem destina-se a reduzir os efeitos nocivos de tais mudanças¹⁴²”.

Conforme Van Gannep afirma, esses ritos de passagem são naturais a uma introdução à vida adulta. Pode-se tomar essa discussão para se refletir sobre a cultura cigana, em particular, o casamento e a formação de um novo núcleo familiar, onde os jovens terão novas responsabilidades, inclusive a separação de seus pais, tratando-se das moças.

Nesse contexto, percebe-se que as principais preocupações de uma cigana solteira ou casada estão voltadas ao ambiente familiar, sendo esse o centro de sua sociabilidade. Eis a voz de duas ciganas maduras sobre isso:

[Azaleia] *Depois de casada, trabalha junto com o marido, cuidar dos mais velhos, atender, servir e cozinhar para comer, é isso aí.*

[Margarida] *Ela abandona a mãe e o pai. Ah, claro, ela tem mais responsabilidades. Tem que atender o sogro, a sogra, cuidar do marido. Atender logo de manhã, fazer o café. Faz a comida, o almoço. Muda muita coisa, não é como vida de solteira, que ela não se preocupa com nada. Casada ela se preocupa com a família, cuidar do marido, lavar a roupa dele, passar a roupa, faz o almoço, passeia com ele, faz a janta. E depois passa um ano ou dois e tem nenezinho. Ela vai uma hora ou duas lá na mãe dela, não é mais aquela coisa que tá toda hora com os pais, não dá.*

Através de dona Margarida, sabe-se que em tese o casamento entre ciganos é da ordem patrilocal. Isto é, o novo casal, após o casamento, passa a viver na localidade do pai do marido.

¹⁴¹ GANNEP, Arnold van. *Os ritos de passagem: estudo sistemático dos ritos da porta e da soleira, da hospitalidade, da adoção, gravidez e parto, nascimento, infância, puberdade, iniciação, coroação, noivado, casamento, funerais, estações, etc.* Petrópolis, Vozes: 1977. P. 26-27.

¹⁴² Idem. P. 33.

Para a cigana jovem casada essa mudança impõe uma série de obrigações para com a família de seu marido, pois ela assume os cuidados da mesma. No caso do casal viver conjuntamente com os pais do marido, a mulher passa a dever obrigações, cuidados e responsabilidades à sua casa, a seu esposo e a sua família, bem como, aos filhos que são esperados após o casamento. Inevitavelmente, a cigana jovem se desprende dos seus pais e assume a família do marido.

Percebe-se assim que o foco se modifica com o casamento: na família de origem o centro era o pai, a mãe e os filhos, sendo uma derivação dessa união e devendo obediência e respeito aos pais; na família de procriação, ela estará constituindo o foco principal, se vinculando a outra família. Ela, agora casada, dispõe de uma perspectiva de autonomia antes inexistente. O zelo do pai pela sua honra antes lhe impossibilitava poder se quer sair de casa por conta própria sem dar explicações. Depois de casada a cigana deve respeito ao seu esposo, mas este em contrapartida também deve consideração a sua esposa. No casamento em que ambos cumprem seus papéis as ciganas se declaram felizes e respeitadas, como se vê pela voz de Orquídea e Tulipa:

Gláucia: E como a cigana é tratada depois do casamento?

[Orquídea] *Respeitada e bem tratada. Ao mesmo tempo que elas se escravizam na família elas recebem tudo de volta. Ela não é maltratada. Podem achar de fora da nossa cultura que a cigana não tal liberdade, mas a gente depois que casa é muito feliz. Tudo que o pai da gente guardou e não deixou fazer quando criança era para proteger a gente. Quando criança a menina tem que ser cuidada.*

[Tulipa] *Às vezes, falam que a mulher cigana é submissa, mas isso não é verdade, pois ela sempre foi respeitada. A mulher cigana é sempre muito respeitada.*

A cigana sai da sua família de origem rumo a sua família de procriação por meio do casamento e da formação da aliança convencionada. Ao dar esse passo, ela revoga sua família sanguínea em prol da do marido, de sua patrilocalidade, para a constituição de uma nova geração. Sobre isso, Strathern:

A inter-relação entre interesses “femininos” e “masculinos” pode ser compreendida com respeito a cada um deles, mas a motivação por trás desses interesses é geralmente tida como inerente à existência separada das próprias categorias. Isso porque a visão pluralista implica que as ideologias têm suas origens na promoção de interesses identificáveis e

mutuamente exteriorizados, mais propriamente do que nas formas de funcionamento internamente interconectadas de um sistema¹⁴³.

O resultado desse processo é que ela se torna a família do marido. Por meio dela se gerará os filhos do casamento e os cuidados com o marido e sua família progenitora. Além disso, é a cigana quem repassa os valores culturais a seus filhos, sendo, portanto o pilar matriarcal essencial da família e da identidade cigana. Em outras palavras, a cigana adulta é a cigana casada.

Por meio das trocas e do aprendizado com essas mulheres encontramos, eu e elas, os laços com a essência feminina cigana e “*brasileira*” respectivamente como o sub capítulo a seguir.

4.3 ENCONTRANDO NOSSOS LAÇOS

Ao longo da convivência, desde a primeira vez, dona Margarida me deu uma sacola com comida, pão folhado com frutas e queijo, enroladinho de repolho com carne e arroz apimentados, entre outros alimentos, que se diversificavam, para que levasse para casa. Assumo, não recusei, pois, dona Margarida me fez pensar em Mauss, pois,

Ninguém é livre para recusar um presente oferecido. Todos, homens e mulheres, procuram superar-se uns aos outros em generosidade. [...] Misturam-se as almas nas coisas, misturam-se as coisas nas almas, misturam-se as vidas e as pessoas: isso é o contrário e a troca.¹⁴⁴

Desde a primeira visita a dona Margarida iniciaram-se as nossas trocas. O simbolismo desse bem é a própria relação. Ao mesmo tempo, os bens trocados são a riqueza e a sorte que se transmitem, como já foi exposto por meio de Mauss.

¹⁴³ STRATHERN, Marilyn. *O gênero da dádiva: problemas com as mulheres e problemas com a sociedade na Melanésia*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2006. P.59.

¹⁴⁴ MAUSS, Marcel. *Sociologia e Antropologia*. SP: Cosac & Naif, 2003. P. 212.

Há uma ampla idéia de ciclo de trocas, onde toda a dádiva deve ser retribuída com juros. A relação, a troca, a aliança é o foco, não o bem. Dona Margarida é sabedora disso, pois, desde a primeira vez, em troca da comida dada ela me pede enfeites de cabelo.

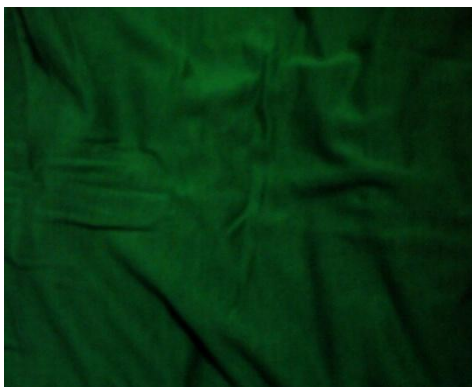
Aliás, tratando-se dessa cigana, esses presentes requisitados variam. As fotos, como foram tratadas no Capítulo II, foram bastante pedidas. Tulipa me pedia com frequência material escolar para seu casal de filhos, sobretudo livros de colorir, lápis de cor e canetas (Anexo 8). Em outras ocasiões ela solicitou hidratantes para a pele, xampus, e até mesmo tinta para a manutenção da cor dos cabelos da “cigana loira”. Com o desenrolar do tempo dona Margarida passou a privilegiar tecidos para suas saias, tecidos para o forro das mesmas ou para saias de verão que possuem constituição mais leve.

A cigana entende que posso trazer para ela presentes que não compõem seu universo cotidiano, pois frequento um mundo diferente do dela. Quando comento que me também movimento na cidade de Porto Alegre, ela fica radiante por perceber na capital maiores possibilidades de acesso a tecidos diferenciados.

Por vezes, dona Margarida cita lojas específicas do centro de Pelotas e Porto Alegre que ela gostaria que eu fosse para procurar por tais tecidos. Suas indicações causam imensa confusão em minha precária capacidade de localização em Pelotas, pois as referências não coincidem com aqueles que eu identifico nas ruas, praças e calçadas do centro. Dessa forma, percebo que ela descreve um centro urbano diferenciado do que se encontra hoje. Talvez, seja uma concepção de território diferente da minha em relação a esse espaço.

Assim, acabo por fazer as compras em outras lojas que avisto mais facilmente. Mas, dona Margarida não admite que eu possa estar pagando mais caro por determinado tecido, ou que não achei algum outro especificamente como ela gostaria, por não ter achado a tal loja.

Um dia chegamos a ir juntas a uma das lojas que ela cita, a Blumenau. Para isso, o seu Lírio nos levou de caminhonete ao centro da cidade para eu comprar um tecido de cor específica, verde, conforme foto abaixo, que dona Margarida se dispôs a me ajudar a encontrar, sendo que dessa vez tratava-se de um pedido de Orquídea para a realização de um trabalho de limpeza espiritual em mim.



Im. 10

A cigana localizou rapidamente a loja tão citada por ela, estado em uma rua diferente a que eu rumava, simplesmente duas quadras distantes de onde ela me indicava.

Claro, quando entramos na loja, as vendedoras inicialmente não se dispuseram a vir atendê-la, e quando uma foi “atacada” com perguntas de dona Margarida ela fez o atendimento com má vontade, aborrecida por tantos pedidos de amostras de cores. As vendedoras pareciam já conhecer dona Margarida, além de não gostarem de atender ciganas de modo geral, o que era visível pela vestimenta característica dela. Nesse dia, eu entendi as dificuldades de dona Margarida ir ao centro para fazer suas compras, além da distância óbvia.

A expectativa de ser agradecida ao dar algo a ela, e esse desejo não ser correspondido, em um contexto de confronto e de pontos que se unem, na viagem de volta da casa de dona Margarida me fez refletir: “será que ela gostou do que eu lhe dei, mas não quis revelar?”; “como posso fazer para deixá-la mais feliz?”; “será que nunca acerto realmente?”.

Com o passar do tempo entendi a sua forma de agradecimento. Dona Margarida não demonstra alegria ao ganhar o que pedira, geralmente demonstra que o presente não corresponde exatamente ao que ela esperava, dando a oportunidade de presenteá-la novamente em seguida, visualizando dessa forma meu retorno, em breve, ao Fragata para a manutenção do nosso vínculo.

Ao se problematizar as trocas de presentes, sobretudo, com dona Margarida, pude entender a riqueza dos elementos simbólicos presentes para muito além do que está sendo trocado. Claro, conhecer o outro é, antes, deparar-se de frente com um conjunto de questões interiorizadas, estereótipos que se colocam nas atitudes das pessoas, e apenas entendendo-as pode-se superar o etnocentrismo estabelecido e, com isso, compreender melhor a nós e a si mesmos¹⁴⁵.

Em nossa relação e sistema de dádivas coloca-se um confronto de femininos, uma visão de mundo de uma cigana e de uma “*brasileira*” que são diferenciadas perante o que é requisitado e dado, mas, ao mesmo tempo em que há essa rixa, os universos não permanecem em uma dicotomia, mas, sim, interagindo respectivamente.

A nossa troca de “mulheres” no convívio e na manutenção das características de nossas identidades que são representadas, demonstra a riqueza do laço que se gerou entre dona Margarida e eu, a pesquisadora, vendo-nos dependentes uma da outra, por seus universos correspondentemente complementares.

Roy Wagner dialoga articulando as perspectivas de universal e particular:

A perspectiva do antropólogo é especialmente grandiosa e de longo alcance, pois o fenômeno do homem implica uma comparação com os outros fenômenos do universo: com sociedades animais e espécies vivas com os fatos que dizem respeito à vida, à matéria, ao espaço e assim por diante.¹⁴⁶

Dessa forma Wagner demonstra a necessidade do antropólogo incluir a si mesmo e seu próprio modo de vida em seu objeto, valendo-se dessa maneira enormemente de sua experiência pessoal. E, pondo-se dessa forma em pé de igualdade com seu objeto de estudo, o pesquisador está ao mesmo tempo inventando a cultura do outro e a sua própria, vinculando-se, assim, o tempo todo, o singular e o particular.

¹⁴⁵ PASTOR, Begoña Garcia. “*Ser Gitano*” *Fuera y dentro de La escuela: una etnografia sobre La educación de La infanciagitana em La ciudad de Valencia*. Consejo Superior de Investigaciones Científicas, s/d.

¹⁴⁶ WAGNER, Roy. *A invenção da cultura*. SP: Cosac&Naify, 2006. P. 27, 28

Nessa “comparação de imagens” dos universos complementares, percebe-se também as imagens que as ciganas fazem da pesquisadora em campo: o cabelo longo e escuro as faz lembrar os seus cabelos de outrora, da mesma forma, o trançar e jeitos de prender os mesmos as fazem recordar suas filhas quando moças e sua própria juventude.

A beleza cigana no cabelo revela a nostalgia que se revive pelo convívio com a pesquisadora. Para dona Margarida, “*o meu cabelo, o cabelo de todas as ciganas era que nem o teu, guria, que cabelo bem bonito tu tem! Tem que cuidar, passar bastante creme pra ele ficar sempre comprido e brilhoso*”. Desse modo, essa senhora demonstra o carinho de uma cigana que identificou em mim as lembranças da imagem de sua filha “Papoula”, que mora próximo a Santa Maria e pouco visita sua mãe. Ainda nas palavras dela:

[Margarida] *Mas tu pareces a Papoula, menina, o mesmo jeitinho tu tem, o jeito de olhar. Até óculos ela usava e o cabelo é tudo igual a ti. Tu és uma boa pessoa, dá pra sentir, que é boa gente de longe. Pessoa boa é essa menina!*

Dona Margarida me abraça sorrindo, após falar isso. Essa fala se repete constantemente em nossos contatos. Ela revela tal carinho por mim desde nosso primeiro contato. Eu me pareço com Papoula. Nessa visão de dona Margarida, passo a representar a supressão da nostalgia da filha. Cria-se, então, um vínculo de cuidado. Ela vê em mim o que vejo nela: a lembrança de um ente querido que ainda vive no coração.

A representação da imagem que as ciganas fazem de meu contato é de uma *jovem franzina* que por vezes precisa ser instruída e protegida, sobretudo, através de orientações para uma vida adulta — seja por meio de conselhos *espirituais*, através da leitura de mãos (com dona Margarida) ou tarô (com Orquídea), seja ainda por uma conversa casual onde se reforça um discurso de um “*mundo moderno perigoso, que exige nossa constante atenção*”.

Wagner demonstra a vinculação continua de múltiplos elementos, valorizando a noção de experiência como fundamental para pensarmos o universo todo. Sobre

isso, impossível não pensar nas recomendações de Violeta, neta de dona Margarida, para mim:

[Violeta] *Tu tem que pintar as unhas de vermelho, passar batom bem bonito, rosinha, brinco, colar, sapato de salto. Porque tu é muito branquinha, tem que dar uma cor nesse rosto, menina. A gente vai pro Chuí e traz aqueles estojos de maquiagem, coisa mais linda, tu precisa ver, eu trouxe um pra mim cor-de-rosa, é uma maleta grandona.[...] Se tu usar um decote, tu vai ver como os homens vão ficar loucos, o teu namorado vai adorar. [...] E tira um pouco os óculos. Porque tu não usas lente?[...] O que chama mais atenção para o homem são os olhos e o decote, a troca de olhar é importante. Quando teu namorado chegar recebe ele com brilho nos olhos, que ele gosta.*

Nessa ocasião, na mesma semana em que fui a campo, meu companheiro chegaria de Porto Alegre para me visitar em Pelotas, e eu havia relatado a ela essa visita em data próxima.

Ela me perguntou como ele era, do que gostava, e o que eu fazia com ele em nossa relação íntima. Dona Margarida e Orquídea pediram que eu o trouxesse a casa delas na sexta-feira próxima para que elas o conhecessem e averiguassem se ele me “*fará bem*”. Eu o levei, e nas palavras de dona Margarida ele se apresentou como uma “*boa pessoa*”. Dona Margarida disse ainda: “*tu é uma guria boa, boa pessoa, menina querida, ele vai te fazer bem feliz. Tem que casar com esse, ter nenê logo. Ele é guri bom que nem tu.*” Fiquei feliz com o diagnóstico positivo, como se recebesse uma aprovação de uma figura materna.

Retomando os conselhos de Violeta me oportunizou uma série de instruções de como me portar “*para melhor conquistar*” meu companheiro e do que fazer em âmbito sexual, no sentido de sair de costumes classificados como de *rotina*, para isso necessitando adquirir itens de “*sex shop*”, como: “*pomadas, lubrificantes, camisinhas diferenciadas com sabor, bolinhas, frequentar motéis e experimentar modos diferentes de depilação*” para que, nas palavras dela:

[Violeta] *Ele não te trocar por outra, porque quando a gente é muito santinha, muito paradinha, eles não gostam e vão atrás de outra, comigo foi assim, por isso agora eu aprendi e estou te falando pra ti fazer o que eu não fiz.*

Com o tempo entendi os medos de Violeta, ela me relatou sua história: de início ela se apresentava como “viúva”, ao longo das conversas percebi que ela havia se separado do marido, tendo casado aos dezesseis, e rompido a união matrimonial aos vinte e um anos. Ele o deixara por outra cigana, abandonando ela e suas duas filhas, vindo a segunda a nascer depois do abandono. Sobre isso, falou ainda Orquídea:

[Orquídea] *O marido da Violeta fugiu com outra, esta sendo procurado. Ele é uma vergonha pra família dele, a família dele não pode receber mais ele em casa, cigano nenhum recebe ele, nem ele precisando. Essa outra que fugiu junto, só pode ser “brasileira”, porque se fosse cigana não ia ficar assim sem família, sem apoio da gente. Quando fazem assim cigano nenhum ajuda os que fogem, porque é errado abandonar a esposa. A Violeta foi largada com filhinha pequena recém nascida e outra na barriga que o marido nem registrou, nem conheceu, pobrezinha. Isso não se faz.*

O relato acima demonstra frustração, raiva, por ele não ter registrado e não conhecer sua filha mais nova. A família a recebeu de volta por ele não a ter “amparado”. Nesse momento Violeta se colocava em meu lugar, dando-me uma demonstração de afinidade de amiga sincera: ela desejava que eu aproveitasse a oportunidade que ela não teve, a sua segunda chance com o pai das filhas.

Isto é, eu deveria ter o comportamento que ela percebeu que não teve, que se desenrolou “tarde demais”, pois, em suas palavras, “antes eu também era assim que nem tu, mais discreta, mas não deu certo, não é isso que eles gostam, o que eles não encontram em casa, buscam na rua”.

Retomo ainda a fala de Orquídea para entendermos um pouco mais o mal-estar de Violeta: “a mulher nunca será maltratada. Se acontece separação do casal ela sempre será sustentada.” De acordo com Orquídea, e também com o convívio com dona Margarida, as separações de casais são muito raras, sobretudo se ambos são ciganos. Mas caso aconteçam, há uma obrigação moral do marido sustentar a ex-esposa após a separação, bem como manter o bem-estar e o sustento dos filhos no mesmo padrão que mantinha enquanto casado, tendo possibilidade de visitas periódicas conforme o desejo da mãe. Assim, segundo Orquídea,

[Orquídea] *O sogro da Violeta vai dividir tudo que tem com ela, até a louça, até ela casar de novo. O homem que trai e abandona a esposa não tem direito de ter convívio ou pegar os filhos, não tem direito de estar com os filhos porque ele já abandonou eles também. [No caso dele insistir e cumprir com o sustento à ex-esposa e aos filhos, e a mãe das crianças concordar haverá] só visitas periódicas, mantendo o convívio, em festas, casamentos. O homem não vai tirar a criança da casa dela, não se divide a guarda para a criança não correr riscos em sua segurança.*

Mas o marido de Violeta fugiu e se negou a ampará-la, desencadeando uma situação de grande desconforto para os familiares, que agora estariam “caçando” ele, para que “cumprisse sua obrigação”, sendo dito por Orquídea que o castigo merecido por ele seriam as medidas punitivas atribuídas pelo conselho de anciões, já citadas anteriormente, por exemplo: ter todos os dedos da mão direita cortado, menos o polegar; além de todos os seus bens serem passados para Violeta, como já estava sendo feito com os bens de seu sogro. O cigano em questão, até minha última ida a campo, seguia desaparecido com a amante, e Violeta havia voltado a Bariri, São Paulo, residindo com os pais, as filhas e a irmã mais nova.

Pensando em uma comparação com as sociedades indígenas, os ciganos de meu trabalho de campo em Pelotas se assemelham com a sociedade Xavante, relatadas pelo etnólogo David Maybury-Lewis¹⁴⁷, na separação: após o divórcio a mulher continua a ser considerada do homem com quem esteve casada, mesmo que não coabitem mais. Ela não pode tomar um esposo nem ter relações sexuais com outros homens, a menos que esteja preparada para enfrentar a “zanga” do marido.

Agora de acordo com a cigana Orquídea, “é raro os ciganos casarem de novo, é vergonhoso ter um segundo homem para a mulher, ela se vulgariza”. A cigana que casa novamente é vista como sem honra. Não presenciei em campo qualquer intenção de um segundo casamento por parte de Violeta.

Por sua vez, na sociedade Xavante, os filhos geralmente moram com a mulher, mas vão sempre à casa do pai, onde se sentem com os mesmos direitos dos filhos de seu pai com a esposa com quem vive. As duas casas, em um certo

¹⁴⁷ MAYBURY-LEWIS, David. *A Sociedade Xavante*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora S/A, 1984..

sentido são equivalentes, o que já não se dá no caso cigano: o homem somente tem direito de conviver com a criança se a mãe permitir.

Uma situação como essa gera tristeza a toda a família e um sentimento de indignação e injustiça muito grande aos pais, que vêem suas netas e sua filha rejeitadas pelo genro. Chocada com a história de Violeta, relembro o desentendimento ocorrido com a sobrinha de seu Lírio em uma festa de finados há dois anos, onde a atitude da moça foi o inverso de Violeta: ela fugiu com um amante estando cansada de ser traída pelo marido. Bom, havia nessa moça mais segurança que em Violeta, porém o seu comportamento não era visto como honrado pelos ciganos. Violeta era ciente de sua insegurança, por ter cometido “erros” quanto a sua vaidade, mas tentava me ensinar e comigo aprender como ser uma mulher segura e não repetir os mesmos equívocos.

Dispus-me a apreender o que as mulheres ciganas me ensinavam. Mostrei-me simpática à idéia de me tornar mais vaidosa e comecei a reconhecer que a admiração pelo que vejo e gosto em meus reflexos no espelho me torna mais segura. Era divertido e reconfortante ter modelos femininos que se dispunham a serem exemplos a seguir. Orquídea também percebeu minha mudança:

[Orquídea] *Cada vez que tu vem aqui tu parece outra pessoa, nossa, tu ta sempre diferente, sempre melhor. Dá pra ver de longe que a tua mudança vem de dentro, menina. Dá pra ver que tu está bem. [...] Vou fazer tua sobancelha e pintar teus olhos, traga uma pinça e um “lápis de olho” quando tu voltar.*

E eu levei. Orquídea me tirou a sobancelha com habilidade, rapidamente estava pronta e com os olhos pintados, pretos, riscos fortes nas pálpebras. Orquídea mais uma vez gostou do resultado: “*olhar marcante, assim tu parece outra pessoa!*”.

As influências de Orquídea e Violeta também foram sentidas por meu companheiro. Por várias ocasiões ele me questionava se eu havia feito algum “trabalho” para lhe “amarrar” a mim. O que iniciou com um misto de curiosidade e brincadeira, tornou-se uma confissão espontânea, mas sem chegar a nos causar conflitos.

Em certa ocasião recebi de uma anunciante, que distribuía panfletos na rua, um papel com a propaganda de certa dona Jaqueline que prometia a solução para problemas de “seu amor a seus pés” (Anexo 7). Guardei o anúncio na bolsa sem dar muita atenção.

No mesmo dia meu companheiro o viu por acaso e temeu-me ter encomendado algum “*trabalho*” com a desconhecida dona Jaqueline, mesmo eu negasse que não sabia ao certo do que se tratava o anúncio. Ele passou a ver fios de meus longos cabelos por entre suas roupas e em volta do seu corpo, mesmo quando ficávamos alguns dias sem nos ver, em minhas viagens e idas a campo, e me dizia que os fios eram a prova de que eu havia feito algum “*trabalho*” com as ciganas para “*segurar*” a relação e lhe “*encantar*” por mim, a ponto de ele se sentir hipnotizado até certo ponto.

Não havia dúvidas de que o poder de Orquídea se fazia sentir e ser até mesmo admirado e temido por mim — e por meu companheiro. A magia das ciganas passou para mim, e agora eu também era vista como uma “sacerdotisa”. Eu podia encantar!

Enfim, recebi de Orquídea e Violeta muitas dicas para ficar “*mais bonita*”, “*mais viva*”. De acordo com Orquídea eu precisava “*me abrir para a vida, assim tu fica mais confiante*”. Foi o que se desenrolou na minha vida a partir de então. Essa troca de saberes incluiu o âmbito estético, com Violeta, e espiritual, com Orquídea, visto essa cumpria o papel de minha “guia” desde que me tirou o tarô pela primeira vez e começou a me “*ajudar espiritualmente*”, propiciando-me banhos perfumados. Enfim, uma sequência de trabalhos que visavam “*fechar o meu corpo*”, “*espantar a inveja*” e “*me gerar confiança*”.

Ao buscar entender o outro, procura-se entender a nós mesmos, sendo a relação em campo do antropólogo uma relação de aprendizagem: a objetivação ocorre na concomitância da invenção da cultura do outro e da sua própria. No caso do antropólogo, coloca-se a relatividade cultural, onde se permite pensar a invenção da própria cultura, usando-se o par “invenção/convenção”. Nas palavras de Wagner,

A escrita antropológica tendeu a conservar a ambiguidade da cultura, pois essa ambiguidade é continuamente acentuada pela identificação de “cultura” provocativamente novas e diferentes e continuamente controlada mediante a formação de analogias explicativas¹⁴⁸.

Em resumo, dessa forma, nós descrevo como produto da inter- subjetividade, a noção de simultâneo particular/universal, interdependentes, havendo um confronto e uma aproximação de femininos complementares entre si, uma visão de mundo de uma cigana e de uma “*brasileira*” que são inicialmente diferenciadas perante o que é requisitado e dado na forma de presentes, como tecidos, enfeites de cabelo, cremes por parte da “*brasileira*” para a cigana, e de comida por parte da cigana para a “*brasileira*”.

Cartas da capa: Dama, Sol, Peixes¹⁴⁹.

¹⁴⁸ WAGNER, Roy. *A invenção da cultura*. SP: Cosac &Naify, 2006. P. 62

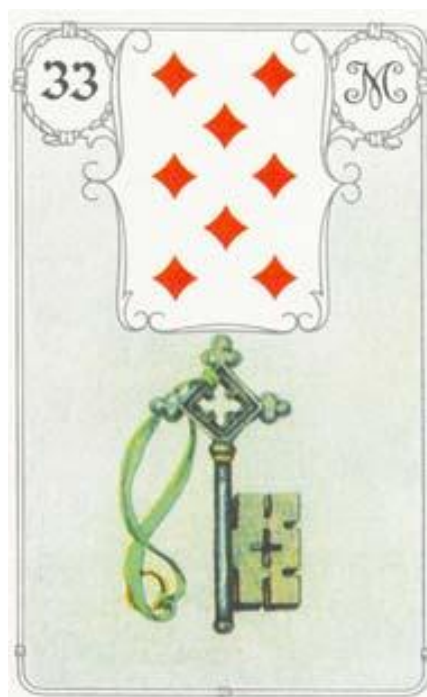
¹⁴⁹ Cartas da capa:

29- Dama (Ás de Espadas): Se o consulente for uma **Mulher**: Está sendo convidada a se repensar como “Mulher”: você está conseguindo harmonizar e equilibrar seu gênero biológico, feminino, com os aspectos racionais e masculinos no íntimo de seu ser? Se for um **Homem**: Está sendo chamado a repensar seus conceitos a respeito das mulheres, ou admitir que o desafio que você enfrenta no momento depende da ação, apoio ou ajuda de uma mulher.

31- Sol (Ás de Ouros): a vitalidade, a força, a autoconfiança, o otimismo, a consciência e a clareza de propósitos. Concretização da realização material e a prosperidade que tanto sonha.

34- Peixes (Rei de Ouros): a riqueza, a abundância e a prosperidade dependem muito de sua disposição em estar atento e preparado para agarrar as oportunidades que surgem repentinamente em sua vida. Possuir metas claras.

CONSIDERAÇÕES FINAIS



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sendo o conceito de identidade chave para entender a cultura cigana percebeu-se a sua complexidade e riqueza na manutenção da tradição e dinâmicas de renovação de seus hábitos de sociabilidade de grupo.

A família cigana, hoje predominantemente fixa, ainda viaja e vive em barracas cultivando e dinamizando sua tradição, seja morando de maneira itinerante (literalmente) por alguma fase da vida, seja fazendo de seus grandes sobrados bem estruturados ambientes únicos sem divisórias repletos de tapetes e aconchegantes em sua estrutura como na intimidade de um acampamento, seja conservando o hábito das viagens.

A imagem da cigana também se dinamiza continuamente. Hoje o cabelo da cigana pode ser repleto de luzes, tons loiros, alisamento ou ondulações não naturais, suas roupas podem seguir tendência de cortes e estampas de tecidos da moda e suas maquiagens seguem as tendências “*brasileiras*”. Eu trago a dona Margarida a lembrança de sua juventude: “*Mas menina, tu parece eu quando nova. Guria eu tinha o cabelo assim que nem tu, comprido pela cintura e cacheado, era preto assim que nem o teu. Coisa linda, não corta esse cabelo, pelo amor de Deus*”. Hoje, com cabelo loiro e bem mais curto que o meu, mas ainda descendo pelos ombros, essa cigana vê em mim a moça que foi há anos. Conservei o cabelo por todo o campo sem cortá-lo, pois vi que nele se dava um laço importante em minhas relações com as ciganas, talvez o que inicialmente propiciou minha entrada em suas vidas: elas simpatizavam enormemente com minha imagem de jovem frágil, sou o que elas um dia já foram com os longos cabelos escuros em tranças ou selvagens, soltos ao vento.

Os relatos de festas que não se realizam mais na mesma dimensão de outrora, se refletem nas novas gerações e, sobretudo, nas gerações antigas. Na dinâmica cultural há preocupações com o que ficou apenas em suas memórias e não permanecem mais em seu cotidiano e não será vivenciado por sua descendência.

[Hortênsia] *Foram se desfazendo das crenças deles. Ah! Eles tão se ocupando mais, trabalhando mais. Estão se preocupando mais em ter as*

coisas. Antigamente tudo era mais fácil e hoje em dia tá complicando mais a vida. Então antes era mais rico em tudo, saúde, dinheiro, em tudo era melhor de trabalhar pra ter antigamente. Hoje em dia é mais complicado. A gente tem que se cuidar mais. Acorda de manhã e aparece no jornal notícia de doença de tudo que é coisa. A avó [dona Magnólia] que dizia: “antigamente nunca tinha se ouvido falar em ‘rotavírus’ e hoje é tão comum, derruba qualquer um, e hoje em dia olha só a quantidade de doenças que tem... Esta tudo pior”. Antigamente não se escutava né, não existia...

Essa formação identitária pode ser bastante negociável e mutável (podendo-se acrescentar nesta perspectiva o adjetivo virtual), mas ela é garantida se continuar ocorrendo o “pertencimento” como destino. Os valores do grupo, sendo permanentemente afirmados, identificam o indivíduo no pertencimento a comunidade. Uma cigana assim o é, mesmo longe de seu grupo. A dinâmica do mundo cigano trás à cultura o aspecto não estático, embora permaneça seu caráter de distanciamento da sociedade envolvente, sendo agregadas as tradições ciganas as influências externas mais rapidamente do que as ciganas maduras desejem e mais lentamente do que as jovens procurem. É evidente a tendência à fixação na maioria das famílias entrevistadas, como é o caso de Azaleia, filha de Hortênsia, que presenciei em campo a mudança da barraca para a construção de uma casa:

[Azaleia] [E o que mudou? Que de repente minha filha não vai viver mais...] *Nada, eu acho. O que ficou pra trás acho que não é saudável para minha filha. Tipo a barraca, ela vivia doente, tava sempre engripada, doente assim. Tive até que fazer a operação dela. Passar muito frio no inverno. Ah! Não sei [se minha filha vai viajar menos], depende de com quem ela vai casar né, não sei com quem ela vai ir morar e casar.[...] Ah! Os ciganos se adaptam muito bem em qualquer lugar. Qualquer lugar que o cigano vai... Adapta-se muito bem, muito fácil. Então como se trabalha com vendas, tanto de enxovais quanto carros, ou agora até casas, então não têm mais a necessidade de viajar. Tem que sossegar. É cansativo, já não tem mais essa necessidade.*

A frequência de viagens tende a diminuir e isso é relatado de forma nostálgica, pela saudade das viagens e pelo prazer que conhecer outras cidades proporcionava, mas o comodismo da casa, o qual enfatizado como necessário para a saúde das crianças. As viagens diminuem na medida em que há maior preocupação com a escolaridade dos filhos, aumentando nas gerações mais jovens o valor pela educação formal. A saudade de viajar reflete a herança das memórias da identidade cigana, hoje não mais necessariamente nômade, numa sociabilidade

que se sustenta na cigana modificou-se com uma maior preocupação pelo bem-estar familiar.

A vida cigana das barracas ainda é vista pelos seus sobrados amplos sem paredes entre peças, o hábito de “*subir a cama*”, as comidas apimentadas, a música alegre e a língua *romani*. As viagens ainda se mantêm para festividades e visitação a parentes.

Como vi em campo, língua é uma das essências da identidade cigana. A realização da mulher como pilar da cultura   em sua tarefa de ensiná-la aos filhos. A cigana é a primeira grande professora das crianças no ensino da língua. A possibilidade de transmissão as próximas gerações é a garantia de que a cultura se mantenha, seja agregando valores externos   língua, seja buscando uma forma escrita como seria o desejo de Azaleia. Adaptando-se a forma que os integrantes do grupo desejarem ela viver  por inúmeras gerações dos filhos, presentes do céu, que ainda estarão por vir aos lares ciganos.

A liberdade e segurança da mulher cigana repousam no casamento estável e na benção de filhos para alegrar a casa. O casamento é uma grande festividade de cerca de três dias e três noites. As ciganas vestem-se de forma especial para tal evento, usando suas melhores roupas, as mais coloridas, novas e enfeitadas juntamente com todas as suas joias e melhores maquiagens. Ao ir a campo, percebo que há um grande apelo das ciganas para que sejam tiradas fotos delas. Valorizo tal pedido e passo a tirar fotografias nas quais elas sempre fazem questão de estarem com suas melhores roupas, as dos casamentos, as mesmas das usadas no ritual mais importante, o marco da entrada da cigana na vida adulta, concretizando a importância do retorno das fotos em suas solicitações a valorização por parte das ciganas desse registro visual. As ciganas me contam muito sobre como   tal festa, sendo a primeira noite relatada como a de mais importância.

[Orquídea] *A primeira noite é a primeira noite de tudo s  conversam antes, saem sempre em grupo. A mulher só pode fumar depois que casa, que já   dona da própria vida, beber só em festa mesmo depois de casada. O casamento é muito bonito e tem que receber bem os convidados. O padrinho é uma pessoa mais velha e experiente, ele que faz a benção e a oração, depois casam na Igreja para ter Deus com eles.*

Nesse estágio, após a primeira noite das festividades de casamento, que como no relato é visto se tratar de um evento grandioso, ela se encontra na vida adulta, podendo ser “*dona da própria vida*” apesar de ainda ter algumas restrições quanto ao seu comportamento, que deve ser “*recatado*” pela cigana ser sempre mais “*preservada*” que a “*brasileira*”, de acordo com Orquídea. Além de sua cultura mais “*preservadora*” as ciganas dispõem de segredos que me foram revelados depois de longo convívio. Em uma mesma cigana vislumbram-se três: a adulta e madura, a familiarmente conhecida em seu ambiente doméstico e a que é apresentada ao mundo fora de seu grupo cigano. A identidade de uma mesma cigana tem repouso em três pilares, como confirmam Ana da cigana Natasha e Edileusa da cigana Nazira:

A realização de uma criança cigana começa no momento da primeira mamada, quando a mãe sopra ao ouvido da criança seu primeiro nome secreto que ninguém mais conhecerá e que só lhe será revelado no dia do seu próprio casamento. Mais tarde, nos festejos, a criança receberá um segundo nome, este pare ser usado e conhecido no grupo. Finalmente, terá também um terceiro nome, este para ser usado apenas no mundo dos gadjos. Assim começará a ser forjada a identidade cigana dessa criança, seu primeiro mistério é a relação diferenciada com o mundo dos não-ciganos¹⁵⁰.

A identidade cigana se inicia no nascimento, se fortalece no casamento e na relação de oposição com os não ciganos, *gadjos*, com os três nomes cada cigano possuiria. Essa informação, retirada da literatura era para mim irreal até que presenciei com o passar dos anos os nomes se revelarem sem intenção das ciganas. Inicialmente descobri quando a inocente Camélia, de cinco anos, perguntou a mim se eu “*também tinha dois nomes*”. Respondi que não e perguntei se ela tinha. Disse-me que sim, mas que não podia dizer os dela, já a mãe, Orquídea, a menina me revela que se chamava também Frésia entre os familiares. O que Camélia também não sabia e que descobri tempo depois é que além de Orquídea e Frésia sua mãe também era chamada de Jasmim carinhosamente por dona Margarida, se referindo a ela dessa forma em momentos de distração em meio a minhas perguntas curiosas. Jasmim seria seu primeiro nome “*secreto*” enquanto cigana casada,

¹⁵⁰ ANA, da Cigana Natasha e EDILEUZA, da Cigana Nazira. *Mistérios do povo cigano: espíritos, simpatias, receitas e jogos*. Rio de Janeiro: Pallas, 1998. P. 7.

presumindo que a filha não tinha ainda maturidade para saber, cabendo a sogra no papel de segunda mãe também chamá-la assim. Com o tempo também notei que outras ciganas têm mais de um nome: dona Margarida também era chamada de Gardênia, a cigana Petúnia, de Cerejeira, a adolescente Dália, de Palma, e a jovem irmã de Violeta, Cravina, era chamada também de Gérbera.

A cigana deixa de ser criança com o ritual que se inicia em sua Festa de Quinze Anos, como presenciei nos relatos em idas a campo, onde se inicia as propostas de casamento de pretendentes, sendo uma festa grandiosa em que onde a comunidade cigana da cidade e proximidades reúne-se em um clube para festejar e comemorar a beleza da moça que estará se tornando mulher em breve. O encanto e a formosura dessas moças percorrem os comentários das famílias que foram em suas festas por meses após o evento, suas fotos com vestidos belíssimos, joias e maquiagens sendo estreadas são guardadas com carinho pelas ciganas mais velhas que recordam suas formas juvenis de outrora. Agora ela será cobiçada e desejada pelos jovens ciganos que a vêem, quanto mais linda ela for mais os rapazes disputarão sua atenção. Posteriormente, a cigana sairá da puberdade e será adulta no casamento e na vinda dos filhos. Nesse momento a mulher se vê com pilar de um novo lar e seu novo nome marca isso. Ela tem um protagonismo que na casa de seus pais não teria. Na questão dos costumes como tradicionais é no casamento que se mantém ainda, a estrutura da família e a transmissão da sociabilidade na preservação da cultura.

No caso da família cigana, apesar de presente uma grande influência paterna nos valores familiares, percebe-se que vários aspectos acompanham a tendência moderna, entre eles está uma maior livre escolha dos companheiros no casamento, que tem por sua tradição ser indicado pelos pais, sendo hoje em dia, no entanto, mais flexíveis quanto ao desejo dos filhos, e mais tolerantes em relação à idade dos pedidos de noivados e casamentos, respeitando a maioridade. A felicidade dessa passagem da infância para a vida adulta por meio do casamento não é vista por todas as ciganas como desejável, por, de certa forma, o casamento juvenil as privar da possibilidade de estudo e de vida independente de pai ou marido.

Entre a pesquisadora “*brasileira*” e a cigana apresentou-se conflitos entre os ideais de feminilidades esperados de cada um dos lados. Uma mulher na faixa dos

vinte anos vista como solteira e vivendo independentemente é considerada criança por parte das ciganas, o que me impediria de ir às festas de casamento e de ter maior convivência com os homens por representar um “*perigo*” para suas honras e um “*desrespeito*” para as mulheres ciganas, aprendizado que demorei a entender. A realidade cigana também é vista com estranheza por parte da pesquisadora, que vê em moças ciganas olhos cheios de perguntas e desejo de compartilhar a opção de estudo do que vem a ser sua vocação e do casamento um pouco mais tardio sem tanta pressão por parte dos pais para os cuidados com a família e a casa, ajudando a mãe.

O casamento modifica as obrigações do papel da cigana em sua família. Com vinda dos filhos ela será sua professora, terá que cuidar do marido e por vezes dos sogros. Em algumas situações as obrigações da mulher vão além dos cuidados domésticos, tendo grande importância sua ajuda ao marido em suas atividades e no orçamento familiar ou fazendo atividades próprias por conta geralmente de âmbito espiritual, como é o caso de Orquídea, que se coloca a serviço de quem necessita de ajuda e crescimento interno, num papel próximo ao de uma sacerdotisa. É cultivadora de verbenas, harmonizadora de segredos da alma e de carências misteriosas do corpo. Há no papel da cigana uma perspectiva de medicina tradicional doméstica que em alguns momentos se estendeu à pesquisadora. Destaco que houve entre nós uma troca de feminilidades, de universos que se complementa. Orquídea se dispôs a ser minha amiga e guia espiritual. Nos seus rituais de purificação trouxe-me a esperança de segurança pessoal e uma beleza que em suas palavras “*foi construída de dentro para fora*”. Tivemos trocas de aprendizado imensas nas quais Orquídea e Violeta me demonstraram os pilares da segurança feminina cigana espiritual e fisicamente.

Em nossas práticas de trocas — entre mim e as ciganas — a perspectiva do “dar”, do “receber” e do “retribuir” apresentou uma resposta imensamente gratificante por parte das ciganas. A retribuição para elas era concretizada em outra lógica, a qual demorei a compreender, mas que veio a ser de valor imensamente maior do que o esperado inicialmente.

No caso do relacionamento com dona Margarida, eu trouxe para a casa da cigana, presentes que ela teria dificuldades em buscar, presenteei dona Margarida com o mesmo que ela me presenteou dá em suas sacolas com comidas: algo que

não tenho acesso por não saber cozinhar como ela. *“Mas como tu ainda não aprendeu a fazer o chá?”*, me diz ela a cada vez que reconheço que o chá dela é único e não há como ser repetido em casas. Há um questionamento da minha feminilidade quanto à habilidade na cozinha, ela não compreende como não sei fazer coisas tão simples para ela.

Por vezes, tenho dificuldades em compatibilizar os pedidos com o que é trazido. Nesses casos, fica clara, por parte de dona Margarida, grande insatisfação, questionamentos sobre como não encontrei exatamente o que ela pediu. Outro questionamento que se torna explícito sobre minha feminilidade seria a compreensão sobre tecidos: *“Mas como tu não entende exatamente o tecido que eu te falei?”* o que no começo era frustrante se torna comum e percebo a prática do “não agradecimento” por parte da cigana, que também representa em si o simbólico da dívida que se teria ao agradecer e demonstrar prestígio ao receber o presente.

Dona Margarida oferece em troca, em agradecimento sincero e amável, sempre um novo convite de uma próxima visita. Ela espera minha companhia para os próximos almoços em família, chás no meio da tarde, conversas em meio ao serviço doméstico, conselhos, sorrisos e abraços.

Cartas da capa: Chave, Lírio, Cegonha¹⁵¹.

¹⁵¹ Cartas da capa:

33- Chave (8 de Ouro): o êxito, o crescimento e o sucesso dependem, única e exclusivamente, de seu empenho e dedicação em enfrentar e equacionar eficientemente os problemas que surgem em seu caminho.

30- Lírio (Rei de Espadas): o equilíbrio, a paz, a harmonia, ou uma nova perspectiva para a sua vida. Estabelecimento de estratégias.

17- Cegonha (Rainha de Copas): as mudanças, as viagens e os imprevistos da vida, tais como morte, gravidez e a quebra de rotinas, obrigam você a mergulhar fundo em seu ser, na busca das causas reais de sua existência, forçando-o a encarar seus medos, limitações e desejos ocultos, bem como sua capacidade de lidar com as questões de poder, controle e sexualidade em sua vida.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABBGNANO, Nicola. *Dicionário de filosofia*. 1998, 2ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

ADOLFO, Sérgio Paulo. *ROM: uma odisséia cigana*. Londrina: Ed. UEL, 1999.
ANA, da Cigana Natasha e EDILEUZA, da Cigana Nazira. *Mistérios do povo cigano: espíritos, simpatias, receitas e jogos*. Rio de Janeiro: Pallas, 1998.

ASSIS, Machado de. Dom Casmurro. Disponível em <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv00180a.pdf>. (Acessado 07/08/2010 às 23h)

AUGÉ, Marc. *O sentido dos outros: atualidade da antropologia*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

AUZIAS, Claire. *Os ciganos ou o destino selvagem dos Roms do leste*. Lisboa: Edições Antígona, 2001.

BARTH, Frederick. *Ethnic Groups and boundaries: The Social Organization of Culture Difference*. (org) Boston: Little Brown & Co. 1969.

_____. *O Guru, o iniciador e outras variações antropológicas*. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2000.

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

_____. *Identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

BECKER, Howard. *Métodos de Pesquisa em Ciências Sociais*. Hucitec: São Paulo, 1999.

BELTING, Hans. *Por uma antropologia da imagem*. REVISTA CONCINNITAS VIRTUAL: ano 6, volume 1, número 8, julho 2005.

_____. *Antropologia de La imagen*. Katz Conocimiento, Madrid: 2007.

BOURDIEU, Pierre. *O Poder Simbólico*. 6ª Edição ed. Bertrand Brasil. Rio de Janeiro, 2003.

BRANDÃO, José Carlos Rodrigues. *Identidade e Etnia: construção da pessoa e resistência cultural*. Brasiliense, 1986.

_____. *Memória, Sertão: Cenários, Cenas, Pessoas E Gestos Nos Sertões De João Guimarães Rosa e de Manuelzão*. São Paulo: Editorial Cone Sul, Universidade de Uberaba, 1998.

CAILLE, Alain. *Antropologia do Dom: o Terceiro paradigma*. Petrópolis: Vozes, 2002.

CARDOSO de OLIVEIRA, Roberto. *O trabalho do antropólogo*. 2 ed. Brasília: Paralelo 15; São Paulo: Editora Unesco, 2006.

_____. *Identidade, Etnia e Estrutura Social*. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1976.

CARVALHO, Inaiá Maria Moreira de; ALMEIDA, Paulo Henrique de. *Família e proteção social*. São Paulo: Perspectiva. vol.17 no.2 São Paulo Apr./June 2003.

CASTRO, Débora Soares. *O olhar de si e o olhar dos outros: um itinerário através das tradições e da identidade cigana*. Dissertação de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em História da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2011.

CHINA, José B. D'Oliveira. *Os Ciganos do Brasil*. São Paulo: Imprensa Oficial, 1936.

COELHO, Francisco Adolfo. *Os ciganos de Portugal: com um estudo sobre o calão*. Lisboa: Dom Quixote, 1995. (Original: 1892).

CORRÊA, Carlos Humberto. *História oral: teoria e técnica*. Florianópolis: UFSC, 1978.

CORTESÃO, Luiza e PINTO, Fátima. *O povo cigano: cidadãos na sombra – Processos Explícitos e Ocultos de Exclusão*. Porto: Edições Afrontamento, 1995.

COSTA, Eduardo Maia. Os ciganos em Portugal: breve história de uma exclusão. In:

CRUZ, Marcos. *Identidade e historiografia na Alta Idade Média*. XIII Encontro de História Anpuh-Rio. (Disponível em http://www.encontro2008.rj.anpuh.org/resources/content/anais/1212970909_ARQUIVO_IdentidadeehistoriografianaAltaIdadeMedia.pdf)

DA MATTA, Roberto. *Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro*. RJ: Guanabara, 1990.

DARBON, Sebastien. O Etnólogo e suas imagens. In: . SAMAIN, Etienne (org). *O fotográfico*. 2ª edição. SP: Editora Hucitec/Editora Senac São Paulo, 2005. P. 95.

DIAMANT, Anita. *A tenda vermelha*. Rio de Janeiro: Sextante, 2001.

DODE, Martiza & LIMA DA SILVA, Vanessa. *Ciganos: “mal feitos” invisíveis*. UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS, FACULDADE DE ADMINISTRAÇÃO E TURISMO - CURSO DE TURISMO. Trabalho referente a avaliação da disciplina Antropologia II. Pelotas: 2007.

DUBY, Georges. *Ano 1000, ano 2000: na pista de nossos medos*. São Paulo: Ed. UNESP/ Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 1999.

DUMONT, Louis. *O individualismo*. RJ: Ed. Rocco, 1985.

_____. *Homo Hierarchicus*. SP: EDUSP, 1992.

ENGELS, Friedrich. *A origem da família, da propriedade privada e do Estado*. RJ: Civilização Brasileira, 1982.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário Aurélio da Língua portuguesa*. 2004, 3ª Ed. Curitiba: Positivo.

FONSECA, Isabel. *Enterrem-me em pé: os ciganos e a sua jornada*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

FOOTE WHYTE, William. *Sociedade de Esquina: a Estrutura social de uma área urbana pobre e degradada*. Coleção ANTROPOLOGIA SOCIAL. Diretor: Gilberto Velho. Rio de Janeiro: Jorge ZAHAR Editor, S/d.

FRASER, Angus. *The Gypsies*. Oxford: Blackwell Publishers, 1992.

GANNEP, Arnold van. *Os ritos de passagem: estudo sistemático dos ritos da porta e da soleira, da hospitalidade, da adoção, gravidez e parto, nascimento, infância, puberdade, iniciação, coroação, noivado, casamento, funerais, estações, etc.* Petrópolis, Vozes: 1977.

GARCIA, José Ribamar. *Pra Onde Vão os Ciganos?* 2ª Ed. Rio de Janeiro: Litteris, 2006.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro, RJ: LTC, 1989.

_____. *O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

GIDDENS, Anthony. *Mundo em descontrole: o que a globalização está fazendo de nós*. Rio de Janeiro: Record, 2000.

GIL, Antonio Carlos. *Métodos e técnicas de Pesquisa Social*. São Paulo: Atlas, 2009.

GOFFMAN, Erving. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1980

_____. *Estigma: Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

HAGUETTE, Teresa Maria Frota. *Metodologias qualitativas na sociologia*. Petrópolis: Vozes, 2001.

HALL, Stuart. *A Identidade Cultural na Pós-Modernidade*. DP&A Editora: RJ, 1999.

HELLER, Agnes. *O cotidiano e a história*. 2ª ed., São Paulo, Paz e Terra (Filosofia), 1985.

KOSSOY, Boris. Fotografia e memória: reconstituição por meio da fotografia. In. .

SAMAIN, Etienne (org). *O fotográfico*. 2ª edição. SP: Editora Hucitec/Editora Senac São Paulo, 2005. P. 39.

LAKATOS, Eva Maria. *Fundamentos de metodologia científica*/ Marina de Andrade Marconi, Eva Maria Lakatos. 7 ed. São Paulo: Atlas, 2010.

LARAIA, Roque de Barros. *Cultura: um conceito antropológico*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1997

LEACH, Edmund. *A diversidade da antropologia*. Rio de Janeiro: Perspectivas do Homem/Edições 70.

LEITE, Miriam Lefehitz Moreira. *Retratos de família: imagem paradigmática no passado e no presente*. In. SAMAIN, Etienne (org). *O fotográfico*. 2ª edição. SP: Editora Hucitec/Editora Senac São Paulo, 2005.

LEVI-STRAUSS. *As estruturas Elementares do Parentesco*. RJ, Petrópolis: Vozes, 1982.

_____. *Antropologia Estrutural*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.

_____. *L'identité*. Paris: Puf, 1997.

LOCATELLI, Moacir Antonio. *O Ocaso de uma Cultura; uma análise antropológica dos ciganos*. Santa Rosa, Barcellos Livreiro e Editor, 1981.

MACÊDO, Oswaldo. *Ciganos: Natureza e Cultura*. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1992.

MARTINEZ, Nicole. *Os Ciganos*. Campinas, SP: Papirus, 1989.

MAUSS, Marcel. *Sociologia e Antropologia*. SP: EPU, 1974.

MAUSS, Marcel. *Sociologia e Antropologia*. SP: Cosac&Naif, 2003.

MAYBURY-LEWIS, David. *A Sociedade Xavante*. Tradução Aracy Lopes da Silva. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora S/A, 1984.

MEAD, George Herbert. *Self and Society*. Chicago 1934.

MELO, Fábio J. Dantas. *Os Ciganos - Calon de Mambai*. Brasília: Thesauru Editora, 2005

MELUCCI, Alberto. *Por uma sociologia reflexiva; pesquisa qualitativa e cultural*/ Alberto Melucci; Tradução de Maria do Carmo Alves do Bomfim. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

MENDES, Maria Manuela Ferreira. *Nós, os Ciganos e os Outros, Etnicidade e Exclusão Social*. Lisboa: Livros Horizonte, 2005.

MOONEN, Frans. *Anticiganismo: Os ciganos na Europa e no Brasil*. Juiz de Fora: Centro de Cultura cigana, 2008.

MORAES FILHO, Mello. *Os Ciganos no Brasil e Cancioneiro dos Ciganos*. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia, São Paulo: Ed. Da Universidade de São Paulo, 1981.

NOGUEIRA, Maria Alice e NOGUEIRA, Cláudio M. Martins. *Bourdieu e a Educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

NOVAES, Silvia. *O jogo dos espelhos*. SP: EDUSP, 1993.

PAIVA, Sérgio Rosa (org). *Mulheres do Rio Grande do Sul: Diversidade*. Porto Alegre: SFERASRP Editora de Artes, 2008.

PASTOR, Begoña Garcia. *“Ser Gitano” Fuera y dentro de La escuela: una etnografía sobre La educación de La infanciagitana em La ciudad de Valencia*. Consejo Superior de Investigaciones Científicas, s/d.

_____. *¿Qué entienden las y los gitanos por educación?* In Cadernos de Educação. Ano 17, N° 31. Faculdade de Educação PPGE, UFPel, 2008.

PEIRANO, Mariza. *A favor da etnografia*. RJ: Relume-Dumará, 1995.

PEREIRA, Cristina da Costa. *O povo cigano*. Rio de Janeiro: Gráfica MEC Editora, 1986.

_____. *Os ciganos ainda estão na Estrada*. Rio de Janeiro: Rocco, 2009.

PERIPOLLI, Gláucia Casagrande. *A Identidade da Família Cigana: Nostalgia da Sociabilidade Utópica*. Rio Grande: Universidade Federal do Rio Grande – FURG – Trabalho de Conclusão de Curso em História Licenciatura, 2010.

PIERONI, Geraldo. *Vadios e Ciganos, Heréticos e Bruxas – Os Degredados no Brasil Colônia*. Rio de Janeiro: Bertrad Brasil Ed, 2006.

POHL, J. B. E. *Viagem no interior do Brasil, empreendida nos anos 1817 a*

POLLAK, Michael. *Memória e Identidade Social*. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. *Variações sobre a técnica de gravador no registro da informação viva*. São Paulo: CERU e FFLCH/USP, 1983.

RADCLIFFE-BROWN, Alfred Reginald. *Estrutura e Função na Sociedade Primitiva*. Petrópolis: Vozes, 1973.

Relatório 2006 do grupo de trabalho para a promoção da cidadania cigana - Ministério da Cultura e Secretaria da Identidade e da Diversidade Cultural (http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/relatorio_gestao_2003_2006.pdf Acessado em 12/02/2010)

RICHARDSON, Roberto Jarry. *Pesquisa Social: Métodos y técnicas*. São Paulo: Atlas, 2008.

RICOEUR, Paul. *Interpretação e Ideologias*. Rio de Janeiro: F. Alves, 1988.

RINDERKNECHT, Karl. *Tsiganes: nomadesmystérieux*. Paris: Éditions Mondo: 1973.

ROCHA, Everardo P. Guimarães. *O que é etnocentrismo*. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1984

ROMÁN, Nelson Alquezare. *Alma Cigana, a Essência do Povo Cigano*. São Paulo: Ed. Navegar, 2004.

SALEM, Tania. *O velho e o novo: um estudo de papéis e conflitos familiares*. Petrópolis: Vozes, 1980.

SAMAIN, Etienne (org). *O fotográfico*. 2ª edição. SP: Editora Hucitec/Editora Senac São Paulo, 2005.

SANT'ANA, Maria de Lourdes B. *Os Ciganos: aspectos da organização social de um grupo em Campinas*. São Paulo, FFLCH/USP, 1983.

SEGALEN, Martine. *Ritos e Rituais Contemporâneos*. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2002.

SHAPIRO, Harry (org.). *Homem, cultura e sociedade*. Portugal. Ed. Fundo de Cultura, 1972.

SILVA, Benedicto (Coord). *Dicionário de Ciências Sociais*. 1986, Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas.

SIMÕES, Silvia. *Ciganos: Perspectivas e desafios na busca por direitos fundamentais*. Anais do II Seminário Nacional. Movimentos Sociais, Participação e Democracia. 25 a 27/04/2007, UFSC, Florianópolis, Brasil. Núcleo de Pesquisa em Movimentos Sociais – NPMS.

SIMPSON, Olga Rodrigues de Moraes Von. Imagem e memória. In. SAMAIN, Etienne (org). *O fotográfico*. 2ª edição. SP: Editora Hucitec/Editora Senac São Paulo, 2005.

SPACASSASSI, Geraldo. *Baralho Petit Lenormand - Teoria & Prática*. São Paulo: Totalidade, 2007.

STRATHERN, Marilyn. *O gênero da dádiva. Problemas com as mulheres e problemas com a sociedade na Melanésia*. Campinas, Editora da Unicamp, 2006.

SULPINO, Maria Patrícia Lopes. *Ser Viajor, Ser Morador: Uma análise da construção da identidade cigana em Souza – PB*. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Dissertação de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, 1999.

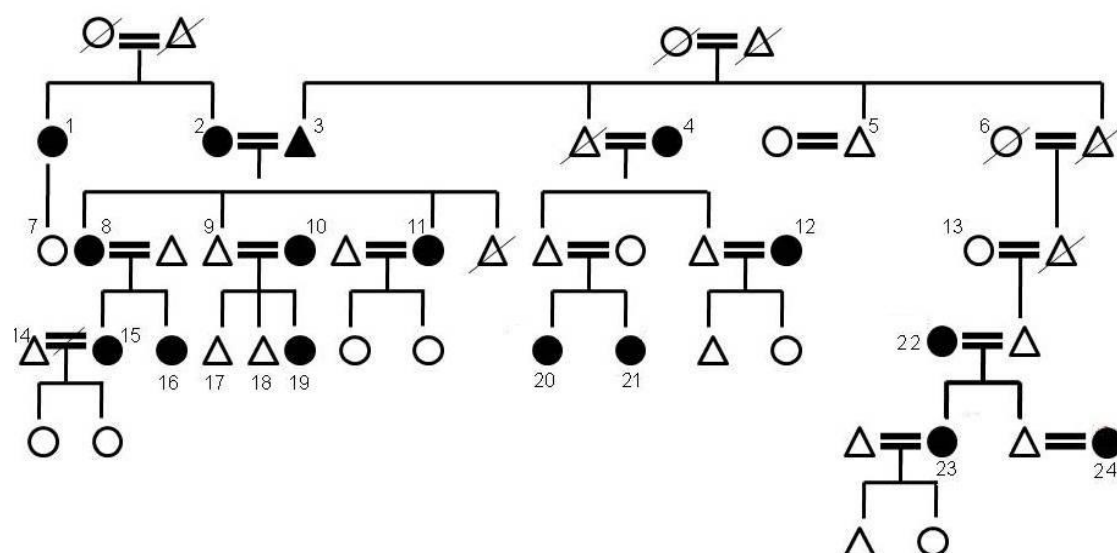
VERENA, Alberti. *Manual de história oral*. 3ª Ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2005.

WAGNER, Roy. *A invenção da cultura*. SP: Cosac &Naify, 2006.

ANEXOS

Anexo 1: Genealogia Parentela Narciso

FAMÍLIA NARCISO¹⁵²



¹⁵² Os termos Narciso, Girassol, Peônia e Calêndula são sobrenomes, destacados em itálico.

1. Petúnia/Cerejeira¹⁵³ *Narciso* – Residente em Quaraí/Pelotas, RS
2. Margarida/Gardênia *Narciso* – Residente em Pelotas, e em transito por Piratini, Rio Grande, Bagé, São Borja, Quaraí, RS
3. Lírio *Narciso* – Residente em Pelotas, e em transito por Piratini, Rio Grande, Bagé, São Borja, Quaraí, RS
4. Acácia *Narciso* – Residente em Pelotas, RS
5. Residente em São Lourenço do Sul, RS
6. Magnólia *Narciso* – Residente em Pelotas, RS
7. Filha adotiva de Petúnia
8. Semânia *Narciso Girassol* – Residente em Bariri, SP e em trânsito por Pelotas, RS
9. Cravo *Narciso* – Residente em Piratini/Pelotas, RS
10. Orquídea/Jasmim/Frêsia *Narciso* – Residente em Piratini/ Pelotas e em transito por Rio Grade e Herval, RS
11. Papoula *Narciso* – Residente próximo a Santa Maria e em trânsito por Pelotas, RS
12. Tulipa *Narciso* – Natural de Bagé e residente em Pelotas, RS
13. Prímula *Narciso* – Residente em Pelotas, RS
14. Ex-marido de Violeta – Natural de Tapera, PR
15. Violeta *Narciso Girassol* – Residente em Bariri, SP e em trânsito por Pelotas, RS
16. Cravina/Gérbera *Narciso Girassol* – Residente em Bariri, SP e em trânsito por Pelotas, RS
17. Crisântemo *Narciso* – Residente em Piratini/Pelotas, RS
18. Hibisco *Narciso* – Residente em Piratini/Pelotas, RS
19. Camélia *Narciso* – Residente em Piratini/Pelotas, RS
20. Dália/Palma *Peônia Narciso* – Residente em Pelotas, RS
21. Íris *Peônia Narciso* – Residente em Pelotas, RS
22. Hortência *Narciso* – Natural de Blumenau, SC e residente em Pelotas, RS
23. Azaleia *Narciso Calêndula* – Em transito por SP, PR, SC e RS e em processo recente de fixação de residência em Pelotas RS
24. Lavanda *Narciso* – Moça “*brasileira*” casada com cigano, residentes em Pelotas, RS

¹⁵³ Os nomes separados por barras simbolizam que há pluralidade de nomes atribuídos a uma mesma cigana, sendo utilizado como referência no texto apenas o primeiro dos nomes citados.

Anexo 2: Mapa dispersão cigana pela Europa

Fonte: LOCATELLI, Moacir Antonio. *O Ocaso de uma Cultura; uma análise antropológica dos ciganos*. Santa Rosa, Barcellos Livreiro e Editor, 1981. P. 108.



Anexo 3: Mapa do Brasil: Estados e Capitais

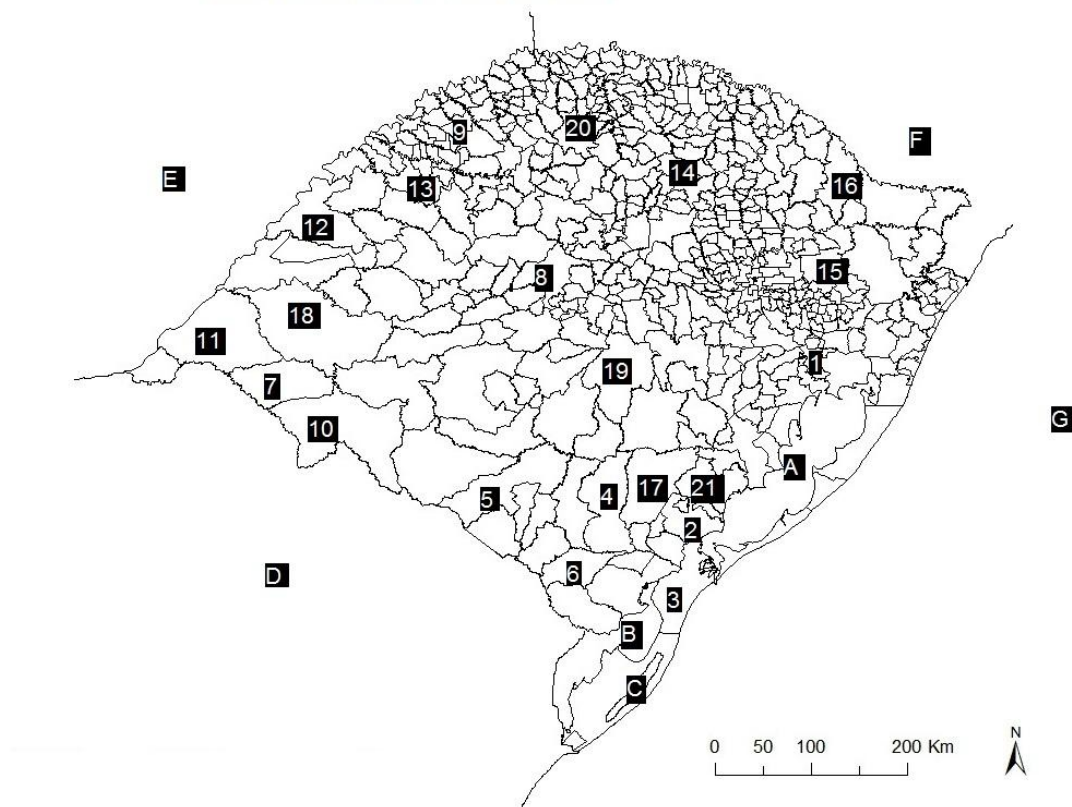
Anexo 3:
Brasil: Estados e Capitais



Elaborado a partir de base cartográfica do IBGE

Anexo 4: Mapa do Rio Grande do Sul: Municípios

Anexo 4:
Estado do Rio Grande do Sul: Municípios



Anexo 4: Legendas Mapa do Rio Grande do Sul: Municípios

1. Porto Alegre
2. Pelotas
3. Rio Grande
4. Piratini
5. Bagé
6. Herval
7. Quaraí
8. Santa Maria
9. Santa Rosa
10. Santana do Livramento
11. Uruguaiana
12. São Borja
13. São Luiz Gonzaga
14. Passo Fundo
15. Caxias do Sul
16. Vacaria
17. Canguçu
18. Alegrete
19. Cachoeira do Sul
20. Palmeira das Missões
21. São Lourenço do Sul

Referências de Localização:

Referências A: Lagoa dos Patos

Referências B: Lagoa Mirim

Referências C: Lagoa Mangueira

Referências D: Uruguai

Referências E: Argentina

Referências F: Estado de Santa Catarina

Referências G: Oceano Atlântico

Anexo 5: Benção/Oração Santa Sara

Oração a Santa Sara

A cigana tem o mistério, pois, do futuro, tudo entende. Na Lua cheia tem sua magia; em seus cristais está sua energia; seu incenso é sabedoria, sua dança é alegria; com suas fitas coloridas tem fama de andarilha. O fogo revela o futuro, o poder, a força da natureza. A violeta é o seu perfume. Santa Sara é sua padroeira.

" Santa Sara, pelas forças das águas, Santa Sara, com seus mistérios, possa estar sempre ao meu lado, pela força da natureza.

— Nós, filhos dos ventos, das estrelas e da Lua cheia, pedimos à senhora que esteja sempre ao nosso lado, pela figa, pela estrela de cinco pontas, pelos cristais que não de brilhar sempre em nossas vidas. E que os inimigos nunca nos enxerguem, como a noite escura, sem estrelas e sem luar.

A Tsara é o descando do dia-a-dia, a Tsara é a nossa tenda. Santa Sara, me abençoe; Santa Sara, me acompanhe.

Santa Sara, ilumine minha Tsara, para que todos que batam à minha porta eu tenha sempre uma palavra de amor e de carinho. Santa Sara, que eu nunca seja uma pessoa orgulhosa, que eu seja sempre a mesma pessoa humilde."

BEL-KARRANO
DEUS-CÉU

Anexo 6: Lista de pedidos de Orquídea

(2 cachas de bamban } DATA / 0000
2 ovos de ..
1 pacote de Bala

(1 Pacote de Pirulito }
1 maximelo.

Anexo 7: Anúncio de dona Jaqueline

SEU AMOR AO SEUS PÉS

EM ATÉ 21 DIAS

ANDAS PREOCUPADO E NÃO ENCONTRA SAÍDA PARA SEUS PROBLEMAS DE: AMOR, SAÚDE, NEGÓCIOS, DEPRESSÃO, DESARMONIA NO LAR, IMPOTÊNCIA SEXUAL, DEMANDAS, FILHOS PROBLEMÁTICOS? NÃO PERCA A FÉ! DONA JAQUELINE TEM A SOLUÇÃO ATRAVÉS DA ALTA VIDÊNCIA, TARO E CARTAS!

FAZ E DESFAZ QUALQUER TRABALHO ESPIRITUAL**TRABALHOS REALIZADOS NA FRENTE DO CLIENTE 100% GARANTIDO**

Diariamente das: 9:00 às 20:00h

Rua Marcelo Gama, 512 AP 204

ATENDE SÁBADO E DOMINGO

51-9602.3706 / 82721853

Anexo 8: Lista de pedidos de Tulipa

- livros
(princesinha, princesas, barbie,
beloe fro pó tem)
e de pintar